

Universidade Federal de São Carlos
Programa de Pós-Graduação em Filosofia



O DUALISMO PULSIONAL EM FREUD

Sabrina Marioto

São Carlos

2016

Universidade Federal de São Carlos
Programa de Pós-Graduação em Filosofia



O DUALISMO PULSIONAL EM FREUD

Sabrina Marioto

**Dissertação de mestrado
apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Filosofia da
Universidade Federal de São
Carlos, para obtenção do título
de mestre em Filosofia.**

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria

Co-Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

São Carlos

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas

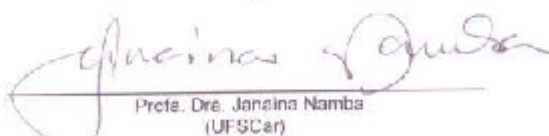
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a defesa de dissertação de mestrado da candidata Sabrina Marioto, realizada em 23/02/2017.



Prof. Dra. Ana Carolina Soliva Soria
(UFSCar)



Prof. Dra. Jansina Namba
(UFSCar)

Prof. Dra. Carlota Maria Ibertis de Lassalle Casanave
(UFBA)

Certifico que a sessão de defesa foi realizada com a participação à distância do membro Prof. Dra. Carlota Maria Ibertis de Lassalle Casanave, depois das anguições e deliberações realizadas, a participante à distância está de acordo com o conteúdo do parecer da comissão examinadora redigido no relatório de defesa da aluna Sabrina Marioto.



Prof. Dra. Ana Carolina Soliva Soria
(Presidente da Comissão Examinadora
(UFSCar))

**À minha mãe (*in memoriam*),
que me ensinou sobre a vida,
mesmo diante da presença inexorável da morte.**

AGRADECIMENTOS

Mas afinal, o que é a morte? Este trabalho nasceu em meio a questionamentos a respeito da vida, da morte e do morrer e possibilitou a elaboração de um longo processo de luto. Nesta jornada contei com minha família, com amigos de perto e de longe, com o trabalho e descobri no amor motivos para continuar.

Agradeço aos meus pais Dilva Silveira Marioto e José Carlos Marioto, que me ensinaram o valor dos sonhos. Ao irmão Leonardo Marioto com quem posso discutir sobre a vida e assim, re-pensar o mundo. Ao meu companheiro na vida, José Antonio Alves Júnior, primeiro a me incentivar a percorrer essa jornada e que me acreditar que ela era possível.

Aos amigos Tamie, Evandro, Sarah, Cintia, Elza e Celene, minha família de coração e à grande amiga Mariana Quincozes, que me fez comprovar que uma grande amizade resiste ao tempo e à distância. Agradeço também à amiga Kátia Kormann Morel, amiga e parceira de trabalho com quem dividi as angústias deste percurso, bem como as questões que o fazer analítico me coloca.

A Diva por sua escuta precisa, pelas discussões teóricas e pontuações que sempre me colocam a trabalho e me fazem ir além.

Aos professores Luiz Damon e Débora Morato, Janaina Namba e Carlota Ibertis.

Aos funcionários e colegas do Departamento de Filosofia.

Por fim, agradeço especialmente à professora Ana Carolina, orientadora deste trabalho e Luiz Roberto Monzani, co-orientador, que me ensinaram a ler e a estudar Freud e a quem serei eternamente grata. Levarei cada discussão, ‘puxão de orelha’, questionamento, pois suas contribuições se estendem muito além deste trabalho.

SUMÁRIO: Este trabalho tem como propósito discutir o dualismo pulsional em Freud, defendendo que a passagem de um dualismo a outro não se configura enquanto uma ruptura em sua teoria, mas sim enquanto movimento em seu pensamento. Para isso, partimos da análise do conceito de pulsão, marcando sua especificidade quando comparada ao instinto animal e apresentando de que maneira as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação possibilitaram o aparecimento de dois modos diferentes de processar a energia psíquica. Em seguida, tratamos do conflito psíquico que se inicia com o processo de recalque e tem como pano de fundo o duelo travado entre a sexualidade e a autoconservação, assunto que nos interessa, pois veremos como a clínica e seus impasses acabam por trazer problemas à primeira teoria pulsional. Por este motivo, trataremos das dificuldades trazidas pelas parafrenias e pelo conceito de narcisismo que acabam por esfumegar o primeiro dualismo. Por fim, veremos como a neurose traumática e a compulsão à repetição trazem elementos novos à Freud e culminam na elaboração de uma nova definição do pulsional, que agora será pensado também a partir da disputa travada entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

PALAVRAS-CHAVE: Freud- Pulsão- Dualismo pulsional- Repetição- Vida- Morte

ABSTRACT: The purpose of this paper is to discuss Freud's dualistic drive, arguing that the transition from one dualism to another is not a rupture in his theory, but rather a movement in his thinking. For this, we start from the analysis of the concept of drive, marking its specificity when compared to the animal instinct and showing how the sexual drives and the drives of self-preservation allowed the appearance of two different ways of processing the psychic energy. Next, we deal with the psychic conflict that begins with the process of repression and has as a background duel between sexuality and self-preservation, a subject that interests us, because we will see how the clinic and its impasses end up bringing problems to the first Theory. For this reason, we will deal with the difficulties brought about by paraphrenias and by the concept of narcissism that end up smoothing the first dualism. Finally, we will see how traumatic neurosis and the compulsion to repetition bring new elements to Freud and culminate in the elaboration of a new definition of the drive, which will now also be thought from the dispute between the life drives and the death drive.

KEYWORDS: Freud- Drive- Dualistic drive- Repetition- Life- Death

“A Morte é a companheira do Amor- prosseguiu Freud. – Juntos eles regem o mundo. Isso é o que diz meu livro *Além do princípio de prazer*. No começo a psicanálise supôs que o Amor tinha toda a importância. Agora sabemos que a Morte é igualmente importante”.

Sigmund Freud, 1926

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: AS PULSÕES	
1.1. Definição	7
1.2 Os usos do termo <i>Trieb</i>	12
1.3 Propriedades das pulsões (fonte, pressão, meta, objeto)	16
CAPÍTULO 2: A PULSÃO NO APARELHO PSÍQUICO	
2.1 O problema do prazer/desprazer	36
2.2 Princípio de prazer e princípio de realidade	41
CAPÍTULO 3: O DUALISMO PULSIONAL E O CONFLITO PSÍQUICO	
3.1 O conflito psíquico	54
3.2 O processo de recalque e a separação das instâncias psíquicas	61
3.3 O conflito e as duas classes de pulsões	69
Capítulo 4: A CRISE	
4.1 As neuropsicoses narcísicas: Freud versus Jung	75
4.2 O narcisismo	79
Capítulo 5: RUMO ÀS PULSÕES DE MORTE	
5.1 O traumático	88
5.2 A compulsão à repetição	99
5.3 O novo dualismo pulsional	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	132

INTRODUÇÃO

“Nossa concepção foi desde o começo dualista, e o é de maneira mais clara hoje, quando deixamos de chamar os opostos de pulsões egóicas e pulsões sexuais, para dar-lhes o nome de pulsões de vida e pulsões de morte” (FREUD, 2006 [1920], p. 51).

A frase acima marca o posicionamento de Freud frente às acusações que sofreu por parte de seus opositores teóricos. Tais acusações defendem que por mais que Freud tenha tentado sustentar uma dualidade presente no psiquismo humano, sua teoria pulsional carrega tantos problemas que é impossível não colocá-lo ao lado dos teóricos monistas.

Seu mais forte opositor foi Jung, que segundo Peter Gay¹ era também seu filho mais amado. “Jung era a garantia de que a psicanálise sobreviveria depois que seu fundador tivesse abandonado o palco e Freud amava-o por isso” (p. 195). Mas a amizade entre os dois não duraria muito tempo. Jung nunca acatou totalmente as hipóteses de Freud e tentava convencê-lo de que a sexualidade não deveria ter um papel tão importante assim na etiologia das neuroses e da psicose. Aliás, será o estudo das psicoses, chamadas parafrenias, que colocará um divisor de águas entre as teses de Freud e as de Jung.

Freud defendeu até o final de sua teoria que o aparelho psíquico era dominado por duas forças antagônicas. A princípio estas forças foram identificadas sob os signos da sexualidade e da autoconservação, ou dito de outra maneira, os interesses da espécie e os interesses do indivíduo. Mas então os fenômenos da neurose traumática e da

¹ GAY, P. Freud: uma vida para o nosso tempo, 2007.

repetição levaram Freud a um mais-além desse conflito. A briga é levada para um patamar que transcende a espécie humana e a partir de 1920 o conflito será localizado no interior da vida orgânica.

Isso, porém, não significou um abandono do primeiro dualismo em prol do segundo. Freud continuará defendendo que a divisão entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação ou egóicas permite entender e tratar os fenômenos da neurose de transferência, sendo o sintoma a manifestação deste conflito. Para nós não se trata, portanto de uma ruptura teórica, mas sim de um *movimento no pensamento de Freud*.

Ao introduzir os conceitos de pulsão de vida e de morte, seu objetivo não foi de defender uma evolução no conceito de pulsão ou oferecer um substituto que desse conta dos problemas enfrentados com o primeiro dualismo pulsional. Mas esta posição não é unânime dentre os estudiosos da obra de Freud.

Ricoeur (1977), por exemplo, em *Da interpretação: um ensaio sobre Freud*, aponta que o conceito de pulsão de morte provocou uma revolução conceitual, conforme lemos nestes trechos: “O próprio título, Além do princípio de prazer, nos previne suficientemente que é nesse nível, no nível das hipóteses mais gerais que concernem ao funcionamento da vida, que a *revolução* deve ser dirigida” (p. 215) ou ainda “(...) a mais antiga formulação do princípio de realidade será a que mais resistirá à *revolução* suscitada na doutrina pela introdução da pulsão de morte” (p. 216).

É claro que o conceito de pulsão de morte permitirá a Freud avançar principalmente nos estudos sobre a cultura e os fenômenos de grupo, mas a concepção mortuária que esse conceito traz a teoria já estaria, a nosso ver, presente em toda a obra de Freud, não sendo um conceito revolucionário como aponta Ricoeur. E isso pode ser sustentado a partir da concepção freudiana de prazer. Segundo Monzani (1989),

(...) quando, por fim, reconhecemos que o prazer, no pensamento freudiano, não é solidário a uma ontologia da positividade, mas sim

que ele é a forma mesma do negativo, ocorrendo isso desde o início e atravessando toda obra quando também constatamos que, ao invés de ser uma afirmação isolada e esporádica, é, ao contrário, uma tese constante- isto é, aquela que diz que nosso aparelho anímico e nervoso tem como tendência fundamental, básica e primária a evacuação total das tensões-, então, somos obrigados a concordar que essa atração mortal está reconhecida desde os primeiros textos de Freud, que ela domina todo o cenário e exprime a aspiração mais recôndita de todo ser vivo (p. 219).

O problema do prazer/desprazer percorre toda a obra de Freud e denuncia o modo de funcionamento do aparelho. A partir do ponto de vista econômico, sabemos que todo aumento de tensão será sentido como desprazeroso, enquanto que a diminuição da tensão será sentida sob a forma de prazer. Ora, se o aparelho visa evitar qualquer desprazer, isso não significa que seu objetivo é livrar-se de toda excitação que lhe invade? E livrar-se de toda excitação não significa retornar a quietude do inorgânico, à morte?

Assim, nos parece que a própria lógica do aparelho traz em si a presença inexorável da morte. Mas, para que haja Morte é preciso que tenhamos também a Vida. Como aponta Derrida², não há uma vida primeiro que depois viria a se proteger, a proteção da vida já é sua essência e é só após se firmar enquanto ‘vida’ que o ser pode surgir enquanto presença.

Em Freud, o surgimento da vida se mescla ao surgimento da própria pulsão. Para o autor, a primeira pulsão surge quando a matéria inanimada buscou, após ser tensionada por estímulos externos, regressar ao estado anterior, procurando destencionar-se. A partir deste momento ‘primeiro’ a vida ganha uma trajetória e um destino, que será cumprido devido ao caráter histórico das pulsões que conservaram em si o caminho rumo à vida e ao inorgânico.

² DERRIDA, J. Freud e a cena da escritura. In: A escritura e a diferença, 2005.

Se o indivíduo morre por razões internas, a espécie se mantém pelo laço estabelecido entre dois mortais. A Vida se mantém na união, na fusão e a morte se coloca como finalidade de cada ser. Por um lado, o vivo quer esvaziar a energia pulsional, descarregar toda excitação, por outro, quer repetir o primeiro sopro de vida. Quando pensamos no indivíduo, a morte parece vencer a batalha, mas é na coletividade que Eros ganha força. A Vida é coletiva, é união, seja de duas células, de dois gametas ou de vários seres.

Como aponta Ricoeur³,

É a isso que Freud chama Eros; o desejo do outro está imediatamente implicado na posição de Eros; é sempre com um outro que o ser vivo luta contra a morte, que ele busca isoladamente, separadamente, pelos longos desvios da adaptação ao meio natural e cultural. Freud não busca o impulso em algum querer viver inscrito em cada um: no ser vivo só, ele encontra apenas a morte (p. 242)

É disto que o novo dualismo pulsional irá tratar: da presença de uma historicidade presente na vida, que se manifesta através de dois impulsos contrários: impulsionar à frente e ao mesmo tempo querer retornar um passo atrás. Esses impulsos escapam a consciência e a linguagem e é por isso que, a nosso ver, o *Além do princípio de prazer* é um texto tão, ao menos aparentemente, desconexo e cheio de voltas. Há algo sendo delineado nele e as aparentes dificuldades apenas denunciam a impossibilidade de tratar pela via da linguagem algo que só pode ser apreendido por aproximações, metáforas ou alusões.

Aliás, o próprio conceito de pulsão carrega em si essa dificuldade: como falar de algo que é anterior à linguagem? Isso porque no humano, o biológico só pode se dar de forma indireta, ou seja, para saber do próprio corpo é preciso que primeiro este seja representado no psiquismo. E aqui já se coloca uma primeira distinção, tal como

³ RICOEUR, P. Da Interpretação: ensaio sobre Freud, 1977.

entendemos e pretendemos analisar em nosso trabalho, pulsão e instinto não se equivalem. É desta primeira distinção que partiremos. Em seguida, trataremos das propriedades das pulsões, marcando a especificidade do termo cunhado por Freud e que vale tanto para a sexualidade quanto para a autoconservação.

Em seguida, defenderemos que é a partir da diferença na natureza das classes de pulsões que o aparelho se constitui. Para isso, trataremos do problema do prazer/desprazer e das duas formas de processar a energia psíquica, representados pelo princípio de prazer e o processamento primário, de um lado, e o princípio de realidade e o processamento secundário, de outro.

Mas nada disso se sustenta se não levarmos em consideração que a psicanálise nasce da observação clínica e tem como objetivo entender e tratar a neurose. Por isso, na parte três discutiremos o conflito psíquico, o processo de recalque e a divisão entre as instâncias, bem como a participação das pulsões sexuais e de autoconservação nestes processos.

Se a clínica organiza a teoria e apresenta os novos problemas a Freud, a princípio será a parafrenia quem colocará dificuldades ao autor. Após publicar o caso Schreber, Freud foi acusado por Jung de não conseguir explicar e tratar a psicose, apontando que a teoria pulsional não era suficiente para dar conta dos fenômenos apresentados por essa enfermidade. É então que Freud se aproxima do ego e de seus processos e formula o conceito de narcisismo que traz possibilidades de repensar a parafrenia e a paranóia, ao mesmo tempo em que trazem problemas profundos à primeira teoria pulsional freudiana.

A estes problemas, se somaram os trazidos pela neurose traumática e pela compulsão à repetição que levaram Freud a desvendar processos que se colocariam para além do princípio de prazer, sendo eles mais antigos e independentes deste princípio. É

então que, a partir de uma somatória de restos inexplicáveis, Freud apresenta outra definição do pulsional, que o obriga a revisitar sua primeira teoria pulsional.

A pulsão é, a partir de 1920, entendida como o representante da natureza conservadora da vida, possuindo também uma característica regressiva. A repetição está inscrita na natureza do pulsional, daí sua força. De um lado, a Vida, buscando conservar e repetir as modificações que lhe foram impostas, e de outro, a Morte, buscando alcançar a meta que precisou abandonar de retornar ao inorgânico. De um dualismo a outro, Freud passa de uma discussão sobre a espécie humana para uma discussão sobre a natureza do vivo e do mundo orgânico em geral.

CAPÍTULO 1: AS PULSÕES

1.1 Definição

Alguns estudiosos de Freud, dentre estes destacamos Laplanche, Green e Simanke, defendem a tese de que Freud possui uma visão monista do aparelho psíquico. Para estes, por mais que Freud tente sustentar a existência de um dualismo de base em sua teoria pulsional, o que se observa no desenrolar de seus argumentos é a dificuldade em separar as duas classes de pulsões e sustentar suas diferenças.

Nosso trabalho se coloca ao lado daqueles que sustentam que a teoria dualista das pulsões se coloca como pedra angular da psicanálise, sendo a constituição do aparelho psíquico consequência das diferenças existentes entre as classes de pulsões. Nosso objetivo foi investigar o dualismo proposto por Freud, marcando as dificuldades encontradas pelo autor na elaboração e sustentação dessa hipótese, que parte da diferenciação entre autoconservação e sexualidade e que depois é radicalizada com as noções de pulsão de vida e pulsão de morte.

Na primeira parte deste trabalho iremos trabalhar o conceito de pulsão. Para isso partiremos do termo ‘pulsão’ e sua diferenciação do instinto, já que nossa hipótese é que o instinto não recobre a pulsão freudiana; constatação que fica evidente ao investigarmos as propriedades da pulsão e o problema do apoio, problemas também abordados neste capítulo. No segundo capítulo investigaremos a pulsão e o aparelho psíquico a partir do problema do prazer/desprazer e dos princípios de prazer e de realidade, responsáveis por regular o escoamento de energia pulsional no interior do

psiquismo. Estes pontos nos levarão ao conflito psíquico e sua relação com as duas classes pulsionais, o problema do recalque e a relação existente entre as classes de pulsões e a formação dos diferentes sistemas psíquicos, assuntos abordados no capítulo três. Nestes três momentos, veremos que o autor se depara com entraves que fazem vacilar o dualismo pulsional. Estes entraves se agravam com o estudo das parafrenias⁴ que levam Freud ao problema do narcisismo e a dificuldade em explicar a existência de componentes libidinais no interior do ego, objeto de investigação de nosso capítulo quatro. Por fim, no quinto capítulo, investigaremos como o trauma e a compulsão à repetição trazem problemas novos à psicanálise, que culminam com a elaboração do conceito de pulsão de morte.

Trataremos agora do termo pulsão. Sabemos que para Freud, todo ser vivo é afetado por afluxos de estimulação que provêm tanto da sua relação com o mundo externo, pois a vida submete-se as leis e forças da natureza, quanto da relação que o ser vivo mantém com o próprio corpo, seu aparato biológico. Para ilustrar esta relação, basta pensarmos em como o ser vivo reage frente a um aumento muito elevado de estimulação, por exemplo, quando é submetido a temperaturas elevadas ou modificações bruscas nas condições atmosféricas. Contra tais estímulos, que podem levar o organismo vivo à morte, é possível empreender a fuga ou ainda criar mecanismos internos de proteção.

Tais ações serão empreendidas por um sistema especial que existe no interior dos organismos vivos, o aparelho psíquico. Segundo Freud⁵, sua função principal será lidar com os estímulos que o afetam, estabelecendo caminhos de vazão ao excesso de estimulação advinda tanto do mundo interno quanto do mundo externo. Mas a forma de

⁴ Termo utilizado para Freud para designar a esquizofrenia e a paranoia (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 334).

⁵ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006[1920], p. 24. Encontramos esta mesma concepção em outros textos: *La interpretación de los sueños* AE, V, 2006[1900], p. 557; *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 115-116.

conter cada tipo de estímulo (interno ou externo) será diferente, dado que cada um possui uma especificidade.

Os estímulos externos, por exemplo, são estímulos que agem de forma momentânea sobre o organismo, possuindo um tempo determinado de duração. São provenientes das forças da natureza e frente a eles o organismo adota uma forma de conduta específica: expulsá-los para fora de seu próprio corpo através de uma ação⁶. É isso o que observamos no modelo do arco-reflexo em que uma ação, pré-estabelecida é acionada e cujo objetivo é afastar o organismo do evento agressor através do comportamento de fuga ou através de um comportamento reflexo involuntário. Tais ações específicas são utilizadas como ferramentas da espécie para manutenção da vida e se aproximam do conceito utilizado pela biologia para se referir ao instinto presente nos animais⁷.

Já os estímulos internos são, em sua maioria⁸, provenientes das pulsões, “as representantes de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico”⁹, manifestando-se enquanto força constante de estimulação. A pulsão é para Freud, “o mais importante e também o mais obscuro objeto da investigação psicanalítica”¹⁰. Cabe ainda acrescentar que a pulsão será entendida enquanto “um conceito-limite” localizado entre o psíquico e o somático¹¹.

“Tanto a pulsão quanto o estímulo exigem uma ação de acordo com um fim que cancele a influência do estímulo sobre a substância estimulada¹²” (SORIA, 2012, p. 22), sendo a pulsão um tipo especial de estímulo. É para dar conta das diferenças na ação

⁶ FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 114-116.

⁷ *Ibid.*, p. 117.

⁸ Freud aponta que o psiquismo também é afetado por estímulos fisiológicos, sendo a pulsão um tipo especial de estímulo. Ver *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915].

⁹ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006[1920], p.34.

¹⁰ *Idid.*, p. 34.

¹¹ FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 117.

¹² SORIA, A. C. S. *Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud*, Paco Editorial, 2012.

empreendida pelo aparelho para lidar com o que vem de dentro e com o que vem de fora, que Freud concebe o termo *Trieb*, que a nosso ver não pode ser traduzido simplesmente por estímulo.

Neste ponto podemos questionar por que foi necessário conceber uma diferenciação entre os termos estímulo e pulsão, argumentando que Freud poderia ter escolhido ‘estímulos internos’ para contrapô-los aos ‘estímulos externos’ e assim abarcar a diferença entre o que vem de dentro e o que vem de fora.

É aqui que o dualismo pulsional ganha uma primeira significação. Para Freud há duas classes de pulsões, ou se preferir, duas classes de estímulos internos: um grupo que visa a preservação do organismo e outro que visa a manutenção da espécie. Tais interesses são defendidos pelas pulsões de autoconservação ou pelas pulsões sexuais, cabendo às primeiras manter o indivíduo vivo e às segundas alcançar o prazer sexual obtido com o escoamento da excitação¹³. Assim, além do *Trieb* referir-se a um tipo específico de estimulação (que provém do interior do organismo), também aponta para uma oposição presente em seu interior, que ganhará maior expressão ao investigarmos sua relação com o surgimento dos sistemas psíquicos, bem como o conflito neurótico.

Por enquanto queremos apontar que as pulsões exigem do aparelho psíquico formas específicas de contenção, posto que a fuga não possui serventia, já que é impossível fugir de si mesmo. Se a fuga não pode ser utilizada, o aparelho precisará encontrar outras formas de conter estes estímulos o que o obrigará a criar novas vias de escoamento. É por isso que, em sua primeira teoria pulsional, Freud concluirá que são as pulsões o verdadeiro motor do desenvolvimento psíquico humano¹⁴.

Assim, a especificidade do termo pulsão como correspondente de *Trieb*, nos remete a uma estimulação que brota no/do corpo. Diante disso, poderíamos levantar a

¹³ A diferença entre as classes de pulsões, bem como seu modo de circulação no interior do aparelho serão tratados, respectivamente, no capítulo um e no capítulo dois deste trabalho.

¹⁴ Essa tese será questionada em *Além do princípio de prazer*.

seguinte questão: pois bem, sabemos que a pulsão, *Trieb*, não pode ser traduzida por ‘estímulo interno’ pois há dois tipos diferentes de estímulos internos: os que visam preservar a espécie e os que visam preservar o indivíduo. Tal diferenciação nos leva as propriedades do *Trieb*, componentes que não são encontrados no estímulo em si.

Mas há um problema ainda maior. Dissemos no início que os instintos poderiam ser definidos como ‘ferramentas da espécie para manutenção da vida’, pois bem, se algumas pulsões possuem a tarefa de preservar a vida do organismo, o que as diferencia disto que a biologia chamou instinto? Não seriam nossos instintos forças que brotam no interior de nosso corpo e que tem como função preservar nossa vida? Será que poderíamos aproximar o *Trieb* do instinto?

Para responder a estas questões, teremos que recorrer à primeira teoria pulsional freudiana que apresenta um dualismo de base, um duelo travado entre o ímpeto de preservar a espécie e o ímpeto de preservar o indivíduo em si. As diferenças de interesses (indivíduo *versus* espécie) são pensadas a partir da distinção popular entre a fome e o amor e permitiram a Freud entender e explicar os fenômenos da neurose. Disto extraímos uma primeira constatação: ao equivaler o *Trieb* freudiano do instinto biológico, corremos o risco de apagar o conflito que ocorre no interior do aparelho psíquico, dissolvendo a teoria das neuroses e a própria psicanálise.

Defenderemos então que os termos *Trieb* e instinto não se equivalem, mesmo sabendo que alguns autores¹⁵ optaram por este caminho, traduzindo o *Trieb* freudiano por instinto. Nossa posição é que *Trieb* não se equivale ao instinto, que em alemão é grafado por *Instinkt*. Para além de questões de tradução, esta diferenciação nos será útil quando entrarmos nas propriedades da pulsão e no problema do apoio, conceitos que

¹⁵ Apontaremos apenas três: Jayme Salomão responsável pela tradução das Obras Completas de Sigmund Freud pela Editora Imago, Paulo César Souza responsável pela tradução das Obras Completas de Sigmund Freud pela Editora Companhia das Letras e também López Ballesteros, responsável pela tradução publicada pela Biblioteca Nueva em Madrid.

nos trazem elementos imprescindíveis para pensarmos o problema do dualismo pulsional em Freud.

1.2 Os usos do termo *Trieb* (pulsão)

Em *A Teoria pulsional na clínica de Freud*¹⁶, Hanns (1999) coloca que nos dicionários alemães, *Trieb* aponta para “algo que propulsiona, coloca em movimento, aguilhoa, toca para frente, não deixa parar e empurra” (pg. 29), denunciando a multiplicidade de significações do termo. O autor coloca ainda que,

Trieb, tal qual usado em alemão, entrelaça quatro momentos, que conduzem do geral ao singular. Abarca um princípio maior que rege os seres viventes e que se manifesta como força que coloca em ação os seres de cada espécie; que aparece fisiologicamente “no” corpo somático do sujeito como se brotasse dele e o aguilhoasse; e, por fim, que se manifesta “para” o sujeito, fazendo-se representar ao nível interno e íntimo, como se fosse sua vontade ou um imperativo pessoal. No texto freudiano também, a palavra mantém estas características de uso (HANNNS, 1996, p. 338).

Como dito anteriormente, apesar de alguns tradutores optarem por traduzir *Trieb* por instinto, nossa posição é que em Freud estes termos não se aproximam. Instinto (ou *Instinkt* em alemão) possui desde sempre um objeto já pré-estabelecido¹⁷ e indica uma força presente em cada espécie. Já a pulsão não traz consigo o objeto já fixado¹⁸ e

¹⁶ Para Hanns (1999), encontramos na obra de Freud quatro dimensões para o termo *Trieb*. Na primeira, *Trieb* aparece enquanto “uma grande força que impele ou princípio da natureza” que na obra de Freud aparece sob os conceitos de pulsão de vida e de morte e que são investigados no campo da metafísica, da filosofia e da biologia. A segunda dimensão, refere-se a “essa mesma grande força que impele” mas agora como “força biológica específica de cada espécie”, que engloba os instintos e disposições e é investigada através dos paradigmas da biologia. A terceira dimensão refere-se a “manifestação dessa força que impele na esfera do indivíduo” e aparece como “fenômeno somático-energético” e pode ser investigado pela fisiologia em sua dimensão neuroanatômica, sendo descrito por Freud em termos de “a) processo fisiológico que envolve neurônios, nervos, fontes pulsionais situadas em glândulas, etc. e b) como processo energético-econômico onde está em jogo o acúmulo de energia, a circulação e a descarga”. Por fim, a quarta dimensão aponta “para o indivíduo”, como “fenômeno psíquico” que o impele para certas ações e será investigado pela psicologia, neste refere-se a “ideias, vontades, dor, medo, sensações, impulso” (p. 32).

¹⁷ HANNNS, L. *A teoria pulsional na clínica de Freud*, 1999, p. 34.

¹⁸ FREUD, S. *Tres ensayos de teoria sexual*, AE, VII, 2006[1905], p. 166.

abarca todo o arco que se inicia na natureza e é comum a todos os seres vivos, desembocando no indivíduo (HANNNS,1999)¹⁹.

O instinto é algo restrito quando comparado ao termo *Trieb* que nos remete a algo maior. *Trieb* em sua conceituação acaba recobrando aquilo que o termo instinto determina. Mezan (2013) aponta que ao traduzir *Trieb* por pulsão se acentua a originalidade do conceito cunhado por Freud, marcando uma separação com a noção de instinto, já que o termo *Instinkt* se refere a “um comportamento animal fixado hereditariamente manifestado de maneira relativamente invariável em todos os indivíduos da espécie em questão”²⁰ e não é a isto que Freud faz referência ao apresentar o seu *Trieb*.

Silveira (2014)²¹ também defende que em Freud instinto e pulsão não se confundem. Partindo de uma sentença postulada no artigo *O inconsciente*, a autora aponta que Freud faz uma distinção nítida entre o que se chama instinto, restrito aos animais e o que ele distingue como hereditário para os seres humanos.

Pulsão é um conceito que Freud *cria* de uma maneira, ademais, tateante, e não menos explícita por ser tateante; não é um conceito que ele tenha ido buscar pronto na biologia. O próprio texto metapsicológico sobre as pulsões e seus destinos seria desprovido de sentido se esse não fosse o caso (SILVEIRA, 2014, p. 202).

Se Freud sustenta uma analogia entre as formações psíquicas herdadas e os instintos dos animais, já parte-se de antemão que ambos não coincidem, pois se coincidissem não seria necessário falar em analogia, bastando apenas que Freud equivalesse os dois termos e os utilizasse como sinônimo. Antes, o autor sustenta um ponto de aproximação e um ponto de ruptura entre ambos. “*Trieb está relacionado com aquilo que, no ser humano, é análogo ao instinto dos animais*” (SILVEIRA, 2014, p.

¹⁹ HANNNS, L. *A teoria pulsional na clínica de Freud*, 1999, p. 32.

²⁰ MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*, 2013, p. 155.

²¹ SILVEIRA, L. Fantasia, analogia e narcisismo: um argumento contra a tradução de “*Trieb*” por “instinto”. In: *Cadernos de Filosofia Alemã*, V.19, n.1, pp. 189-204.

195), o que indica que há uma analogia com o instinto e não uma identidade entre os termos.

Justificaremos nossa escolha pelo termo pulsão a partir do argumento defendido por estes autores²², pois se a psicanálise fosse redutível à biologia, Freud não teria criado uma nova disciplina autônoma a esta, com um arcabouço teórico particular. Como na língua portuguesa não encontramos um equivalente exato para o *Trieb*, por que “não lançar mão de um neologismo em vez de sobrepor à psicanálise um outro saber, o biológico, que a alimenta, é certo, mas com o qual ela não se identifica?” (SILVEIRA, 2014, p. 202)²³. Se Freud partiu de uma palavra comum, utilizada na língua alemã, é preciso salientar que fez uso dela a sua maneira, dando ao termo um sentido original, que foi ampliado a partir da construção da própria psicanálise.

Sabemos que ao postular sua teoria libidinal que tem como base o dualismo pulsional, alguns problemas surgiram, o que trataremos a seguir. Uma das dificuldades será sustentar a especificidade das pulsões de autoconservação enquanto pulsões e não instintos. Isso porque a noção de apoio parece apontar para uma anterioridade da pulsão de autoconservação sobre as pulsões sexuais, dando a impressão de que somente as pulsões sexuais poderiam ser entendidas enquanto pulsões²⁴.

A nova teoria pulsional surge como fundamento último de sustentação do dualismo pulsional, levando a discussão para outro plano. Nas palavras de Hanns, “Freud acaba por abarcar, com sua teoria pulsional, além do mundo psíquico, da esfera fisiológica e do patamar biológico das espécies, a dimensão mais geral das leis da vida (e morte), portanto, dos sentidos irredutíveis e últimos das pulsões” (HANNNS, 1999)²⁵, sendo o intuito deste trabalho discutir os problemas encontrados na primeira teoria

²² Destacamos Hanns, Mezan e Silveira em nossa argumentação.

²³ SILVEIRA, L. Fantasia, analogia e narcisismo: um argumento contra a tradução de “*Trieb*” por “instinto”. In: *Cadernos de Filosofia Alemã*, V.19, n.1, pp. 189-204.

²⁴ Somar-se-á a este problema os problemas encontrados com o estudo do narcisismo.

²⁵ HANNNS, L. *A teoria pulsional na clínica de Freud*, 1999, p. 40.

pulsional, apresentando a crise enfrentada por Freud a partir da introdução do conceito de narcisismo que o obrigou a revisitar sua teoria da libido e que culminou nas elaborações de 1920²⁶.

Temos assim dois momentos de elaboração da teoria pulsional. O primeiro apresentado nos textos que vão de 1905 a 1915, tais como *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, *Pulsões e seus destinos*, *O recalque*, *O problema psicogênico da visão segundo a Psicanálise*, nos quais é o conceito de apoio que trará problemas para a hipótese dualista das pulsões. Com o estudo do narcisismo veremos que a distinção entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação se esfumaça, sendo o texto *Além do princípio de prazer* uma resposta aos novos problemas que rondavam Freud.

Tendo em vista estes problemas, iremos caracterizar a pulsão na primeira teoria pulsional para que possamos apreender de que forma Freud constrói sua argumentação, que será revista em 1920. Para isso, apresentaremos as quatro propriedades da pulsão que nos trarão elementos para pensar a questão do dualismo, seja esfumando a divisão, seja marcando uma diferenciação entre as classes de pulsões. O primeiro problema refere-se justamente a isto: tanto as pulsões de autoconservação quanto as pulsões sexuais podem ser pensadas a partir destes quatro termos: fonte [*Quelle*], pressão [*Drang*], meta [*Ziel*] e objeto [*Objekt*] e veremos em que, cada um destes termos nos ajuda ou nos traz dificuldades para pensarmos o primeiro dualismo pulsional freudiano.

1.3 Propriedades das pulsões²⁷

Fonte da pulsão

²⁶ Com a publicação do texto *Além do princípio de prazer*.

²⁷ Utilizaremos como textos de referência *Pulsões e seus destinos [1915]* e *Três ensaios sobre a sexualidade [1905]*.

Freud aponta que a pulsão é um conceito limite entre o psíquico e o somático²⁸, localizando-se na fronteira entre o corpo e a alma. A fonte pulsional está localizada no corpo e não no psiquismo, sendo entendida como “aquele processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão” (FREUD, 1915, p.118)²⁹.

Por estar localizada no corpo, a fonte é considerada o elemento mais obscuro da pulsão, pois normalmente não se pode chegar à ela de forma direta³⁰, sendo deduzida retroativamente³¹. Isso significa que a fonte da pulsão só será reconhecida na vida psíquica por suas metas, por exemplo, se a meta de uma pulsão é o chuchar, infere-se que sua fonte pulsional esteja localizada na boca. Além de partes do corpo³², podem servir como fontes da pulsão processos de natureza química³³ ou mecânica³⁴, havendo para cada pulsão uma fonte determinada.

O primeiro ponto que queremos destacar é que a fonte da pulsão, seja da pulsão de autoconservação, seja da pulsão sexual está localizada no corpo. Assim, a princípio, não seria pela fonte que poderíamos separar uma classe de pulsão da outra. Para Laplanche e Pontalis (2001)³⁵ a fonte da pulsão pode ser definida como a “origem interna específica de cada pulsão determinada, seja o lugar onde aparece a excitação (zona erógena, órgão, aparelho), seja o processo somático que se produziria nessa parte do corpo e seria percebido como excitação” (p. 193).

As definições da fonte pulsional parecem não nos auxiliar em nossa investigação acerca do dualismo pulsional. Antes, parece apontar para um monismo de base: já que o

²⁸ FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 117.

²⁹ *Ibid.*, p. 117.

³⁰ *Ibid.*, p.118.

³¹ Isso nos indica que a fonte pode ser deduzida a partir daquilo que da pulsão se manifesta. É a partir da meta e do objeto de satisfação da pulsão que podemos deduzir qual é a fonte daquela pulsão específica.

³² FREUD, S. *Tres ensayos de teoria sexual*, AE, VII, 2006[1905], p. 182.

³³ *Ibid.*, p. 196-197.

³⁴ *Ibid.*, p. 183.

³⁵ LAPLANCHE e PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, 2001.

corpo é fonte tanto das pulsões de autoconservação quanto das pulsões sexuais, como sustentar que haja no mesmo corpo duas tendências distintas sendo produzidas a partir de um mesmo substrato?

Eis então que surge uma possibilidade de pensar este problema. As fontes pulsionais que geram pulsões de autoconservação dizem respeito às funções orgânicas de conservação da vida, tais como a necessidade de alimentação, de defecação, de repouso. Já as fontes pulsionais que geram as pulsões sexuais se localizam nas zonas erógenas, partes do corpo “em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade”³⁶.

Colocando de forma simples: o estômago produz dor quando sente necessidade de alimento e a boca, enquanto parte do sistema digestivo se abre para receber o objeto de satisfação dessa necessidade. Ao mesmo tempo em que o objeto (alimento) produz a satisfação da necessidade, produz também prazer na boca, pois o objeto é dotado de certas qualidades (textura, sabor, temperatura). A partir deste exemplo, percebemos que o mesmo órgão pode servir como fonte para ambas as classes de pulsão, já que a boca serve para comer, mas também se delicia com os sabores e texturas. Ainda assim, isto não parece resolver a questão.

O conceito de zona erógena parece nos trazer algum alento. Uma zona erógena pode ser definida como uma parte do corpo que pode ser estimulada e a partir da estimulação gerar excitação. Estas zonas seriam fontes específicas da pulsão sexual, havendo no corpo partes privilegiadas, predestinadas como nos diz Freud. Estas zonas predestinadas incluem a boca, o ânus, os mamilos e os genitais³⁷, embora outras partes do corpo também possam, em algum momento, assumir a função de uma zona erógena,

³⁶ FREUD, S. *Tres ensayos de teoria sexual*, AE, VII, 2006[1905], p. 166.

³⁷ FREUD, S. *Tres ensayos de teoria sexual*, AE, VII, 2006[1905], p. 166.

isso porque a capacidade de produzir excitação não é restrita a partes específicas do corpo, mas está potencialmente no corpo todo³⁸.

É o conceito de zona erógena que nos permite fazer a diferenciação entre as fontes da pulsão sexual e da pulsão de autoconservação e isso se dá à medida que Freud percebe que as fontes geradoras das pulsões de autoconservação são reduzidas e já determinadas pela biologia do corpo humano, enquanto que as fontes geradoras das pulsões sexuais englobam todas as partes do corpo, podendo ser múltiplas e variáveis³⁹. Se retomarmos nosso exemplo do comer veremos que para a pulsão de autoconservação a fonte, enquanto estômago vazio que produz estimulação se sacia com a entrada do alimento. Porém, à medida que a boca engole o alimento passa por um processo de erogenização, em que há o desprendimento de um prazer a mais que é capturado pela pulsão sexual.

Tais hipóteses nos auxiliam a pensar a especificidade da fonte pulsional, marcando as diferenças entre a fonte da pulsão sexual e a fonte da pulsão de autoconservação. Mas apesar disso, nos lança em um problema: se a fonte da pulsão de autoconservação é dada pela biologia do corpo humano e nos coloca diante das necessidades vitais do organismo, qual a diferença existente entre a pulsão de autoconservação e o instinto? Sabemos que o que a biologia nomeia por instinto são comportamentos que estão inscritos no corpo biológico animal e que há no homem instintos, por exemplo o reflexo plantar dos bebês e o ato de sugar. A diferença se dá em um ponto: no animal há como uma colagem entre a necessidade e o comportamento, ou seja, cada necessidade específica é acompanhada de um conjunto de comportamentos que visam eliminar a necessidade. O mesmo não se dá no homem. Nos primórdios da vida, para que a necessidade seja satisfeita é preciso que outro membro da espécie faça a

³⁸ Ibid., p. 166.

³⁹ SORIA, A. C. S. *Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud*, 2012.

mediação entre o indivíduo e o mundo externo. É esse outro membro quem oferece ao indivíduo os objetos necessários para a manutenção da vida, o que significa que sem essa mediação o bebê humano estaria fadado à morte. Vemos aqui uma primeira expressão da cultura.

Por mais que a fonte não nos auxilie a pensar na separação entre as duas classes de pulsões, ela nos auxilia a afastar as pulsões de autoconservação daquilo que a biologia nomeia de instinto, já que no que tange a preservação e a sobrevivência algo mais se passa com o homem, apontando para um além do instintual. Apesar do estudo da fonte, como aponta Freud⁴⁰ não ser de responsabilidade da psicanálise, mas sim da biologia, ela nos ajuda a pensar na originalidade do termo cunhado por Freud, indicando que não há uma equiparação dos termos pulsão/ instinto. Passemos agora as outras propriedades da pulsão.

A pressão

Sabemos que as duas classes de pulsões possuem sua fonte no corpo, apresentando-se como uma força constante de estimulação. É por se manifestarem enquanto força constante que as pulsões movimentam o aparelho psíquico, pois vão somando-se e provocando pressão no aparelho. Em *Pulsões e seus destinos (1915)*, Freud aponta que a capacidade de pressionar o aparelho [*Drang*] constitui uma das propriedades da pulsão. O *Drang*, a pressão, será definido como o “motor, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela [a pulsão] representa”⁴¹. A pressão é, portanto um fator universal das pulsões, é ‘sua essência’, sua parcela de atividade⁴² e isto serve tanto para as pulsões de autoconservação, quanto para as pulsões sexuais.

⁴⁰ FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 118.

⁴¹ FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 117.

⁴² *Ibid.*, p.117.

Embora a pressão não nos ajude a pensar o dualismo pulsional, ela nos permite entender a diferença entre um estímulo externo e aquilo que a pulsão representa. Sobre este aspecto, Mezan (2013) nos diz que: “O elemento novo se refere à qualidade de excitação contínua da pulsão, que deriva de sua conexão com os processos orgânicos, enquanto o estímulo se caracteriza por atingir o organismo do exterior e sempre de maneira discreta” (p. 161-162)⁴³.

A pulsão ao brotar no corpo e fazer-se sentir no psiquismo apresenta-se como uma exigência, uma necessidade que, se não for satisfeita, só irá aumentar. Ao somar-se, a pulsão provoca um aumento de excitação no psiquismo que é sentido na consciência na forma de desprazer. O desprazer aciona o princípio de prazer, tendência responsável por regular os níveis de excitação no aparelho, que busca através das redes representacionais, conduzir o estímulo para fora do psiquismo através de uma ação⁴⁴. Quando a pulsão é descarregada, os níveis de excitação diminuem e o sujeito sente uma sensação de alívio, sentido na consciência na forma de prazer⁴⁵.

Tomemos como exemplo desse processo o recém-nascido. Quando este é acometido pela fome, surge uma necessidade, a de alimentar-se. A princípio a necessidade é suportável e pode ser satisfeita pela via da alucinação, em que o bebê reativa as cadeias de memória relacionadas com o registro da amamentação e a sensação ligada ao ato de mamar⁴⁶. Porém, os estímulos vão pouco a pouco somando-se e a fome torna-se um imperativo, uma ânsia que, agora só poderá ser apaziguada com o objeto adequado, o leite. Assim, o excesso de estimulação precisa ser descarregado. Na tentativa de descarregar o excesso de estimulação, parte da energia é direcionada ao

⁴³ MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*, 2013.

⁴⁴ HANNS, L. *A teoria pulsional na clínica de Freud*, 1999, p. 49-51.

⁴⁵ O problema do prazer/desprazer será discutido mais adiante em um tópico separado.

⁴⁶ FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900], p. 557-558.

aparelho motor na forma de esperneio e choro⁴⁷. A mãe ou outro membro da espécie, ao perceber a agitação do bebê, fornece a este o objeto de satisfação da necessidade (o leite), que ao ser engolido pela criança traz alívio, acarretando diminuição da excitação.

No momento em que o bebê recebe o leite produz-se no psiquismo uma marca de prazer absoluto, marca que diz da diminuição do incômodo sentido. No início da vida os picos de desprazer são enormes e aos poucos vão diminuindo, bem como os picos de prazer sentido com o cessar da necessidade. Durante toda a vida o psiquismo será acometido por picos de estimulação, mas aos poucos, devido ao processo de representação, as magnitudes da estimulação se tornam menores. De forma simplificada, podemos pensar em uma coordenada que varia de 0 a 10 e que no bebê a oscilação atingiria qualquer magnitude dentro desta escala. Com o processo de representação, a oscilação ocorreria em uma escala de 2 a 6, só raramente ultrapassando tais valores.

A tendência a descarregar o excesso de estimulação diz de uma tendência presente no psiquismo: manter uma quantidade mais ou menos constante de estímulos⁴⁸, esforçando-se por manter o aparelho o mais livre possível de excitações. Para isso, o aparelho primitivo caminha no seguinte sentido: parte de um desprazer, ou seja, do aumento de excitação, rumo ao prazer, a diminuição de excitação, seguindo o modelo do aparelho reflexo.

Para Soria⁴⁹, “a relação automática das vivências de prazer e desprazer dá origem a um princípio econômico que rege o funcionamento psíquico: o princípio de prazer, derivado do princípio de constância” (p. 24). Dessa forma, caberá ao princípio de prazer regular as quantidades de excitação no psiquismo, buscando caminhos de descarga, redes representacionais que levem à satisfação da pulsão e consequentemente

⁴⁷ Ibid., p. 558.

⁴⁸ Ibid., p. 557.

⁴⁹ SORIA, A.C.S. *Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud*, 2012.

à diminuição do desprazer. Este percurso da pulsão no aparelho psíquico será tratado de forma mais aprofundada no capítulo dois deste trabalho.

Por ora, queremos salientar que a pressão nos ajuda a pensar na particularidade disto que Freud nomeia pulsão. Novamente aqui temos uma propriedade que não nos permite aproximar a pulsão de um simples instinto. A pulsão é atividade, coloca o sujeito em movimento, obrigando o aparelho a construir redes representacionais, caminhos para o escoamento da excitação. Já o instinto traz em si uma forma fixa de comportamento, não aceitando possibilidades de modificação, possuindo caminhos prontos de escoamento.

A pressão nos fornece elementos para sustentar que a pulsão de autoconservação não pode ser equiparada ao instinto, já que o que Freud define como pressão serve tanto para as pulsões de autoconservação, quanto para as pulsões sexuais⁵⁰. Cabe ainda apontar que o instinto corresponde a uma representação direta do biológico, enquanto a pulsão se coloca como uma representação indireta deste. Para elucidar isto tomaremos como exemplo a reprodução nos mamíferos. Sabemos que a fêmea dos mamíferos sinaliza seu período de fertilidade a partir de modificações corporais que acontecem durante o período de cio. Estas mudanças indicam aos machos que a copulação é possível, despertando neles o apetite sexual. A necessidade de reprodução passa a pressionar os membros da espécie, colocando-se como um imperativo. A reprodução passa a ser a prioridade dos membros da espécie, mas isso dura apenas durante o cio. Após esse período, a necessidade de procriação cessa e só aparecerá novamente após um período de latência que é próprio a cada espécie.

No humano isso não é da mesma forma. Não sabemos exatamente quando a fêmea irá ovular, nos humanos o período do cio é escondido o que fez o apetite sexual

⁵⁰ Este ponto nos será útil na terceira parte deste trabalho. Veremos que alguns autores aproximarão as pulsões de autoconservação do instinto, o que os leva a concluir que de fato, só as pulsões sexuais podem ser pensadas enquanto pulsões verdadeiras.

tornar-se independente da biologia do corpo. Daí nos humanos, a pulsão não representar de forma direta o biológico, distanciando-se do instintivo. É também por não recobrir o biológico que outros pré-requisitos se colocaram como impeditivos à satisfação sexual. A cultura impõe barreiras à sexualidade, o que significa que para ser satisfeita, deverá encontrar caminhos culturalmente aceitos. No humano, por representar algo mais que o instintual, a pulsão se coloca como um fragmento de atividade, não cessando de pressionar o psiquismo. Disso resulta que, para o homem, a necessidade de reprodução se mantém constante, não havendo um momento em que desapareceria, daí o caráter compulsivo da sexualidade.

A meta da pulsão

Como dito anteriormente, a pulsão, ao acumular-se provoca pressão no psiquismo e tal pressão aciona um princípio regulador, o princípio de prazer, responsável por encontrar um caminho para descarregar o excesso de estimulação⁵¹. Tal processo visa o rebaixamento da quantidade de estímulos, sentida como desprazer, o que traz como consequência a sensação de prazer, vinculado com a diminuição da excitação⁵².

Essa é a meta da pulsão: obter satisfação. Segundo Freud⁵³ a meta da pulsão é sempre a mesma, ambas as classes de pulsões visam encontrar uma forma de escoamento, diminuindo o desprazer, o que é alcançado com a supressão da estimulação. Cabe salientar que apesar da meta ser sempre a mesma, os caminhos para alcançá-la são diversos. Para alcançar a meta, a pulsão de autoconservação precisa encontrar um objeto específico e determinado, por exemplo, para saciar a fome é necessário encontrar o alimento. Já as pulsões sexuais podem, no caminho para alcançar

⁵¹ FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900], p. 557.

⁵² FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006[1920], p. 9.

⁵³ FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 118.

a meta, sofrer inibições (impossibilidade de continuar) ou serem desviadas, obtendo satisfações parciais^{54 55} e aceitando diferentes objetos.

Freud nos fornece poucos elementos para pensarmos a meta das pulsões de autoconservação, voltando sua atenção para as pulsões sexuais, que obtém satisfação mediante a estimulação adequada de uma zona erógena⁵⁶. Segundo Mezan (2013), por serem as pulsões sexuais numerosas e advindas de muitas fontes, “as modalidades de satisfação vinculam-se estreitamente às zonas erógenas” (p. 155), o que significa que seu objetivo é obter o prazer de órgão. Tal atividade nos coloca no registro da satisfação autoerótica, uma satisfação que é encontrada no próprio corpo, prescindindo de um objeto externo.

O autoerotismo nos oferece elementos para pensar o dualismo, pois aqui estamos diante de algo que se refere exclusivamente às pulsões sexuais. O elemento de destaque aqui é a relação que cada classe de pulsão estabelece com a realidade externa⁵⁷. Enquanto as pulsões de autoconservação necessitam de um objeto retirado do mundo real para alcançar sua meta, as pulsões sexuais se satisfazem com a estimulação de uma parte do próprio corpo, de forma autoerótica, prescindindo da realidade.

Em outras palavras,

(...) o autoerotismo parece indicar que a pulsão sexual (...) não é um instinto porque não pode ser entendida, sem mais, como uma tendência interna do organismo, apenas perturbada por interferências exógenas; em algum momento, e não simplesmente por uma

⁵⁴ Basta pensarmos na fome. Para que ela cesse de pressionar o aparelho é preciso que o indivíduo encontre um alimento que seja adequado para sua espécie. Nessa procura é possível fazer alguns rodeios, mas que em determinado momento precisa cessar ou então o organismo poderá sucumbir. Já as pulsões sexuais podem fazer justamente o contrário, pois dependendo do objeto a ser encontrado, este pode levar o indivíduo a sucumbir e então o aparelho precisará conter estas moções pulsionais que não se adequem a realidade externa.

⁵⁵ FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 118.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 118.

⁵⁷ A relação com o mundo externo fará com que o aparelho modifique o princípio de prazer em princípio de realidade. Ambos os princípios serão responsáveis por regular as quantidades de excitação no interior do psiquismo, mas como o próprio nome sugere, o princípio de prazer não levará em consideração a realidade, enquanto que o princípio de realidade terá como objetivo avaliar a realidade. Este tópico será tratado em detalhes no próximo capítulo, pois nos fornece vários elementos para pensar o dualismo pulsional.

determinação biológica, ela é despertada, isto é, há qualquer coisa de casual e de imprevisto do ponto de vista orgânico na base da pulsão sexual (LIMONGI, p. 35, 1994).

Se a sexualidade é despertada, a princípio, pela estimulação das zonas erógenas que se ligam às funções vitais, em um segundo momento, torna-se independente destas funções, passando o orientar-se pela repetição de uma determinada sensação de prazer. Tomando o chupeteio como exemplo, já que o sugar é a primeira manifestação da sexualidade infantil, Limongi⁵⁸ aponta que, ao se alimentar a criança produz um prazer a mais, que será dissociado da satisfação da fome, tornando-se independente da nutrição⁵⁹.

O chupeteio nos permite entender o mecanismo que é acionado pelo estímulo. A satisfação das necessidades vitais acarreta o surgimento de uma tendência a repetir a sensação de prazer, não mais ligada à sobrevivência, mas relacionada à satisfação puramente sexual. Monzani⁶⁰ aponta que há no humano um excesso que obriga o aparelho psíquico a trabalhar de forma diferente que nos animais. Em suas palavras:

(...) enquanto nos animais parece haver uma relativa adequação entre seus impulsos e as funções biológicas que os solucionam, no homem, tudo indica, parece habitar uma inadequação ou, em outras palavras, parece que nele há um *excesso* que deve ser trabalhado e operado de maneira diferente e num nível diferente, já que as funções biológicas são incapazes de absorvê-lo (p.132-133).

⁵⁸ LIMONGI, M.I. M. P. *A pulsão e seu conceito na metapsicologia freudiana*. Dissertação de mestrado, 1994.

⁵⁹ Para LIMONGI (1994) “o chupeteio é, portanto, o resultado do aparecimento de uma tendência (a pulsão), outrora inexistente, a repetir uma determinada sensação de prazer causada por um estímulo externo” (p. 36). Esta suposição parece apontar para uma anterioridade da pulsão de autoconservação com relação à pulsão sexual. Porém não é isto que vemos na argumentação de Freud. Em nenhum momento ele admite esta cronologia temporal. Nossa posição é que de fato, não é possível entender os pressupostos freudianos deste ângulo. O tempo em Freud não pode ser entendido enquanto uma construção linear, mas deve ser entendido enquanto circularidade. É isto que o conceito de repetição denuncia e que trataremos mais profundamente na parte III deste trabalho. Aceitar a anterioridade da pulsão de autoconservação sobre as pulsões sexuais é aceitar que a consciência antecede o inconsciente ou ainda que o princípio de realidade antecede o princípio de prazer. Antes, o que Freud postula é que as duas classes de pulsões habitam desde o início o organismo, não podendo ser pensadas em termo de uma cronologia temporal linear.

⁶⁰ MONZANI, L. R. O suplemento e o excesso. In: Freud na filosofia brasileira, p. 125-133, 2005.

No humano observa-se um ‘a mais’ que obriga o aparecimento de um dispositivo complementar e é este ‘a mais’ que será capturado pela pulsão sexual⁶¹. Para Laplanche e Pontalis (2001),

Se a meta de uma pulsão de autoconservação só pode ser compreendida como uma ação específica que vem pôr termo a um estado de tensão provocado pela necessidade, localizável num determinado aparelho somático e que exige, bem entendido, uma realização efetiva (fornecimento de comida, por exemplo), a meta da pulsão sexual é muito mais difícil de determinar (p. 283).

Vemos aqui uma contradição entre as concepções de Monzani e Laplanche. Para Laplanche⁶² o excesso apareceria apenas na pulsão sexual, sendo a pulsão de autoconservação entendida enquanto um instinto. Nossa posição é de que também para as pulsões de autoconservação há um excesso já que o biológico não é representado de forma direta no psiquismo humano. Mesmo o corpo biológico precisa ser representado no aparelho psíquico e esta representação é mediada pelas pulsões de autoconservação. É isso que os sintomas histéricos irão mostrar afinal, como explicar que o indivíduo não consiga comer mesmo estando com fome ou ainda que não seja capaz de se movimentar mesmo não existindo um dano físico que justifique tal incapacidade? Se a reprodução é mediada por representações, a autoconservação também é. Afinal, como explicar uma gastronomia tão rica, se basta apenas colher frutos ou abater um animal para saciar a fome?

A partir da discussão sobre a meta das pulsões, podemos concluir que há uma relação estreita entre a satisfação das necessidades vitais e o nascimento da sexualidade. Como já apontamos a boca que apazigua a fome também desperta um prazer ‘a mais’ através da atividade do sugar. O problema no humano é que o mesmo órgão serve a dois

⁶¹ Ibid.

⁶² Essa concepção fica ainda mais clara em seu livro *Morte e Vida em psicanálise*.

senhores: a autoconservação e a sexualidade⁶³, o que nos leva ao problema do objeto da pulsão.

O objeto da pulsão

Para alcançar a meta, ou seja, obter satisfação a pulsão precisa encontrar um objeto que a satisfaça. O objeto é o elemento mais variável da pulsão e a princípio, a pulsão não possui um objeto específico⁶⁴ (diferente do instinto que já vem com um objeto pré-estabelecido, como já citado). O objeto é vinculado à pulsão “em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação”⁶⁵ e pode estar tanto no mundo externo quanto no próprio corpo do sujeito. Já adiantamos que a pulsão sexual possui uma fase autoerótica e nesta, prescinde da realidade. Segundo Freud,

“Ao longo dos diversos destinos que a pulsão conhecerá, o objeto poderá ser substituído por intermináveis outros objetos, e a esse movimento de deslocamento da pulsão caberão os mais significativos papéis”⁶⁶.

Freud, de acordo com os diferentes objetos, divide as pulsões em dois grupos: pulsões de autoconservação e pulsões sexuais. Como dito anteriormente, as pulsões de autoconservação possuem um número limitado de objetos que a satisfaçam, estando ligadas as necessidades vitais do indivíduo. Já as pulsões sexuais possuem uma infinidade de objetos, são numerosas, provem de várias fontes orgânicas, exercendo sua

⁶³ Em *A perturbação psicogênica da visão* (1910), lemos: “Em geral, são os mesmos órgãos e sistemas de órgãos os que estão a serviço tanto das pulsões sexuais como as egóicas. O prazer sexual não se restringe meramente a função dos genitais; a boca serve para beijar tanto quanto para a ação de comer, bem como para a comunicação linguística, e os olhos não apenas percebem as alterações do mundo exterior, importantes para a conservação da vida, mas também observam as propriedades dos objetos por meio das quais estes são elevados à condição de objetos amorosos eleitos através de seus encantos” (p. 213).

⁶⁴ Freud, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 118.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 118.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 118.

atividade, a princípio de forma independente umas das outras, só posteriormente unindo-se em uma síntese com o objetivo da reprodução⁶⁷.

Como aponta Mezan (2013),

A produção do prazer vincula-se inicialmente ao exercício de uma função biológica fundamental, a alimentação; ela se “apoia” (*sich lehnt an*) nesta função, mas em seguida se torna autônoma e passa a ser procurada independentemente dela. É no momento em que o prazer sentido na sucção do seio ou da mamadeira se desliga do ato de mamar que nasce a função sexual propriamente dita (...) (p. 132).

Sabemos que é a partir da satisfação de uma necessidade biológica vital que a pulsão sexual se constitui. Ao receber o leite, a criança satisfaz sua necessidade vital, mas ocorre algo mais, ela também sentirá prazer com a ação do sugar. É o sugar que se tornará objeto da pulsão sexual que, a princípio, aparece apoiado nas pulsões de autoconservação e aos poucos vai se tornando independente dela. Assim, as pulsões se dividem em duas classes em que,

As de autoconservação são facilmente localizáveis no início do desenvolvimento. Elas se referem às vitais como a alimentação e o sono, sem as quais não se poderia ultrapassar os primeiros dias de vida. As pulsões sexuais, ao contrário, mais difíceis de serem localizadas neste período, surgem apoiadas (*Anlehnung*) nessas necessidades autoconservativas e tomam primeiramente os objetos de satisfação das pulsões de autoconservação como seus. Entretanto, mais tarde, as pulsões sexuais se tornam independentes delas, possibilitando uma variabilidade ainda maior de objetos, pois além de tomarem o próprio corpo, podem também tomar aquilo que lhes é alheio (FREUD, 1905, p. 27)⁶⁸.

A nível representacional, a satisfação pulsional acaba por produzir sulcos no psiquismo, trilhas que a levam ao objeto desejado. Se o objeto da pulsão de autoconservação é dado de antemão, pois cada necessidade exige um objeto específico, serão estas as primeiras trilhas a marcar o aparelho⁶⁹. Cada trilha produz uma marca

⁶⁷ FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 122.

⁶⁸ FREUD, S. *Tres ensayos de a teoria sexual*, AE, VII, 2006[1915].

⁶⁹ Isso porque as pulsões sexuais possuem objetos infinitos e não trazem em si nenhuma afinidade prévia com um objeto específico.

mnêmica no psiquismo através do registro da satisfação, marca do prazer sentido. Se a satisfação traz prazer ao aparelho é porque estas trilhas conseguem escoar os excessos de excitação provocados pelas moções pulsionais no interior do psiquismo, sendo o encontro com o objeto responsável por este escoamento. A pulsão sexual se apoiará a princípio nessas trilhas, capturando não o objeto em si (no caso da alimentação o leite), mas a atividade (o sugar). É na atividade, na ação, que a pulsão sexual se satisfaz, é a ação do sugar que ela captura e que se tornará seu objeto de satisfação⁷⁰.

Assim, a boca é investida pela pulsão sexual, tornando-se uma zona erógena. Segundo Freud⁷¹, no início a satisfação da zona erógena “deve ter-se associado com a necessidade de alimento” (p. 171), sendo que “a atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, para só depois tornra-se independente delas” (p. 171). Ao tomar uma parte do próprio corpo como objeto de satisfação pulsional a criança se “torna mais independente do mundo externo, que ela ainda não consegue dominar”⁷².

Vemos assim como as duas classes de pulsões se misturam no começo da vida. Apoiada na pulsão de autoconservação, a pulsão sexual descobre por acaso seu objeto de satisfação. Para Laplanche⁷³ a noção de apoio traz a possibilidade de entender o primeiro dualismo pulsional proposto por Freud, ao mesmo tempo em que nos traz sérias dificuldades em compreender de que maneira as duas classes de pulsões se relacionam, já que o apoio parece indicar que há uma anterioridade das pulsões de autoconservação sobre as pulsões sexuais. Sob este aspecto, teríamos que pensar a sexualidade como secundária à conservação.

⁷⁰ FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900], p. 558.

⁷¹ *Ibid.*, p. 558.

⁷² FREUD, S. *Tres ensayos de teoria sexual*, AE, VII, 2006[1905], p. 171.

⁷³ LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

Há ainda outro aspecto da questão. Novamente aqui nos deparamos com o problema em sustentar que a especificidade da pulsão de autoconservação pois, se os objetos da pulsão de autoconservação são já pré-estabelecidos, o que as diferencia de simples instintos? E, se assim for, teríamos que aceitar a conclusão de que de fato só as pulsões sexuais mereceriam carregar esse nome? Investigaremos essas questões mais a fundo discutindo o conceito de apoio da pulsão.

1.4 O problema do apoio

Monzani⁷⁴ salienta que a pulsão sexual se constitui como um desvio do ciclo biológico, constituindo-se devido a um prazer sentido. Nesse momento a pulsão sexual descola do objeto da necessidade biológica, tornando-se autônoma. Assim, o objeto da pulsão sexual é de certa forma “acidental e descoberto a partir da experiência” (p. 126), pois a pulsão sexual “não possui nenhuma finalidade biológica determinada no momento de sua constituição”⁷⁵. O chupeteio não é uma repetição, uma tentativa de repetir o ato de alimentar-se, o chupeteio surge porque há um prazer para além do alimentar-se e é aqui que a pulsão sexual se constitui como um circuito complementar, autônomo e paralelo à série biológica⁷⁶.

Isso nos indica que há no humano algo que não responde aos mecanismos biológicos, “há a instauração de uma série suplementar àquelas delineadas pela biologia e pela etiologia e que essa série vai funcionar de maneira autônoma”⁷⁷. Para Monzani, isso que não é absorvido pelas funções biológicas precisa ser trabalhado de outra

⁷⁴ MONZANI, R. O suplemento e o excesso. In: *Freud na filosofia brasileira*, 2005, p. 125-127.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 125.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 126.

⁷⁷ MONZANI, R. O suplemento e o excesso. In: *Freud na filosofia brasileira*, 2005, p. 132.

maneira e então temos o nascimento da pulsão sexual e todas as modificações que ela impõe ao aparelho psíquico⁷⁸.

Se a pulsão sexual se constitui enquanto um circuito complementar, autônomo e paralelo a série biológica, como poderíamos entender a pulsão de autoconservação? Seriam as pulsões de autoconservação correspondentes disso que nomeamos 'instintivo' no ser humano? Como entender a especificidade de cada classe de pulsão? A noção de apoio pode nos fornecer elementos para pensar estas questões.

Segundo Laplanche⁷⁹ podemos pensar o nascimento da pulsão sexual a partir de dois tempos: o primeiro ligado a sucção do seio e relacionado à alimentação e o segundo ligado ao chuchar, despertado pelo prazer 'a mais' sentido com a estimulação dos lábios e da língua. É esse segundo momento que Freud denomina sexual. Neste circuito a fonte (boca) é a mesma e serve aos propósitos de ambas as classes de pulsões, pois ao permitir a entrada do alimento, produz prazer sexual obtido pela estimulação dos lábios.

Para Laplanche⁸⁰,

Em suma, objeto, alvo e fonte estão estreitamente contidos numa proposição bem simples que permite descrever o que se passa: "isso entra pela boca". "Isso" é o objeto; "entra" é o alvo e quer se trate de alvo sexual ou de alvo alimentar, o processo é de qualquer maneira um "entrar"; "pela boca": quanto ao nível da fonte, encontra-se a mesma duplicidade, na medida em que a boca é ao mesmo tempo órgão sexual e órgão da função alimentar (p. 25).

Nesta citação vemos de forma clara como as classes de pulsões estão, a princípio, enlaçadas uma na outra e será a noção de apoio que permitirá entender como a separação se dá. É este conceito que também nos fornece elementos para pensarmos o

⁷⁸ Como por exemplo formas de controlar o excesso de excitação provocado por ela, já que a sexualidade é fonte ininterrupta de estimulação, provocando aumento de excitação no aparelho e assim acarretando perturbações no psiquismo.

⁷⁹ LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 25.

dualismo pulsional postulado por Freud, pois se há um apoio de uma classe pulsional sobre a outra é porque estamos tratando de duas forças que se enlaçam e se separam.

Para Laplanche⁸¹ será em decorrência do excesso de prazer sentido com a nutrição que ocorrerá a separação entre a pulsão de autoconservação e a pulsão sexual. Com a separação entre as classes de pulsões, que o primeiro objeto de satisfação “é abandonado, o alvo e também a fonte tornam-se autônomos em relação à alimentação e ao sistema digestivo” (p. 26). A pulsão sexual agora separada da necessidade biológica torna-se autônoma da conservação e já não prescinde de um objeto real para satisfação.

A noção de apoio permitiu à Freud sustentar uma oposição primordial entre duas classes de pulsões, representadas neste momento (até 1920), sob o paradigma da fome (pulsão autoconservativa) e do amor (pulsão sexual), expressando de que forma as pulsões sexuais se descolam da conservação, ou seja, das necessidades vitais.

Para Limongi, “o apoio não indica apenas a diferença entre a sexualidade e as outras funções do organismo, mas uma forma de relação entre elas” (p.88), de um lado temos as pulsões de autopreservação indicando um percurso já pronto a ser seguido pelas pulsões sexuais e de outro a pulsão sexual anárquica que não carrega em si um objeto de satisfação *a priori*⁸².

“A noção de apoio permite resguardar a maleabilidade da pulsão ao mesmo tempo em que indica os seus limites: há qualquer coisa como uma estrutura vital, que adere à pulsão, embora não seja diretamente representado por ela (o que faria da pulsão um instinto)” (LIMONGI, 1994, p. 89).

As pulsões de autoconservação parecem representar as funções vitais do organismo e como marca Monzani (2005) possuem uma afinidade biológica com seus objetos desde sua constituição. Em certa medida, antes de se equivaler ao que a biologia

⁸¹ LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

⁸² LIMONGI, M.I. M. P. *A pulsão e seu conceito na metapsicologia freudiana*. Dissertação de mestrado, p.88, 1994.

chama de instinto, parece que as pulsões de autoconservação se apoiariam nos instintos para se constituir. Embora não encontremos esta suposição em Freud, ela nos permite relacionar a pulsão de autoconservação ao instintual.

Não podemos perder de vista a genialidade do termo cunhado por Freud. A pulsão indica uma força presente no organismo desde seu nascimento, que pressiona o aparelho psíquico e ao penetrar nele, ganha representações. O que interessa a Freud é isto que da pulsão pôde se representar, já que o instintivo viria impresso no aparato biológico. Diante desta constatação não podemos aceitar as concepções de Laplanche⁸³, para quem a pulsão de autoconservação se equivaleria ao instinto. Em suas palavras: “o que é descrito como “apoio” é, na origem, um apoio da sexualidade infantil no instinto, se se compreende por instinto o que orienta essa “função corporal essencial à vida”” (p. 24, 1985), pois aceitar que a pulsão de autoconservação equivale ao instintual no humano significa dissolver o dualismo proposto por Freud. Neste sentido Limongi (1994) aponta que ao equivaler os termos pulsão de autoconservação à instinto, Laplanche negligencia o aspecto ambíguo da constituição da pulsão e perdemos de vista o dualismo pulsional defendido por Freud desde o início de sua elaboração teórica.

A questão do dualismo nos reintroduz o duplo aspecto da pulsão, previsto em sua definição: de um lado, ela é uma exigência de trabalho que o corpo impõe ao psíquico, do outro, trabalho psíquico sobre a energia somática. Toda a ambiguidade em relação à pulsão consiste em que ora ela seja enfocada numa direção, ora noutra, ora tenha marcada desde a fonte sua orientação, ora a receba do aparelho psíquico (...) (LIMONGI, 1994, p. 90).

Além disso, a pulsão de autoconservação assim como a pulsão sexual, aceita uma variabilidade de objetos de satisfação o que não ocorre com os objetos instintivos. No homem, mesmo isto que tange a sobrevivência, extrapola para além da natureza. Se nos animais a satisfação da necessidade é invariável, ou seja, não admite objetos

⁸³ LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

diferentes daqueles programados pela biologia, no homem, essa satisfação admite incontáveis objetos⁸⁴.

Por fim, queremos apontar que a noção de apoio nos traz um problema. Se a pulsão sexual se apoia na pulsão de autoconservação, poderíamos dizer que há uma anterioridade da pulsão de autoconservação com relação à pulsão sexual? Esta anterioridade nos permite pensar a pulsão sexual enquanto algo secundário, estruturado enquanto ‘sobra’. Embora nosso objetivo não seja esmiuçar esta questão, tal problema não pode ser ignorado pois coloca em xeque o dualismo pulsional, bem como a própria constituição do aparelho anímico, pois se a pulsão de autoconservação é ‘primária’ como aceitar que o ego seja uma formação secundária⁸⁵, já que é nele que habitam as pulsões de autoconservação?

Aceitar qualquer anterioridade de uma classe de pulsão sobre a outra é excluir que o aparelho psíquico se constitui a partir do princípio de prazer e que a realidade é apreendida pelo aparelho a partir da falha na satisfação alucinatória, na percepção de que sem a realidade o indivíduo sucumbe. A satisfação pela via alucinatória não é capaz de satisfazer as pulsões de autoconservação, tornando-se inviável e até mesmo perigosa, o que obriga o aparelho a modificar o princípio de prazer, transformando-o em princípio de realidade, o que é feito pelo intermédio das pulsões de autoconservação.

Para entendermos melhor este problema é necessário discorrer sobre a circulação da pulsão no aparelho psíquico. Para isso iremos discutir o problema do prazer/desprazer, que nos fornece elementos para pensar os efeitos que a pulsão causa no psiquismo, bem como a forma que o aparelho encontrou de trabalhar com elas. Sabemos que todo aumento de excitação será sentido como desprazeroso e será esse

⁸⁴ Basta pensarmos no alimento. No homem, o objeto que satisfaz a fome pode ser algo pronto retirado da natureza e consumido de forma rápida, até passar pelo mais refinado modo de preparo.

⁸⁵ FREUD, S. *La represión*, AE, XIV, 2006[1915].

desprazer que acionará um princípio regulador a fim de escoar o excesso de excitação e manter assim, a estabilidade do aparelho. Estes conceitos nos são necessários pois nos auxiliam a sustentar o dualismo pulsional, bem como apresentar problemas ligados a primeira teoria pulsional freudiana.

Por um lado, o princípio de prazer e o princípio de realidade nos ajudam a pensar o problema da anterioridade da pulsão de autoconservação com relação à pulsão sexual, mas por outro colocam uma questão: seria o dualismo resultante dos dois modos de processamento da energia psíquica ou seria ele o responsável pelo aparecimento destes modos distintos de processar a energia? Para discutir essa questão, trataremos do problema do prazer/desprazer, bem como os princípios de prazer e de realidade, que nos auxiliarão a sustentar que é em decorrência do dualismo pulsional que os modos de processamento se diferenciam.

CAPÍTULO 2: A PULSÃO NO APARELHO PSÍQUICO

2.1 O problema do prazer/desprazer

Sabemos que as pulsões são representantes de forças que brotam no interior do corpo e se manifestam de forma contínua, exercendo pressão no aparelho. A elevação ou diminuição da quantidade de estimulação presente no psiquismo será sentida através das sensações de prazer/desprazer, sensações que investigaremos agora.

O circuito pulsional nos mostra a forma como o psiquismo lida com os estímulos que chegam até ele pois há uma forma de conduta do aparelho frente às excitações que, como dito anteriormente, vão do desprazer ao prazer. A partir da fisiologia pulsional pode-se inferir a tendência presente no psiquismo: manter-se o mais livre de estimulação possível. Essa tendência econômica produz um princípio regulador, o princípio de prazer, derivado do princípio de constância⁸⁶, que terá como função livrar-se do excesso de excitação provocado pelo acúmulo de energia pulsional. Se as pulsões são, em sua fonte, irrepresentáveis só podem ser sentidas enquanto pressão, como medida de exigência de uma necessidade. O indivíduo tem notícias dela através das sensações de prazer/desprazer que serão lidas pela consciência a partir do aumento ou diminuição da estimulação.

Já em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud postula uma hipótese: todo aumento de estimulação é sentido como desprazer, enquanto que a diminuição da estimulação será sentida como prazer. A partir dessa hipótese, Freud deduz que o objetivo final do aparelho psíquico é livrar-se do desprazer, do excesso de estimulação,

⁸⁶ FREUD, F. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006[1920], p. 9.

o que nos aponta que o aparelho não visa o prazer, mas sim evitar o desprazer, sendo a obtenção de prazer secundária⁸⁷.

Para referir-se a diminuição da excitação, Freud utiliza a palavra alemã *Lust*. Hanns (1996) nos mostra que o termo *Lust* possui diversos significados, mas destaca dois principais: ora *Lust* aparece como sinônimo de prazer, quando designa as sensações agradáveis sentidas no corpo e ora aparece como sinônimo de desejo, ao designar uma disposição a fazer algo (p. 58)⁸⁸. A partir disto deduzimos que *Lust* possui duas vertentes: é a mesmo tempo um comichão e uma disposição a realizar determinada ação que produzirá uma sensação agradável no corpo⁸⁹.

Para além da ambiguidade do termo *Lust*, que denota tanto o prazer antecipatório quando se refere ao desejo, quanto às sensações que brotam no corpo quando ligada ao prazer, há ainda outro problema. Este será explorado por Freud em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), da seguinte forma:

Para mim, o decisivo é que tal sentimento traz consigo uma pressão para alterar a situação psíquica, impulsiona de uma maneira que é totalmente estranha à natureza do prazer sentido. Mas, se a tensão da excitação sexual for computada como um sentimento de desprazer esbarraremos no fato de que ela é inequivocamente experimentada como prazerosa. Sempre que é produzida por processos sexuais, a tensão faz-se acompanhar pelo prazer, até mesmo nas alterações preparatórias dos genitais evidencia-se uma espécie de satisfação. Como, então, relacionar essa tensão desprazerosa com esse sentimento de prazer?⁹⁰

Vemos aqui que o ato sexual indica a existência de um desprazer que é vivenciado enquanto prazeroso, ou seja, um prazer sentido a partir do aumento da excitação sexual. Ora, tal constatação contradiz a hipótese de que o prazer só é obtido

⁸⁷ FREUD, S. *Más allá del principio del placer*, AE, XVIII, 2006[1920], p. 7-8.

⁸⁸ HANNS, L. *Dicionário do alemão de Freud*, 1996, p. 58.

⁸⁹ *Ibid.*

⁹⁰ FREUD, S. *Tres ensayos de teoria sexual*, AE, VII, 2006[1905], p. 198.

com a descarga da excitação e isto intriga Freud. Como entender então estas duas formas de prazer?⁹¹

O problema se complica ainda mais quando pensamos no prazer sexual infantil e sua relação com o prazer sexual adulto. No adulto, o prazer sexual obtido com a estimulação da zona erógena é apenas um prazer parcial que antecede o prazer final, este sim advindo com a descarga do excesso de excitação⁹², o que não é observado na criança. Na criança, para que haja o cancelamento de uma excitação é necessário uma segunda estimulação, que aumente ainda mais o desprazer, para apenas em um segundo momento ocorrer a descarga, o que parece contrapor-se a lógica de funcionamento do aparelho psíquico, que é a saber, de descarregar o excesso de estímulos ao invés de armazená-los.

Mas a questão logo se resolve. Como aponta Limongi⁹³ (1994),

(...) é apenas no momento mesmo do nascimento da pulsão sexual que estimulação e prazer sexual se confundem (...) ao menos no que diz respeito ao momento de sua constituição, a sexualidade caminha no sentido inverso do que vem determinado pelo princípio de prazer: o primeiríssimo prazer sexual é o produto de uma estimulação e não de uma descarga. Mas essa característica um tanto surpreendente apenas indica que, antes que se constitua uma tendência a aliviar a tensão sexual, é preciso que haja uma acúmulo de energia sexual, é preciso que haja sexualidade (p. 41).

Isso indica que não é possível haver descarga sem antes haver acúmulo de excitação.. Assim fica fácil entender como, na criança, esse primeiro prazer caracteriza-se por um incremento de excitação. Só é possível descarregar o excedente de libido,

⁹¹ Um incremento de desprazer que é sentido como prazeroso, como os atos preliminares que antecedem o ato sexual, por exemplo.

⁹² É o que ocorre no orgasmo.

⁹³ LIMONGI, M.I. M. P. *A pulsão e seu conceito na metapsicologia freudiana*. Dissertação de mestrado, 1994.

após haver a fixação da libido, ou seja, após o aparelho reter certa quantidade de energia que, em um segundo momento, servirá como guia para as descargas seguintes⁹⁴.

Retornando ao problema da sexualidade adulta, partindo da diferenciação entre prazer preliminar e prazer final⁹⁵, Mezan⁹⁶ (2013) afirma que,

(...) este é o sentido da subordinação das zonas erógenas à primazia dos órgãos genitais: a intervenção do fator biológico representado pela aparição das substâncias sexuais exige que a descarga se faça pela via genital. O prazer preliminar, portanto, é simplesmente tradução para o registro da sexualidade adulta, do prazer sexual infantil (p. 135).

Vemos assim que o prazer adulto é uma recapitulação de um prazer já sentido durante a infância, sendo uma recapitulação do prazer infantil. No caso específico do prazer sexual adulto temos um processo irritativo que proporciona prazer em função de obter um prazer ainda maior e que não contradiz o objetivo de obter prazer, apenas o adia. Esse adiamento só é possível após o desenvolvimento piossexual da criança em que as pulsões são agrupadas em uma síntese em favor da reprodução. Tal passagem só é possível com o surgimento do princípio de realidade que passará a levar em consideração as exigências do mundo real.

Se as pulsões podem ser irritativas e sua fonte é o corpo, será o desprazer que informará a consciência de que há um incômodo, o que nos indica que é o desprazer que atíça o sujeito e o coloca em movimento, obrigando o psiquismo a encontrar formas de descarregar o excesso de estimulação (HANNIS, 1999, p. 60). Portanto, encontramos na obra de Freud uma concepção negativa do prazer, na medida em que não é a obtenção

⁹⁴ Como aponta Limongi (1994), Freud retomará este problema em Além do princípio de prazer, texto que é objeto de estudo deste trabalho. O problema do que se coloca para além do princípio de prazer será tratado em detalhes na segunda parte deste trabalho. Apenas adiantamos que a Ligação [Bindung] e a compulsão à repetição são processos que remontam aos primórdios da organização e estruturação do psiquismo. Teremos ainda o processo de Ligação [Bindung] como preparatório e garantidor da soberania do princípio de prazer como regulador dos processos psíquicos.

⁹⁵ Sendo o primeiro sentido através da estimulação de zonas erógenas e o segundo com o orgasmo.

⁹⁶ MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*, 2013.

de prazer o objetivo final do movimento pulsional e do funcionamento psíquico⁹⁷.

Como aponta Monzani⁹⁸,

Desde o começo, a lição que Freud nos ensina é bem outra: não perseguimos o prazer, fugimos do desprazer. O desprazer é o grande motor que aciona e desenvolve o aparelho psíquico, é o grande mestre, como diz o *Projeto...* O prazer, por outro lado, na concepção freudiana, aproxima-se muito mais da noção de uma calma, de uma tranquilidade, ou melhor, do movimento nessa direção. O regime do prazer concebível, originariamente, através de um outro, esse sim, pleno de positividade. O prazer não pode nem mesmo ser definido como a *ausência de desprazer*. Ele só é ou só aparece no ato mesmo de desaparecimento do desprazer (p. 182).

O ciclo pulsional, que diz da satisfação das pulsões de autoconservação e também das pulsões sexuais, fluindo do desprazer ao prazer denuncia que o objetivo do aparelho psíquico é livrar-se do excesso de estimulação, sempre sentida como desprazer. Esta é a finalidade do funcionamento psíquico. “O aparelho psíquico tem como exigência de trabalho a redução da pressão. Somente com a descarga (*Abfuhr*) das excitações o desprazer desaparece e é substituído pela vivência de satisfação (*Befriedigungserlebnis*), sentida como prazer (*Lust*)” (SORIA⁹⁹, p. 24). Este trabalho é realizado pelo princípio de prazer e sua modificação, o princípio de realidade. São estes pontos que trataremos a seguir.

2.2 Princípio de prazer e princípio de realidade

Como apontado anteriormente, o aparelho psíquico é constantemente invadido por estímulos que provém tanto do mundo externo, quanto do mundo interno. Com relação aos estímulos externos, o organismo pode empreender fuga, porém os estímulos internos exigem outra forma de contenção¹⁰⁰ e é isto que iremos explorar.

⁹⁷ MONZANI, L. R. O paradoxo do prazer em Freud. In: *Freud na filosofia brasileira.*, 2005, p. 163.

⁹⁸ *Ibid.*

⁹⁹ SORIA, A. C. S. *Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud*, 2012.

¹⁰⁰ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006[1920], p. 28.

Segundo Freud, o aparelho psíquico segue um percurso que vai da percepção à motilidade, percurso que é descrito de forma precisa em *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Este percurso possui um sentido: parte da extremidade receptiva em que chegam as percepções e termina na extremidade motora, dotada de inervações e responsável por abrir as comportas da motilidade¹⁰¹. O modelo do aparelho reflexo será tomado como o modelo de funcionamento de todas as funções psíquicas. Para Freud,

(...) a princípio, os esforços do aparelho tinham o sentido de mantê-lo tão livre de estímulos quanto possível; conseqüentemente, sua primeira estrutura seguia o projeto de um aparelho reflexo, de modo que qualquer excitação sensorial que incidisse nele podia ser prontamente descarregada por uma via motora. Mas as exigências da vida interferem nessa função simples (...) (FREUD, 1900, p. 594).

Desta citação podemos inferir que as exigências da vida impõe ao aparelho dificuldades. Mas o que Freud está tratando por “exigências da vida”? Para responder a esta questão pensemos em um bebê que acaba de nascer e é estimulado tanto pelo mundo externo, quanto pelo mundo interno. Para manter-se vivo, o bebê precisa que um outro lhe traga os objetos que satisfarão suas necessidades que, a princípio, estão vinculadas à sobrevivência do indivíduo. Embora Freud não tenha falado em pulsões de autoconservação em 1900, é desta classe de pulsões que ele trata ao falar em ‘exigências’ da vida.

A fome, que podemos pensar enquanto uma pulsão autoconservativa, se apresenta como uma grande necessidade vital que se não for satisfeita atingirá grandes magnitudes de excitação. Tal excitação só será extinta mediante um objeto adequado de satisfação, que neste caso será o leite. A saída disponível para a criança é tentar descarregar esse excesso pela via motora, através do choro e esperneio.

¹⁰¹ FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900], p. 557.

“O bebê faminto grita ou dá pontapés”¹⁰², porém essa ação não é capaz de descarregar a necessidade interna, que continuará a pressionar o aparelho até que o objeto correto lhe seja dado, já que a excitação proveniente de necessidades internas não é momentânea, comportando-se como uma força que pressiona de forma contínua o aparelho psíquico¹⁰³. No exemplo dado do bebê, a descarga só ocorrerá mediante o encontro com o objeto leite e é no instante que a excitação encontra o objeto que temos a criação de uma marca de satisfação.

“Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica (a da nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade” (FREUD, 1900, p. 594). Isso indica que os estímulos captados pela percepção, ao entrar no aparelho psíquico, criam caminhos no aparelho. Estes caminhos recebem o nome de traços mnêmicos, que mais tarde se associarão ao traço produzido pela necessidade pulsional. A este primeiro traço, se ligará o segundo, a vivência de satisfação, que guiará todos os demais traços mnêmicos na busca pelo objeto, o que nos indica que somente após haver a ligação entre o traço mnêmico e a vivência de satisfação que a pulsão passa a possuir um objeto determinado e específico.

O enlace com o objeto é portanto, fruto do trabalho psíquico e isto é posto tanto para as pulsões sexuais quanto para as pulsões de autoconservação. Isso significa que o objeto só existe enquanto representação, não existindo por si mesmo no interior do psiquismo. A partir deste enlace, quando a mesma necessidade reaparecer, surgirá com ela uma moção psíquica que tentará reinvestir ‘a imagem mnêmica da percepção’, reativando a própria percepção, na tentativa de reativar a vivência de satisfação e assim

¹⁰² FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900], p. 557.

¹⁰³ Ibid.

fazer cessar a necessidade¹⁰⁴. Este é o registro da satisfação alucinatória. Isso significa que o objeto da pulsão não existe por si mesmo, o que há é a representação do objeto. Isso nos indica que o objeto é construído a partir do trabalho do psiquismo, dito de outra maneira, a pulsão é atividade.

Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pela necessidade até o investimento total da percepção. Nada nos impede de presumir que tenha havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação (FREUD, 1900, 558).

Aqui vemos a descrição do apoio em outros termos. Nesta passagem da satisfação real à satisfação alucinatória podemos perceber o descolamento da pulsão sexual com relação à pulsão de autoconservação. Freud¹⁰⁵ relata que ao satisfazer as necessidades vitais, o caminho percorrido rumo ao objeto cria uma trilha que marca o aparelho. Essa mesma trilha será utilizada quando a necessidade aparecer novamente, porém caminhará no sentido inverso à motilidade. Isso significa que a primeira tentativa de satisfazer a necessidade será através da reativação do traço perceptivo, ou seja, pela via alucinatória. Dessa forma a pulsão encontra, mesmo que momentaneamente, a satisfação por essa via.

É importante marcarmos que o ato é o substrato das duas classes de pulsões. Isso significa que toda pulsão, independente de sua natureza, autoconservação ou sexual, é pensada enquanto pura atividade. Em *Totem e Tabu*¹⁰⁶, Freud aponta que “no princípio

¹⁰⁴ FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900], p. 558.

¹⁰⁵ Ibid.

¹⁰⁶ Se a princípio temos o ato, isso nos indica que a ação é primária quando comparada à linguagem. É esta construção que Freud faz em seu texto *Totem e tabu*, indicando que há algo que o indivíduo precisa realizar em sua história pessoal para sair da animalidade e ingressar na cultura, humanizando-se. Neste texto Freud supõe que em algum momento da pré-história da humanidade, os homens fizeram essa passagem simbolizada pelo assassinato do pai da horda, seguido do acordo estabelecido entre os irmãos da proibição do incesto e do assassinato. Se a princípio foi necessário o ato em si, o assassinato do pai real, com o surgimento da cultura, este ato passa a ser realizado de forma simbólica por cada novo

era o ato” remetendo-nos aos primórdios da vida anímica. A criança chora, esperneia e então recebe leite, objeto de satisfação da pulsão de autoconservação. O ato aqui é o meio utilizado pela pulsão para conseguir a satisfação, é através da ação que ela pode obter o objeto. Já a pulsão sexual captura a ação em si que passa a ser seu objeto, o sexual se apóia pelo ato e o toma como principal na realização de desejo. Assim, a ação é, para a pulsão sexual, seu fim. Após capturar a ação do sugar, a satisfação poderá ser obtida através de qualquer objeto, ou seja, a criança se satisfaz ‘chupetando’ o seio da mãe, os dedos, a chupeta, seus brinquedos, sua fronha, numa série interminável de objetos possíveis. O que o indivíduo alucina é, na pulsão sexual, o ato em si.

Mas será que reinvestir o traço perceptivo e alucinar a satisfação, faz cessar a necessidade? Se estamos falando em uma necessidade vital como a fome, é claro que esta só cessará com o objeto adequado, o alimento. Se para a pulsão sexual, a satisfação vai ao encontro da ação, sendo esta sua finalidade, para a pulsão de autoconservação a atividade, a ação, possibilitará ir ao encontro do objeto.

A exigência orgânica é vaga, por isso será o psiquismo o responsável por encontrar os caminhos de satisfação que se dá por facilitação. A facilitação é um conceito pensado por Freud desde o *Projeto* e indica que a energia psíquica tem a tendência de percorrer caminhos que já foram abertos¹⁰⁷. Entre construir novas vias ou percorrer as vias antigas, a excitação optará por percorrer os caminhos mais facilitados, ou seja, mais percorridos previamente. Uma vez aberto um caminho, calcado nos

integrante da espécie. O assassinato do pai e conseqüentemente o acordo em não matar e não cometer incesto colocam para os membros da espécie restrições quanto à satisfação de suas moções pulsionais. Sem tais restrições, provavelmente ao matar o pai da horda, outro macho, mais forte assumiria seu lugar, dando continuidade à tirania. É o acordo entre os irmãos que põe fim ao ciclo de assassinatos, dando a cada um a possibilidade de construir uma família ao mesmo tempo em que barra o desejo de possuir para si todas as fêmeas, o que simbolicamente se aproxima do desejo de obter a satisfação plena de suas moções pulsionais. É isto o que cada novo membro da espécie precisa realizar: interditar parte de suas moções pulsionais para ingressar na cultura, o que trouxe como consequência o aparecimento dos sistemas psíquicos, do processo de recalque, bem como o surgimento da linguagem, como mediação entre o mundo interno e o externo (Freud, S. Totem e tabu. L&PM Editores, 2013 [1921], p. 231).

¹⁰⁷ LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*, 2001, p. 165.

sistemas mnêmicos rumo ao objeto de satisfação, as próximas moções pulsionais tenderão a percorrer estes mesmos caminhos, ao invés de criar novos percursos. São formados no psiquismo caminhos privilegiados para o escoamento da energia psíquica. A partir deste momento, a energia prefere percorrer os caminhos já abertos devido a facilidade encontrada ao invés de buscar novos caminhos que colocariam mais dificuldades e barreiras ao escoamento.

Freud nomeia o primeiro modo de funcionamento do aparelho psíquico de processo primário. Esse processamento trabalha com a livre descarga das moções, utilizando a forma alucinatória via regressão para alcançar a satisfação. Neste processo, o sujeito parte da motilidade e reinveste a própria percepção¹⁰⁸. Seu modelo são “os sonhos, que realizam seus desejos pela via curta da regressão, simplesmente preservaram para nós, nesse aspecto, uma amostra do método primário de funcionamento do aparelho psíquico, método este que foi abandonado por ser ineficaz”¹⁰⁹.

No processo primário a memória, formada por traços mnêmicos, não pode ser ativada de forma voluntária, já que a regulação do sistema é automática e realizada pelo princípio do prazer. O objetivo ou meta é descarregar o excesso de estimulação e isto é feito primeiramente pela alucinação (pela via da regressão rumo à vivência de satisfação). Segundo Soria (2012), “este modo de funcionamento do psiquismo pertence a um estado arcaico que se restringe a formar imagens e qualificá-las afetivamente, como prazer ou desprazer” e sendo assim, se mostra em longo prazo, “insuficiente para a eliminação do desprazer”¹¹⁰.

O que queremos ressaltar é que o processamento primário não é totalmente eficiente para satisfazer as moções pulsionais pois se o aparelho se manter nesta forma

¹⁰⁸ FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900], p. 558-560.

¹⁰⁹ Ibid, p. 560.

¹¹⁰ SORIA, A. C. S. *Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud*, 2012, p. 38-39.

de processar a realidade, facilmente sucumbiria. No processo primário “não há quase nenhuma retenção de energia, o que permite um livre escoamento (*Abströmen*) das quantidades de excitação pelas cadeias associativas até a reativação dos traços mnêmicos perceptivos”¹¹¹ (SORIA, 2012, p. 38), o que nos indica que este processo prescinde de objetos reais. Se para o processo primário a realidade é prescindível, de que forma o organismo satisfaria as pulsões de autoconservação?

Para Mezan¹¹²,

O fracasso da alucinação determina o aparecimento da prova de realidade, que suspende a regressão quando esta atinge as recordações visuais, desviando a energia que se encaminhava para a revivescência alucinatória rumo à produção da identidade requerida a partir do mundo exterior. É neste contexto que aparece o pensamento, que consiste simplesmente na realização do desejo por um desvio mais longo, porém mais eficaz (p. 90).

É aqui que vemos a necessidade da passagem da descarga pela via alucinatória e regressiva, à descarga pela via da motilidade com objetivo de provocar modificações no mundo externo. Este é o processamento secundário que necessita de uma grande quantidade de experiências acumuladas nos sistemas mnêmicos e “uma multiplicidade de registros permanentes das associações por diferentes representações-meta”¹¹³ (registros da satisfação). Cabe ao sistema secundário tanto impedir que a energia regrida do investimento mnêmico à percepção, quanto conduzi-la, através da motilidade ao mundo externo.

É somente com a forma de processamento secundário que o sujeito será capaz de separar o mundo objetivo do mundo subjetivo, pois agora temos a percepção real do objeto de satisfação. Se antes o sujeito podia alcançar a satisfação momentaneamente pela via alucinatória, agora será necessário encontrar um objeto no mundo real, daí o

¹¹¹ SORIA, A. C. S. *Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud*, 2012, p. 38-39.

¹¹² MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*, 2013.

¹¹³ FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900], p. 265.

motivo pelo qual o aparelho visa repetir a primeira vivência de satisfação, pois estando já calcada e aberta no próprio sujeito, esse caminho rumo a satisfação é infinitamente mais fácil.

Por um lado, o processo primário visa promover uma livre descarga da excitação, buscando estabelecer uma “identidade perceptiva” com a vivência de satisfação, por outro, o processo secundário visa estabelecer uma identidade de pensamento com aquela vivência. Segundo Freud¹¹⁴,

O pensar, como um todo, não passa de uma via indireta que vai da lembrança de uma satisfação (lembrança esta adotada como uma representação-meta) até um investimento idêntico da mesma lembrança, que se espera atingir mais uma vez por intermédio das experiências motoras. O pensar tem que se interessar pelas vias de ligação entre as representações sem se deixar extraviar pelas intensidades dessas representações (p. 591).

Freud conclui que o pensamento precisa se livrar do princípio de desprazer (primeira nomenclatura do princípio de prazer), a fim de evitar este desvio, restringindo o desenvolvimento dos afetos em sua atividade¹¹⁵. O processo primário é típico do sistema inconsciente, enquanto que o processo secundário ocorre nos sistemas consciente e pré-consciente.

O processo secundário precisa ter acesso a todo o conteúdo dos sistemas mnêmicos para que possa se orientar de forma precisa, sem investir cadeias de representações que não lhe interessam naquele determinado momento. O processo secundário e conseqüentemente o princípio de realidade.

“Deve, portanto, conter o livre escoamento de grandes cargas energéticas e conservar as representações ligadas a pequenas quantidades de afeto, o que possibilita antecipar os fenômenos externos e encontrar uma satisfação mais duradoura” (SORIA, 2012, p. 40).

¹¹⁴ FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900].

¹¹⁵ *Ibid.*, p.592.

Cabe salientar que o modo de funcionamento do princípio de prazer não é abandonado pelo princípio de realidade, já que ambos visam descarregar o excesso de estimulação presente no aparelho psíquico. Freud (1920)¹¹⁶ aponta que o princípio de realidade nada mais é que uma modificação do princípio de prazer, mantendo com este uma relação de proximidade.

Ricoeur¹¹⁷ salienta que “a bem dizer, a satisfação alucinatória é um impasse biológico; ele conduziria infalivelmente ao fracasso, razão por que a instituição do princípio de realidade é uma exigência do próprio princípio de prazer” (p. 222).

Segundo Mezan (2013),

Os objetos que satisfazem as necessidades da autopreservação só existem no mundo exterior (o leite materno); portanto, para que a criança não morra de fome, precisa dominar o processo primário e entrar na fase do processo secundário (...). Por outro lado, sendo as pulsões sexuais inicialmente auto-eróticas, não sofrem ainda a privação do objeto, que é o corpo próprio, e portanto está *ex hypothesi* sempre presente (p. 158).

Os processos primários servem de “guia imagético-afetivo” (HANNIS, 1999, p. 88) para o aparelho psíquico. Freud aponta que estes processos estão presentes no aparelho desde o início e que só com o desenrolar da vida é que os processos secundários se desenvolvem e passam a inibir os processos primários¹¹⁸. O funcionamento primário possui dessa forma a função de impedir que o aparelho, ainda rudimentar, sucumba aos acúmulos de estímulos que o invadem. Os sistemas se conectam e a atividade do segundo sistema só é possível graças ao acúmulo de experiências, que são gravadas nos sistemas mnêmicos e ficam a disposição do sistema consciente e sua forma de processamento, não mais pela via da alucinação e da regressão, mas pela atividade do pensamento e da ação motora¹¹⁹.

¹¹⁶ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006[1920], p. 9-11.

¹¹⁷ RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, Imago, 1977.

¹¹⁸ FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900], p. 590.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 590.

Soria (2012) levanta uma informação de extrema importância. A partir dos diferentes modos de funcionamento psíquico, constatamos que a pulsão é muito anterior ao pensamento e que é, portanto, “independente do pensar” (p. 42). Encontramos em Freud (1900) algo que nos indica em que direção estes problemas podem ser pensados:

Em consequência do aparecimento tardio dos processos secundários, o âmago de nosso ser, que consiste em moções de desejo inconscientes, permanece inacessível à compreensão e à inibição pelo pré-consciente; o papel desempenhado por este restringe-se para sempre a direcionar pelas vias mais convenientes as moções de desejo vindas do inconsciente. Esses desejos inconscientes exercem uma força compulsiva sobre todas as tendências anímicas posteriores, uma força com que essas tendências são obrigadas a aquiescer, ou que talvez possam esforçar-se e dirigir para objetivos mais elevados. Outro resultado do aparecimento tardio do processo secundário é que uma ampla esfera do material mnêmico fica inacessível aos investimentos do pré-consciente¹²⁰ (p. 591).

Há no inconsciente uma compulsão que obriga o sujeito a repetir as mesmas vias de satisfação, sendo que o funcionamento primário trabalha em função dessa compulsão. Laplanche¹²¹ (1985) afirma que o primeiro objeto de satisfação só pode ser o objeto real- o seio. Para o autor, é após a primeira mamada que teríamos o desprendimento de um excesso de excitação, um prazer a mais que deverá ser manipulado pelo psiquismo. A partir desse momento poderíamos pensar no surgimento do princípio de prazer e na manutenção do objeto real enquanto objeto fantasmático de satisfação, facilmente acessível às pulsões sexuais pela via da alucinação.

Para Limongi (1994) a pulsão por ser qualitativamente indeterminada, só toma uma “forma” devido às restrições que o aparelho psíquico impõe a ela ao eleger formas privilegiadas de satisfação. Por isso, para a autora, não há um dualismo pulsional inicial, sendo que o dualismo só pode ser compreendido enquanto resultante dos modos diferentes de circulação de energia no interior do aparelho. O dualismo proposto em

¹²⁰ FREUD, S. *La interpretación de los sueños*, AE, V, 2006[1900]

¹²¹ LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

1915 serviria apenas para sustentar outro dualismo: o conflito tópico entre o eu e o reprimido.

Sua argumentação defende que é a partir do fracasso alucinatório em conseguir obter a satisfação desejada, que o aparelho modificaria o princípio de prazer em princípio de realidade e só após essa modificação que poderíamos falar em pulsões de autoconservação e pulsões sexuais. Para a autora, se a pulsão de autoconservação faz a passagem do princípio de prazer para o princípio de realidade, sendo que as pulsões sexuais escapam do domínio do princípio de realidade, então “isso não quer dizer que é o fato desse processo ser ou não deflagrado que divide as águas entre as pulsões sexuais e do eu?” (p. 94). A princípio haveria uma indistinção originária, sendo a estrutura vital uma conquista secundária, uma construção que ao ser constituída acabaria por fundar a diferenciação entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais¹²².

A questão que levantamos neste ponto é: seria o psiquismo quem impõe determinadas condições para a circulação da energia somática ou é antes a diferença entre as duas classes de pulsões, que impõe ao aparelho diferentes formas de escoar as excitações? Dito de outra forma, seriam as pulsões as responsáveis pelo surgimento de dois modos de processamento psíquico ou seriam as pulsões consequências da existência prévia destes modos de processamento?

O fato é que se aceitarmos que o aparelho impõe formas diferentes para a circulação de energia, independente das duas classes de pulsões, teríamos que concluir que de fato só há um tipo de energia circulando no aparelho anímico, sendo a diferença entre as classes de pulsões consequências das restrições impostas pelo aparelho. Defendemos que as pulsões são mais fundamentais que o princípio de prazer ou de realidade, sendo estes a marca da distinção entre pulsão sexual e pulsão de

¹²² LIMONGI, M.I. M. P. *A pulsão e seu conceito na metapsicologia freudiana*. Dissertação de mestrado, p.88, 1994.

autoconservação. Caso contrário, teríamos que aceitar que a consciência é, de fato, anterior ao inconsciente, já que é ela quem impõe as restrições e a nosso ver isso significaria tornar primário o que Freud afirmou ser secundário, invertendo a lógica da psicanálise. Novamente aqui nos deparamos com o problema da cronologia, da anterioridade de um processo sobre o outro.

Temos a impressão de que para Freud, será por intermédio das pulsões de autoconservação que ocorrerão as modificações nas formas de processamento psíquico e a transformação do princípio de prazer em princípio de realidade. Isso ocorre em decorrência das pulsões sexuais obterem satisfação de forma autoerótica, prescindindo de objetos externos ao sujeito, mas as pulsões de autoconservação terão que provocar modificações no mundo externo, obrigando o sujeito a alcançar, pela via da motilidade, os objetos necessários a preservação da vida¹²³.

Neste ponto, o leitor pode levantar a seguinte questão: por que afinal, a realidade impõe restrições a satisfação pulsional? Para além do que discutimos no capítulo dois deste trabalho¹²⁴, há ainda outro ponto que queremos apresentar. Em *O mal-estar na cultura*¹²⁵, ao apresentar os impasses estabelecidos entre o indivíduo e a sociedade, Freud apresenta uma hipótese:

Pode-se presumir que a fundação da família esteve ligada ao fato de que a necessidade de satisfação genital não se apresentou mais como um visitante que surge subitamente e, depois de sua partida, não dá mais notícias por longo tempo, mas que se alojou no indivíduo como um inquilino permanente. Isso deu ao macho motivo para manter consigo a mulher, ou, dito de um modo mais geral, os objetos sexuais (...) (p. 103).

Tal citação nos indica que, na espécie humana, em algum momento a biologia passa a ser secundária. Isso só se torna compreensível se pensarmos a pulsão enquanto

¹²³ FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006[1915], p. 122.

¹²⁴ Ver a discussão apresentada na Capítulo 2, no item 2.2 *O princípio de prazer e o princípio de realidade*.

¹²⁵ FREUD, S. *O mal-estar na cultura*, L&PM, 2014.

responsável por essa transformação. É porque a pulsão não equivale ao instinto que o biológico se constrói no humano de outra forma, submetendo-se à cultura. Em uma longa nota de rodapé acrescentada neste mesmo texto¹²⁶, Freud discorre sobre o processo de submissão do biológico ao cultural. Se nos animais, o cio é programado biologicamente em períodos específicos e traz consigo a excitação sexual, no homem o cio, a reprodução e a excitação sexual não se articulam de forma exata. Segundo Freud¹²⁷: “A periodicidade orgânica do processo sexual se conservou, é verdade, mas a sua influência sobre a excitação sexual psíquica se inverteu” (p. 104).

A passagem de um princípio a outro se dá por intermédio das pulsões. É a pulsão de autoconservação e seus ditames, bem como as pulsões sexuais e seus ditames, que permitem ao homem construir sua realidade, já que, ao contrário dos animais, para o homem a realidade não é algo dado. E aqui, as construções culturais tem um valor inestimável. É por que a pulsão se sobrepõe ao instinto, que os homens uniram-se em bandos, o que possibilitou a manutenção da espécie, afinal, para que a pulsão de autoconservação seja satisfeita é preciso que haja a entrada de um outro. Agora, cada novo membro da espécie precisará repetir a história de toda humanidade. Ao recapitular essa história, o indivíduo abre mão de uma exclusividade de satisfação a partir apenas do princípio de prazer e inclui nesse circuito, o outro, a cultura e a realidade.

A passagem de um princípio a outro produz a especificidade do humano, a saber, o afastamento do instintivo a partir da construção da cultura. Se no animal, o instinto representa o aparato biológico de forma direta, no homem essa representação é indireta já que é mediada pela cultura e pelo outro. No homem, a realidade é construída à medida que o aparelho faz a passagem de um princípio a outro e essa mudança só pode ser pensada a partir do conceito de pulsão. É a pulsão, representante dos processos

¹²⁶ FREUD, S. *O mal-estar na cultura*, L&PM, 2014, p. 104-105.

¹²⁷ Ibid.

somáticos no psiquismo, que possibilita um ‘mais-além’ da biologia e do instintivo, colocando a espécie humana em um paradoxo: ao mesmo tempo em que vive na natureza e se relaciona com ela, também se coloca para fora dela.

Nos parece que antes de encontrar um início, a teoria pulsional precisa ser pensada de forma lógica, sendo a separação entre as duas classes de pulsões uma construção didática, já que precisamos pensa-las juntas. Freud defende que a princípio os sistemas não estão totalmente separados, sendo a divisão psíquica consequência do processo de desenvolvimento pulsional.

Os problemas encontrados na primeira teoria pulsional são muitos, porém não podemos nos esquecer que Freud sustenta a existência de duas classes de pulsões que estariam presentes no indivíduo desde o nascimento. É isso que a noção de apoio esclarece. Se temos como farol a afirmação de que toda pulsão é fragmento de atividade, a consequência lógica é pensarmos os dois princípios de funcionamento do aparelho bem como seus diferentes sistemas psíquicos enquanto fruto da diferença entre as duas classes de pulsões. Cada classe pulsional irá impulsionar algo de sua própria natureza, ou seja, a pulsão sexual impulsiona algo da natureza do sexual e a pulsão de autoconservação impulsiona algo da natureza da conservação do indivíduo.

Para além das divergências nas diferentes interpretações, mantem-se um ponto seguro: o dualismo pulsional ajuda a esclarecer os processos neuróticos. O que iremos investigar agora é o conflito psíquico e sua relação com o dualismo pulsional, pois a metapsicologia sem a prática clínica não se sustenta. Investigaremos como o dualismo possibilitou a Freud desenvolver sua teoria libidinal e através desta, oferecer hipóteses que dessem conta de explicar os fenômenos neuróticos e seus sintomas. A aplicabilidade da teoria libidinal nos fenômenos neuróticos culminará na crise teórica

deflagrada com o estudo das parafrenias, que levará Freud ao problema do narcisismo e posteriormente a nova formulação do dualismo pulsional.

CAPÍTULO 3: O DUALISMO PULSIONAL E O CONFLITO PSÍQUICO

3.1 O conflito psíquico

O primeiro e o segundo capítulos deste trabalho foram dedicados ao conceito de pulsão, bem como a sua circulação no aparelho psíquico. Segundo Freud, as pulsões são “as representantes de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico”¹²⁸, correspondendo a um tipo especial de estímulo que exige formas específicas de contenção. As pulsões são divididas em duas classes: pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, constituindo assim um dualismo pulsional no interior do aparelho que representa o conflito estabelecido entre os interesses do indivíduo *versus* os interesses da espécie.

Estas duas classes de pulsões possuem as mesmas propriedades, a saber, fonte, pressão, objeto e meta, sendo que estas mesmas propriedades nos ajudam a aproximá-las, bem como diferenciá-las. O principal problema enfrentado por Freud em sua primeira teoria pulsional será, como exposto anteriormente, de defender a especificidade das pulsões de autoconservação, diferenciando-as daquilo que a biologia nomeia por instinto. Somar-se-á a este problema os impasses provocados pelo narcisismo, que acaba esfumando a divisão entre pulsões de autoconservação (também nomeadas por pulsões do ego) e pulsões sexuais. Antes de entrarmos neste problema, iremos discutir o dualismo pulsional e sua função no conflito psíquico, que nos levará ao problema do recalque e a teoria da libido. Tal percurso justifica-se pelo fato de que a discussão trazida nos capítulos anteriores não faz sentido sem levarmos em consideração que a

¹²⁸ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006[1920], p.34.

teoria das pulsões nos possibilita explicitar o conflito neurótico e seus sintomas, bem como a especificidade do psiquismo humano¹²⁹.

O dualismo pulsional nos possibilita entender a neurose, situando o conflito vivenciado pelo paciente como resultante do duelo travado entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação. Veremos, ao longo deste trabalho, como a clínica organiza essa questão para Freud, trazendo para a discussão ora o primeiro dualismo, ora o segundo. Sem adiantar muito a questão, mas colocando apenas o necessário para justificar nossa escolha pelo trajeto desenvolvido ao longo do trabalho, queremos apontar que se a neurose histérica possibilitou localizar o conflito na briga entre os interesses do indivíduo *versus* os interesses da espécie; a neurose traumática e a compulsão a repetição levaram Freud a postular um ‘para além do princípio de prazer’, conseqüentemente, um ‘para além do primeiro dualismo pulsional’. O conflito ganha novos contornos extrapolando o humano, passando a envolver toda vida orgânica.

Antes de chegarmos a esta conclusão, partiremos da neurose e seus sintomas, passando pelo recalque e sua relação com os sistemas psíquicos e chegando a teoria da libido. Estes passos nos darão elementos para entender como o conceito de narcisismo abre sérias questões a Freud, obrigando-o a revisitar sua teoria libidinal. Os problemas trazidos com o conceito de narcisismo serão nossa ponte entre o primeiro e o segundo dualismo pulsional, objeto do quinto capítulo deste trabalho¹³⁰.

A psicanálise nasce a partir de uma questão: como entender e tratar os sintomas histéricos? É posto que a histeria interrogava a medicina, já que seus sintomas não podiam ser explicados a partir dos saberes médicos da época. Aliás, será uma

¹²⁹ Veremos no capítulo 5 deste trabalho como a introdução do conceito de pulsão de morte desloca a discussão apresentada até este momento. Se a princípio as pulsões permitem explicar o psiquismo humano, a partir de 1920 fornecerão elementos para pensar a vida em geral (tudo o que é orgânico).

¹³⁰ Ao nomear os dualismos pulsionais de primeiro e segundo não estamos sugerindo que haja uma substituição de um pelo outro, nem que se trate de um avanço teórico. Nos referimos ao primeiro e segundo dualismo apenas por uma questão de cronologia de postulação teórica. O primeiro permanece até 1920, ano em que Freud publica *Além do princípio de prazer*, texto em que apresentará pela primeira vez o conceito de pulsão de morte.

preocupação de Freud desvincular os sintomas neuróticos de possíveis causas orgânicas, sendo esta sua especificidade: um sintoma é considerado neurótico quando não possui uma causa orgânica comprovada.

Tal constatação é construída por Freud a partir de *Estudos sobre a histeria*¹³¹ em que vemos o esforço de Freud em estabelecer como causa do adoecimento histórico razões de origem psíquica, embora ele ainda mantivesse uma esperança em encontrar um substrato orgânico que justificasse tais sintomas¹³². É apenas na *Interpretação dos Sonhos*, com a ilustração do psiquismo enquanto um aparelho óptico, que Freud parece abandonar a hipótese localizacionista. Se antes a explicação se dava pensando em neurônios que seriam mais ou menos investidos, a partir de 1900 a explicação se dará em torno de representações, prescindindo da materialidade do corpo¹³³.

A ideia que se apresenta neste momento e que será mantida por Freud é de que há na história do indivíduo pontos traumáticos, marcas deixadas no psiquismo através de representações altamente investidas por moções pulsionais. A princípio, Freud buscava localizar a cena traumática, um acontecimento vivenciado pelo indivíduo que teria lhe causado grande impacto. A cena deveria ser buscada na cadeia de memória do paciente, já que se acreditava tratar de um evento real, normalmente uma vivência em que o paciente fora seduzido, ou seja, entrado em contato com algo do campo do sexual em uma idade muito precoce. Esta vivência deixaria no indivíduo impressões profundas

¹³¹ BREUER, J e FREUD, S. *Estudios sobre la histeria*, AE, II, 2006 [1893-1895].

¹³² Essa esperança 'localizacionista' é justificada pelo fato de Freud ter escrito no mesmo período tanto seus *Estudios* (1893- 1895) quanto o *Projeto para uma psicologia científica* (1895). Mesmo nunca tendo publicado o *Projeto*, sabemos que estas ideias rondavam nosso teórico e não podemos ser indiferentes a isto.

¹³³ Segundo Fabio Thá, "Freud considera as representações como entidades analógicas e imagéticas. Elas se originam da percepção, seja interna (os traços mnésicos das excitações internas), seja externa (as imagens mnésicas dos objetos), e são concebidas como unidades mentais — fundamentalmente imagens psíquicas de objetos e sensações exteriores ao aparelho psíquico. Como não são entidades isoladas, mas estão relacionadas em redes associativas que espelham sua ocorrência na realidade externa, são capazes de representar também relações e eventos". Disponível em: Thá, Fabio. (2004). *Representação e pensamento na obra freudiana: preliminares para uma abordagem cognitiva*. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 7(1), 109-128.

e intensas, sendo a lembrança de tais cenas, insuportável para a consciência e por este motivo, eram afastadas e ‘esquecidas’ pelo ego.

O tratamento buscava trazer a tona estas lembranças que estavam cindidas do pensamento consciente e impedidas de se manifestar, já que os eventos traumáticos não apareciam na cadeia de memória do paciente, manifestando-se apenas através do sintoma, um substituto destes eventos¹³⁴. Disso resulta a premissa de que ‘os histéricos sofrem de reminiscências¹³⁵’ (p. 16). Tal premissa nos indica que os histéricos continuam padecendo no presente de acontecimentos que se deram há muito tempo.

Essa primeira hipótese a respeito dos sintomas neuróticos receberá o nome de teoria da sedução. A teoria da sedução é, segundo Laplanche e Pontalis¹³⁶, elaborada entre 1895 e 1897, sendo de fundamental importância para a elaboração e sustentação do conceito de recalque (p.469). Segundo os autores tal teoria

(...) supõe que o trauma se produz em dois tempos separados um do outro pela puberdade. O primeiro tempo, o da sedução propriamente dita, é caracterizado por Freud como acontecimento sexual ‘pré-sexual’ o acontecimento sexual é trazido do exterior a um sujeito que ainda é incapaz de emoções sexual (ausência das condições somáticas da excitação, impossibilidade de integrar a experiência). A cena, no momento em que se produz, não é objeto de um recalque. Só no segundo tempo um novo acontecimento, que não implica necessariamente um significado sexual em si mesmo, vem evocar por alguns traços associativos a lembrança do primeiro (p. 469).

A ideia de que o trauma se dá em dois tempos permitiu a Freud estruturar o conceito de recalque primário e recalque secundário, que veremos a seguir. A teoria da sedução também mostrará a Freud que: “Tenho de te confiar imediatamente o grande segredo que lentamente em mim se iluminou no decorrer dos últimos meses. Já não acredito mais na minha neurótica”¹³⁷, ou seja, as cenas relatadas por suas pacientes não

¹³⁴ FREUD, S. Cinco conferencias sobre psicoanálisis, AE, XI, 2006 [1910[1909]].

¹³⁵ Ibid.

¹³⁶ LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*, 2001.

¹³⁷ FREUD *apud* LAPLANCHE e PONTALIS. In: *Vocabulário da Psicanálise*, 2001, p. 470.

necessariamente remetiam a acontecimentos reais, sendo na maioria dos casos, produzidas pelos neuróticos por meio de fantasias.

Com a descoberta das fantasias, o trauma será pensado não a partir de um evento real, mas enquanto construção do indivíduo. A realidade que importará neste momento é a realidade psíquica e não apenas a realidade material dos fatos, já que cabe a cada neurótico significar as próprias vivências¹³⁸. Essa rica vida de fantasias leva Freud a postular a existência de uma sexualidade presente desde o nascimento e é aqui que a teoria pulsional se colocará como pedra angular da teoria.

O sintoma, agora entendido como resultado de um conflito, será produzido pelo duelo estabelecido entre a realidade e os desejos sexuais infantis do indivíduo. Para Freud, o adoecimento ocorre quando falta na realidade a satisfação desses desejos. É a impossibilidade de satisfação que obriga a moção pulsional a encontrar uma satisfação substitutiva via sintoma, posto que ao ser julgada como incompatível com a realidade e os anseios do ego, o destino da moção é ser enviada ao inconsciente através do processo de recalque. A partir de então, o ego se recusa a desfazer o recalque e a pulsão sexual se recusa a renunciar a satisfação substitutiva, o que acarreta uma fuga da realidade pela via regressiva. Por essa via, a libido retorna a fases mais felizes, que remontam aos primórdios de sua organização, em que a satisfação era dada de forma imediata¹³⁹. Em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, Freud enfatiza que,

A tendência geral de nosso aparelho psíquico em apegar-se tenazmente às fontes de prazer disponíveis e sua dificuldade em renunciar a elas podem ser atribuídas a um princípio econômico de poupar esforço. Entretanto, com a instauração do princípio de realidade, um determinado tipo de atividade do pensar foi apartado do teste de realidade, permaneceu livre deste e ficou submetido apenas ao princípio de prazer. É ele o fantasiar (FREUD, 2006 [1911], p. 67).

¹³⁸ FREUD, S. *Cinco conferencias sobre psicoanálisis*, AE, XI, 2006 [1910[1909]], p. 50.

¹³⁹ *Ibid*, p. 50-51.

É por perceber a realidade material como insatisfatória que os homens mantêm em seu psiquismo uma vida de fantasias onde não há restrições à satisfação pulsional, sendo a regressão o processo que permite à moção retornar a estágios em que a vida era aparentemente mais fácil e mais feliz. Isso porque sob domínio do inconsciente, os conteúdos representacionais são processados pelo processo primário e o princípio de prazer e conseguem pela via alucinatoria alcançar, mesmo que momentaneamente, a satisfação. Tal processo é possível, pois, durante o desenvolvimento psicosexual infantil há o surgimento de pontos de fixação que aprisionam a libido, obrigando-a a permanecer fixada. Tais pontos funcionam como imãs, atraindo as moções recalçadas e forçando-as a percorrer, devido a facilitação, os caminhos já abertos de satisfação.

Se a princípio a criança é ‘perversa e polimorfa’, encontrando satisfação em várias partes do corpo através da estimulação das zonas erógenas, o desafio de cada indivíduo será de barrar essas satisfações parciais em prol da satisfação genital. É o recalque que possibilitará a interdição das zonas erógenas, forçando a união das várias pulsões parciais em prol da reprodução. Em tese, a libido deveria se unir em uma síntese com um único objetivo: a reprodução da espécie.

Para Mezan¹⁴⁰ é a partir da interdição das zonas erógenas que o sexual e o inconsciente se ligam, pois neste momento a consciência não permitirá mais que a estimulação dessas zonas erógenas seja sentida enquanto prazeroso. O que se passa nesse momento é que o recalque “faz abandonar as antigas zonas erógenas e as interdita à sensação de prazer; portanto, é uma operação que converte uma sensação de prazer numa sensação de desprazer” (MEZAN, 2013, p. 71).

Esse processo se dá por intermédio do ego e da consciência, regidos pelo princípio de realidade e dominados pelas pulsões de autoconservação. O princípio de

¹⁴⁰ MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*, 2013, p. 70.

realidade impõe restrições às moções pulsionais sexuais, que só obterão descarga mediante autorização do ego. Em *Perturbações psicogênicas da visão*¹⁴¹ Freud relata que foi investigando manifestações contraditórias de um mesmo órgão que se pôde inferir a existência dessas duas instâncias psíquicas. Observando a cegueira histérica, conclui que o paciente embora esteja cego para a consciência, continua vidente no inconsciente, denunciando a dinâmica do aparelho, “que reconduz a vida anímica a um jogo de forças que se promovem e se inibem umas as outras¹⁴²” (p. 211).

Nesse jogo de forças temos de um lado, o inconsciente e as pulsões sexuais e de outro, o ego, a consciência e as pulsões de autoconservação. Já sabemos que o inconsciente é regulado pelo princípio de prazer, cujo objetivo é a livre descarga das moções pulsionais. Estas moções pulsionais trazem em si desejos infantis que não puderam ser satisfeitos e que continuam a forçar passagem ignorando os desígnios da realidade. Por este motivo trazem dificuldades à consciência e ao ego, que não admitem a satisfação destas moções, já que precisam levar em consideração a realidade.

Assim, as moções pulsionais infantis, ao forçar a descarga, acabam trazendo desprazer à consciência e ao ego que utilizarão o mecanismo do recalque para se defenderem do desprazer sentido com tal satisfação.

A existência de fantasias inconscientes indicava que o sistema inconsciente se pautava por normas de ideação diferentes das que governam o pensamento consciente: ele é o conjunto dos elementos que se encontram sob regime de repressão, e por isto mesmo impedidos de aceder à consciência (MEZAN¹⁴³, p. 73).

Ao ingressar na consciência, a moção de desejo acarreta o aumento de excitação que é sentido então como desprazeroso. O recalque visa retirar esse conteúdo altamente investido de libido da consciência e enviá-lo novamente para o inconsciente. Com isso,

¹⁴¹ FREUD, S. *La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis*, AE, XI, 2006 [1910].

¹⁴² Ibid.

¹⁴³ MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*, 2013.

ele diminui a quantidade de excitação presente na consciência, gerando prazer ao sistema. Em contrapartida, tais conteúdos enviados ao inconsciente continuam se movimentando, ligando-se a novas representações, trocando investimentos e assim, continuam forçando entrada na consciência. O incômodo apenas mudou de instância e como já vimos, se a pulsão não cessa de pressionar o psiquismo, tal processo trará como consequência o aparecimento de sintomas, atos falhos, chistes, sonhos, todos estes, representantes distorcidos dos conteúdos recalçados.

Passaremos agora ao problema do recalque que nos auxiliará a compreender melhor o conflito tópico elucidando de que forma o duelo travado entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais influenciam na constituição do aparelho psíquico, bem como no processo de adoecimento neurótico.

3.2 O processo de recalque¹⁴⁴ e a separação das instâncias psíquicas

Em *Cinco Lições de Psicanálise*¹⁴⁵, Freud afirma que,

As mesmas forças que hoje, como resistência, se opõem ao empenho de tornar consciente o esquecido, tem que ser as mesmas que naquele momento produziram o esquecimento e forçaram {*drängen*} para fora da consciência as vivências patógenas em questão. Chamei recalque {esforço de despejar} este processo por mim suposto e o considere demonstrável pela indiscutível existência da resistência (p. 24)

Através da análise de seus pacientes, Freud percebe que o sintoma encobria um desejo violento, julgado incompatível com as aspirações e anseios da consciência e que,

¹⁴⁴ Optamos por traduzir o termo *Verdrängung* por recalque ao invés de repressão. Nossa escolha baseia-se na distinção proposta por Laplanche e Pontalis. Os autores apontam que Freud utilizava palavras diferentes para referir-se a este processo. Para os autores, o recalque descreve o destino que a representação sofre (da consciência para o inconsciente), enquanto que a palavra repressão seria usada para falar do destino sofrido pelo montante de afeto ligado à representação, que continuará na consciência. Para os autores recalque e repressão não são sinônimos, sendo o termo recalque [Verdrängung] utilizado para o processo de barrar representações e o termo repressão [Unterdrückung] utilizado para designar o processo de barrar processos conscientes. Ver: Laplanche e Pontalis, Vocabulário da Psicanálise, 2001, p. 449.

¹⁴⁵ FREUD, S. *Cinco conferências de psicanálise*, AE, XI, 2006 [1910[1909]].

ao entrar nesta instância, dava início a um conflito no interior da consciência. Após o conflito, as representações impedidas de permanecer na consciência poderiam sofrer quatro destinos: sublimação, transformação em seu contrário, redirecionamento contra a própria pessoa ou recalque. Não abordaremos neste trabalho os três primeiros destinos, nos dedicando apenas ao processo de recalque.

O processo de recalque consiste em enviar para o inconsciente¹⁴⁶ as representações incompatíveis com a consciência, mantendo-as assim, afastadas do ego. Segundo Freud¹⁴⁷,

Acontecia um breve conflito e ao final da luta interna, a representação que aparecia ante a consciência como a portadora daquele desejo inconciliável sucumbia à repressão {esforço em desalojar} e era esquecida e forçada para fora da consciência junto com as recordações ligadas a ela. Então, a incompatibilidade dessa representação com o eu do enfermo era o motivo {a força impulsora} do recalque e as forças do recalque eram as reivindicações éticas e outras, do indivíduo (p. 25).

O objetivo deste processo é evitar o desprazer que seria desprendido no ego caso a moção de desejo obtivesse satisfação. Isso porque as sensações de prazer/desprazer serão sentidas em cada sistema psíquico de forma independente, ou seja, o que é prazer em um sistema pode ser sentido como desprazer em outro sistema e vice-versa. O recalque denuncia que atuam no aparelho psíquico duas forças antagônicas: uma que visa trazer à consciência a lembrança esquecida, para que a moção possa encontrar a satisfação que lhe falta, e a outra que tem por objetivo manter tais representações afastadas da consciência, evitando o desprendimento de desprazer nesta instância.

Este antagonismo é evidenciado pelo termo utilizado por Freud para designar o processo de recalque. *Verdrängung*, segundo Hanns, aponta para a noção de “‘empurrar de lado’ (desalojar do centro da cena)”, indicando que “o material recalcado pressiona

¹⁴⁶ A moção de desejo, bem como todas as representações ligadas a ela.

¹⁴⁷ FREUD, S. *Cinco conferencias de psicoanálises*, AE, XI, 2006 [1910[1909]].

pela volta, fica como que num “salão contíguo ao consciente tentando o retorno”¹⁴⁸ e por isso, embora ausente se faz presente, pois não cessa de pressionar o psiquismo mesmo a distância.

Para Laplanche e Pontalis¹⁴⁹, o recalque refere-se a “uma operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão”(p. 430) que não pode obter a descarga almejada. Quando isso ocorre, a moção é condenada a permanecer no inconsciente e é impedida de se desenvolver, ficando fixada à fase de desenvolvimento em que se encontra. É a partir deste momento, em que temos a fixação da libido em determinadas representações inconscientes, que o prazer sentido com a satisfação destas moções é transformado em desprazer.

É o recalque que nos permite entender essa passagem¹⁵⁰ e será o dualismo pulsional que nos auxiliará a compreender melhor este processo, já que apenas as pulsões sexuais podem sofrer tal destino. A fome, um imperativo das pulsões de autoconservação, só cessa de pressionar o aparelho ao obter a satisfação mediante a presença do objeto adequado, o alimento. Contra essas pulsões, o recalque não tem serventia, pois se as pulsões de autoconservação pudessem ser recalçadas, acabariam levando o indivíduo à morte. Disso extraímos a conclusão de que o recalque é uma operação de defesa exclusiva contra as exigências desmedidas das pulsões sexuais.

A condição para que ele ocorra é, segundo Freud¹⁵¹, “que o motivo que causa o desprazer se torne mais poderoso que o prazer da satisfação” (p. 142), sendo essa diferença ocasionada pelo conflito travado entre os anseios da pulsão sexual de um lado e os anseios do ego e da consciência, de outro. A disputa se dá em decorrência das

¹⁴⁸ HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, 1996, p. 363.

¹⁴⁹ LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*, 2001.

¹⁵⁰ FREUD, S. *La represión*, AE, XIV, 2006 [1915], p. 141.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 142

diferenças entre as duas classes de pulsões. A pulsão sexual que habita o inconsciente é regida por suas leis, ou seja, pelo princípio de prazer que, como vimos, vai sendo barrado por seu substituto, o princípio de realidade. Se a pulsão sexual visa obter a descarga imediata, sem levar em consideração os ditames da realidade, caberá às pulsões de autoconservação erigir barreiras contra elas.

Freud defende a tese de que o recalque não é um mecanismo presente desde o início da vida anímica e para se constituir é preciso que haja uma mínima separação entre os sistemas consciente e inconsciente¹⁵². A cisão completa entre os sistemas só ocorre com a saída do Complexo de Édipo, embora possamos pensar em um primeiro recalque que ocorre muito antes deste momento. O recalque se constrói a partir das fixações construídas pelo sujeito, pontos em que a libido é aprisionada às experiências infantis que causaram grande impacto. É isto que a noção de ‘fixação ao trauma’ denuncia¹⁵³.

A noção de fixação encontra-se constantemente na doutrina psicanalítica para explicar este dado manifesto da experiência: o neurótico, ou mais geralmente todo sujeito humano, está marcado por experiências infantis, mantém-se ligado, de forma mais ou menos disfarçada, a modos de satisfação, a tipos arcaicos de objeto ou de relação; o tratamento psicanalítico confirma a influência e a repetição das experiências passadas, tal como a resistência do sujeito a libertar-se delas (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 190).

A partir desta constatação, os autores apontam que a fixação está na origem do recalque. É a partir do momento em que a libido é aprisionada a determinadas representações inconscientes que podemos pensar o recalque primário. É este processo que podemos entender como a inscrição da pulsão no psiquismo, pois como vimos, a pulsão em sua fonte é inacessível. Para que a pulsão possa ser sentida pelo psiquismo é

¹⁵² FREUD, S. *La represión*, AE, XIV, 2006 [1915], p. 142

¹⁵³ Para Laplanche e Pontalis (2001) a noção de fixação ao trauma será um dos componentes utilizados por Freud em *Além do princípio de prazer* para dar sustentação a ideia de que há no psiquismo uma compulsão a repetir que não pode ser explicada totalmente pelo princípio de prazer (p. 190-191).

preciso que ela se ligue a um representante e só então poderá ser manipulada pelo aparelho anímico.

São as fixações que determinam os caminhos regressivos pelos quais a libido poderá recorrer quando sua satisfação for impedida pela consciência. Daí os sintomas e atuações dos neuróticos apontarem para o infantil, pois é neste primeiro tempo que as fixações seriam formadas. As condições para a fixação em determinados objetos ou fases é composta tanto de fatores históricos relacionados à história de vida do indivíduo, quanto por fatores constitucionais relacionados as características libidinais presentes em cada sujeito¹⁵⁴.

Com relação a este ponto, lemos em sua Conferência 22¹⁵⁵ que a “constituição sexual não o levaria a desenvolver a neurose se não tivesse passado por tais vivências, e estas não teriam tido um efeito traumático sobre ele, se este tivesse outra disposição de sua libido” (p. 316). Assim vemos que há algo no sujeito que vai ao encontro de algo na realidade e que a junção dos dois fatores é que determina seu desenvolvimento pulsional e as formas de satisfação.

É a partir destas primeiras inscrições, que o recalque propriamente dito ocorrerá. A princípio temos apenas o processo de fixação da libido a determinados representantes inconscientes, o que nos denuncia que: “a noção de recalque, tomada aqui na sua origem, surge desde o início como correlativa da de inconsciente” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 432), apontando para os primórdios da constituição psíquica.

Esse primeiro momento é nomeado por Freud¹⁵⁶ de recalque primário (ou primordial) e consiste nessa retenção de energia pulsional a uma quantidade de representações no inconsciente. Essas primeiras representações permanecem presas ao

¹⁵⁴ LAPLANCHE e PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, 2001, p. 191.

¹⁵⁵ FREUD, S. 22ª conferencia. *Algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Etiología*. AE, XVI, 2006[1917].

¹⁵⁶ FREUD, S. *La represión*, AE, XIV, 2006 [1915], p. 143.

inconsciente funcionando como ímãs, núcleos, que atraem outras “representações insuportáveis sem que intervenham forçosamente uma intenção consciente”¹⁵⁷. A fixação nos auxilia a pensar esse processo visto que este conceito diz de “momentos originários em que indissolivelmente se inscrevem no inconsciente certas representações eletivas e em que a própria pulsão se fixa nos seus representantes psíquicos, constituindo-se talvez, por este mesmo processo, como pulsão” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 192).

Visto dessa forma, os conteúdos recalçados possuem a princípio, força suficiente para atrair conteúdos para si, a revelia da consciência e do ego. Como aponta Laplanche e Pontalis (2001), “a operação do recalque tem em si mesma a marca do processo primário”(p. 432) ocorrendo no interior do sistema inconsciente. Só após o desenvolvimento do ego é que temos o recalque propriamente dito, que passa a obedecer aos ditames do princípio de realidade. Segundo Laplanche e Pontalis¹⁵⁸, “os núcleos inconscientes assim constituídos colaboram mais tarde no recalque propriamente dito pela atração que exercem sobre os conteúdos a recalcar” (p. 434).

É preciso que se tenha uma primeira retenção, como já apontado anteriormente e é essa retenção que caracteriza que Freud nomeia sexual.

O primeiro momento seria um “recalque originário”; não incide sobre a pulsão enquanto tal, mas em seus sinais, em seus “representantes”, que não têm acesso à consciência e aos quais a pulsão permanece fixada. Fica criado assim um primeiro núcleo inconsciente funcionando como pólo de atração para os elementos a recalcar. O recalque propriamente dito (*eigentliche Verdrängung*) ou “recalque a posteriori” (*Nachdrängen*) é pois um processo duplo, aliando a esta atração uma repulsa (*Abstossung*) por parte de uma instância superior (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 433).

O processo de recalque indica que, a priori, não há uma divisão entre consciente e inconsciente. A separação se dá por intermédio das pulsões, que por serem de

¹⁵⁷ LAPLANCHE e PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, 2001, p. 432.

¹⁵⁸ LAPLANCHE e PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, 2001.

naturezas distintas, impõe ao psiquismo diferentes formas de escoar sua excitação, ou seja, de alcançar a satisfação. Se a pulsão sexual pode encontrar satisfação por meio de caminhos regressivos e alucinatórios, o mesmo não se dá com as pulsões de autoconservação que exigem por parte do aparelho uma forma de descarga alinhada à realidade externa e seus objetos. É em decorrência dessa limitação à satisfação que o sistema psíquico incorpora a realidade, o que traz como consequência a separação entre o interno e o externo, entre uma satisfação automática e imediata, regida pelo princípio de prazer e uma satisfação segura, regida pelo princípio de realidade.

Somente com o recalque secundário¹⁵⁹ que esta diferenciação será estabelecida de forma completa, ou seja, quando a consciência e o ego tiverem construído e introjetado em si parte da realidade. Isso se dá por intermédio das pulsões de autoconservação que restringem a circulação de energia, introduzindo o modo de processamento secundário.

O processo de recalque, tal como descrito em 1915 no texto *O recalque*, parece sustentar que as duas classes de pulsões estão presentes no indivíduo desde o início, o que não ocorre com os sistemas psíquicos. No texto lemos que:

“A repressão não é um mecanismo de defesa presente desde a origem, não pode existir antes que se tenha estabelecido uma separação nítida entre a atividade consciente e a atividade inconsciente da alma” (p. 142).

Isso nos indica que o aparelho psíquico não está pronto desde o início, seus sistemas vão construindo-se a partir das experiências de satisfação do indivíduo. Dessa forma a divisão pulsional oferece condições de pensar o funcionamento do aparelho e seu desenvolvimento. Nas palavras de Freud: “A psicanálise tem uma concepção

¹⁵⁹ FREUD, S. *La represión*, AE, XIV, 2006 [1915], p. 143.

dinâmica que reconduz a vida anímica a um jogo de forças que se promovem e se inibem umas as outras”¹⁶⁰.

Nossa interpretação nos leva a concluir que é sob influência das pulsões egóicas que o ego se desenvolve e o princípio de realidade passa a operar, impondo assim barreiras ao escoamento das pulsões sexuais. Os processos primários ao chegarem à consciência sofrem uma transformação, são ligados a representações mais estáveis (ganham representações-palavra) passando a operar sob o processamento secundário, dando origem ao que chamamos de pensamento consciente. É esse processo que culmina no surgimento do recalque secundário e a partir dele, há a instauração da divisão completa dos sistemas psíquicos.

Esse processo nos indica que alguns conteúdos nunca chegarão à consciência, pois permanecerão mergulhados no inconsciente, sendo regidos por esta instância. É o caso das vivências edípicas, que causam grande impacto ao sujeito. A saída do Édipo implica uma renúncia à satisfação das moções que foram despertadas neste período, o que acarreta em seu recalque. Porém, “o recalque não impede a agência representante da pulsão de seguir existindo no inconsciente, continuar se organizando, formando novas representações e conexões. Em realidade, o recalque só perturba o vínculo com um sistema psíquico: o do consciente¹⁶¹” (p. 144), o que nos indica que tais representações continuarão pressionando o aparelho rumo à descarga. Veremos que a compulsão à repetição aponta para isto.

As atuações e sintomas do sujeito são, portanto, derivados deste conteúdo recalcado, que através de deformações conseguem acessar a consciência e obter uma satisfação substitutiva. Cabe ainda ressaltar que o que atrai a atenção da consciência para determinado conteúdo é a quantidade de investimento que a representação carrega

¹⁶⁰ FREUD, S. *La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis*, AE, XI, 2006 [1910], p. 211.

¹⁶¹ FREUD, S. *La represión*, AE, XIV, 2006 [1915]

e é esse aumento de excitação que colocará o princípio de prazer e/ou princípio de realidade em ação. Porém, se alguns conteúdos não podem acessar a consciência por terem sido inscritos no inconsciente em tempos muito remotos ou ainda por carregarem desejos incompatíveis com os anseios do ego, isso nos indica que tais conteúdos não poderão ser colocados em uma cadeia de memória, ou seja, não poderão ser processados pela via do pensamento consciente. A questão que se coloca é: como o psiquismo trabalhará estes conteúdos? Será que isso já nos coloca em um ‘para-além do princípio de prazer’?

Antes de chegarmos a estes problemas, é preciso entender como as duas classes de pulsões se relacionam no conflito neurótico, pois é a clínica e seus impasses que norteiam o problema do dualismo pulsional para Freud. Neste ponto o duelo travado entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação nos possibilita pensar a neurose e seus sintomas. Mas será o trauma, o narcisismo e a compulsão à repetição que nos levarão a este ‘além do princípio de prazer’. Por ora, queremos apenas enfatizar que os problemas discutidos por Freud em *Além do princípio de prazer* parecem já estar presentes na constituição do recalque, no problema da fixação e ligação da libido, bem como na divisão entre os diferentes sistemas psíquicos.

3.3 O conflito e as duas classes de pulsões

Nos vimos levados a advertir a significatividade das pulsões para a vida representativa, averiguamos que cada pulsão busca impor-se animando as representações adequadas a sua meta. Estas pulsões nem sempre são conciliáveis entre si, e frequentemente entram em um conflito de interesse sendo que as oposições entre as representações não são senão a expressão das lutas entre as pulsões singulares¹⁶².

¹⁶² FREUD, S. *La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis*, AE, XI, 2006 [1910], p. 211.

A libido como pontuado anteriormente é o termo usado por Freud para se referir à energia das pulsões sexuais que passarão por um elaborado processo de desenvolvimento. A princípio, a pulsão sexual se apoia sobre as pulsões de autoconservação, só em segundo momento desligando-se delas e tornando-se autoeróticas, capazes de se satisfazerem pela via regressiva e alucinatória, prescindindo de objetos externos. Após um percurso de desenvolvimento, esta classe de pulsões é dirigida ao mundo externo, passando a investir libidinalmente os objetos do mundo real.

Sabemos que as pulsões sexuais são mais difíceis de educar por estarem sob domínio do princípio de prazer e do inconsciente, enquanto as pulsões de autoconservação, estando sob domínio do princípio de realidade e do ego, atuam como contenção a satisfação desmedida das pulsões sexuais, impondo restrições à meta pulsional. A consequência desta diferença na forma de processamento das duas classes de pulsões origina um embate de forças no interior do aparelho anímico, sendo o sintoma expressão deste conflito.

Em *Perturbações psicogênicas da visão*¹⁶³ Freud ilustra o duelo utilizando a cegueira histérica como paradigma da disputa, já que neste caso, o paciente mantém-se vidente no inconsciente e cego na consciência. O sintoma neurótico denuncia a dinâmica do aparelho psíquico, revelando que certas representações, mesmo isoladas no inconsciente através do processo de recalque continuam provocando efeitos, já que o recalque não elimina a representação, mas apenas a afasta da consciência. Ao enviar a representação incompatível ao inconsciente, esta se liga a outras representações aumentando sua força.

Segundo Freud¹⁶⁴, “a abordagem psicanalítica dirá que estas representações entraram em oposição com outras, mais intensas- para as quais empregamos o conceito

¹⁶³ FREUD, S. *La perturbación psicogena de la visión según el psicoanálisis*, AE, XI, 2006 [1910].

¹⁶⁴ Ibid.

coletivo de ‘ego’, composto de maneira diferente em cada caso- e por isto caíram em recalque” (p. 211). Esse processo indica que “as oposições entre as representações são apenas expressão da luta entre as pulsões singulares” (p. 211), ou seja, é em decorrência da diferença entre as classes de pulsões que o recalque se constitui e mantém sua força.

Temos assim, do lado do Inconsciente a pulsão sexual e seus representantes e de outro, a pulsão de autoconservação e o ego, que a partir do texto *Perturbações psicogênicas da visão* de 1910 receberam a nomenclatura de pulsões egóicas. Freud postula que são essas pulsões que habitam o ego, sendo também responsáveis pelas barreiras impostas à satisfação desmedida das pulsões sexuais.

As pulsões sexuais podem ser vistas na criança desde suas primeiras manifestações sendo composta de várias pulsões parciais que se satisfazem em partes específicas do corpo (zonas erógenas), antes de se subordinarem as metas da reprodução. Porém, essa síntese das várias pulsões parciais rumo a meta da reprodução não se dá de forma completa. Para esclarecer o que se passa com o desenvolvimento sexual nos homens, Freud¹⁶⁵ cria uma metáfora:

Quando um povo inteiro abandona seu lugar de residência para buscar um novo, como tantas vezes aconteceu em períodos anteriores da história humana, é certo que nem todos os membros chegarão ao novo lugar. Para além de outras perdas, deve-se contar no geral com que pequenos grupos ou bandos de migrantes se detenham no caminho e se estabeleçam nessas estações enquanto os demais sigam adiante (p. 309)

Assim também ocorrerá com as moções pulsionais. Sendo parciais, não é possível garantir que todas as moções cheguem ao mesmo estágio de desenvolvimento. O que a psicanálise descobriu é que normalmente algumas pulsões acabam se fixando em estágios anteriores de desenvolvimento, que com o desenvolvimento do ego serão consideradas incompatíveis com a realidade e os ideais da cultura. Isso porque, segundo

¹⁶⁵ FREUD, S. 22ª conferencia. *Algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Etiología.* AE, XVI, 2006[1917].

Freud¹⁶⁶, a cultura nasce às expensas das pulsões sexuais parciais que precisam ser “sufocadas, limitadas, corporificadas, guiadas para metas superiores”, sendo a neurose a consequência do fracasso deste processo de redirecionamento.

Vemos como o ego vai, pouco a pouco, ganhando destaque no conflito, já que é ele que através de suas defesas, obriga as pulsões sexuais parciais a se desviarem de seu objetivo. O ego se defende das pulsões sexuais através de recalques, embora nem sempre alcance êxito, mas ‘tem por consequência formações substitutivas do recalcado e penosas formações reativas do ego’¹⁶⁷. Os sintomas neuróticos nada mais são do que a junção destas formações reativas com os substitutos do recalcado, daí sua aparência tão estranha para o doente. O sintoma representa uma formação de compromisso entre o inconsciente e o ego e tem como objetivo satisfazer ambos os sistemas, possibilitando que a pulsão continue aprisionada à fase de desenvolvimento e ao mesmo tempo que encontre uma forma de satisfação substitutiva.

É por isso que Freud¹⁶⁸ ressalta que no sintoma histérico o mesmo órgão está a serviço tanto das pulsões sexuais quanto das pulsões egóicas, escancarando em seu processo de adoecimento psíquico a força do duelo pulsional. Para o autor, “quanto mais íntimo for o vínculo de um órgão dotado dessa dupla função com uma das grandes classes de pulsão, tanto mais se recusará a outra” (p. 213), ou seja, de um lado, temos a pulsão sexual apreendendo o prazer de ver e do outro a pulsão egóica utilizando o ver para a conservação do indivíduo.

Se o prazer de ver for investido em demasia pela pulsão sexual, o aumento de investimento atrairá a atenção do ego e este enviará ao olho forças defensivas com o intuito de contra-investir o órgão. O processo de contra-investimento visa ‘neutralizar’ o

¹⁶⁶ FREUD, S. 22ª conferencia. *Algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Etiología.* AE, XVI, 2006[1917].

¹⁶⁷ Ibid, p. 213.

¹⁶⁸ Ibid.

investimento das pulsões sexuais parciais, evitando que haja o desprendimento de desprazer na consciência¹⁶⁹. O desprazer é assim evitado, mas ocorre algo mais. Ao final deste processo, temos uma cisão entre o órgão (o olho) e a consciência, acarretando na formação do sintoma histérico¹⁷⁰.

Se a pulsão sexual parcial que se serve de ver- o prazer sexual de ver- atrai para si, em consequência de suas exigências excessivas, a contra-defesa das pulsões egóicas, de forma que as representações em que se expressa seu querer-alcancar caíam sob repressão e são apartadas do torna-se consciente, temos então uma perturbação do vínculo do olho e de ver com o ego e a consciência em geral (p. 214).

A mensagem enviada ao indivíduo é “já que queres abusar de teu órgão da visão para um prazer sexual maligno, então não verás mais nada”¹⁷¹. O adoecimento histérico denuncia que há uma luta entre as classes de pulsões, ocorrendo no interior do sistema psíquico. Temos de um lado as pulsões sexuais e o propósito do ganho de prazer e de outro, as pulsões de autoconservação ou egóicas e o objetivo de conservação do indivíduo.

Seguindo as palavras do poeta, podemos classificar como ‘fome’ ou como ‘amor’ todas as pulsões orgânicas de ação eficaz dentro de nossa alma. Temos perseguido a pulsão sexual desde suas primeiras manifestações na criança até que alcance a conformação final que se designa normal, e a chamamos composta por numerosas pulsões parciais que aderem a excitações de regiões do corpo, entendemos que estas pulsões singulares tem que atravessar um complicado processo de desenvolvimento antes de poder subordinar-se de maneira de acordo com sua finalidade, as metas da reprodução¹⁷².

A sustentação da concepção dualista das pulsões é retirada do saber popular, da arte e da biologia e em *Pulsões e destinos da pulsão*¹⁷³ o autor coloca que:

O que a biologia diz sobre isto não contraria por certo a separação entre pulsões egóicas e pulsões sexuais. Ensina que a sexualidade não

¹⁶⁹ Como já apontamos, a relação prazer/desprazer também se coloca de forma diferente para cada instância: a satisfação de moções pulsionais inconsciente poderá ser sentida pela consciência sob a forma de desprazer se os desejos vinculados a tais moções forem julgados como inadequados pelo ego.

¹⁷⁰ FREUD, S. *La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis*, AE, XI, 2006 [1910], p. 214.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 214.

¹⁷² *Ibid.*

¹⁷³ FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*, AE, XIV, 2006 [1915]

pode ser equiparada a outras funções do indivíduo, pois suas tendências vão mais além dele e tem por objetivo a produção de novos indivíduos, vale dizer, a conservação da espécie (p. 120).

A dificuldade de Freud é elucidar os processos de desenvolvimento das pulsões egóicas que não podem ser observadas de forma direta. Serão as parafrenias que levaram Freud a se aproximar desta classe de pulsões e do ego e a relação destes com a libido, obrigando-o a revisitar sua teoria libidinal. É neste momento que o dualismo travado entre sexualidade e autoconservação se vê ameaçado e é este problema que discutiremos a seguir.

CAPÍTULO 4: A CRISE

4.1 As neuropsicoses narcísicas: Freud versus Jung

Sabemos que Freud nunca abandonou a concepção dualista da pulsão. Como vimos, Freud defende que os conflitos neuróticos são resultantes do duelo travado entre as duas classes de pulsões. A teoria da libido, pedra angular da psicanálise freudiana deveria assim, dar conta de explicar os fenômenos observados na clínica e também nas pessoas normais. Eis então que surge um entrave clínico que trará novos problemas a Freud.

As neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) podiam ser explicadas e tratadas a partir dos pressupostos da teoria libidinal, porém, as parafrenias (psiconeuroses narcísicas, esquizofrenia e demência precoce) escapavam a esta lógica. Tais afecções psíquicas colocavam um problema: como explicar os delírios dos parafrenicos e a perda de seu interesse geral pela realidade? Se as pulsões egóicas visam impor limites à satisfação desmedida das pulsões sexuais através do princípio de realidade, princípio responsável por avaliar os conteúdos do desejo sexual, como é possível que a realidade sofra uma deformação tão grande a ponto do indivíduo confundi-la com sua vida mental? A resposta a estas questões será dada através do estudo do narcisismo e do ego, mas antes de chegarmos a este ponto é necessário entender os antecedentes históricos que levaram Freud a elaborar este conceito, pois o que está em jogo neste momento é a validade de sua hipótese dualista das pulsões.

Como já pontuado ao longo deste texto, Freud construiu um arcabouço teórico que possibilitasse entender a neurose e seus processos, bem como trata-la. Se a princípio suas explicações eram em termos neurológicos- investimento de neurônios-, a partir do

capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*, vemos o abandono deste tipo de explicação em prol de explicações que coloquem em questão não um objeto material, mas sim representações. O conceito de pulsão terá a função de dar sustentação a esta hipótese representacional.

A pulsão vai, pouco a pouco, ganhando peso maior dentro do arcabouço teórico psicanalítico e para mantê-la enquanto sustentação da teoria, Freud se vê obrigado a revisitar seus postulados. Sabemos que Freud nomeou ‘libido’ a energia proveniente das pulsões sexuais, marcando a diferença entre estas e as pulsões de autoconservação. A estas últimas Freud reservou o termo ‘interesse’ e insistiu veementemente em colocá-las do lado oposto do sexual¹⁷⁴.

O conflito, como descrevemos, era entendido enquanto um duelo de forças entre as duas classes de pulsão, que ganhavam expressão tópica na medida em que o sexual era predominantemente uma energia que habitava o inconsciente, enquanto a conservação ou pulsão egóica habitaria o ego e a consciência. Segundo Garcia-Rosa¹⁷⁵, a exclusividade do termo libido para as pulsões sexuais se justifica,

(...) pelo fato de Jung ter proposto uma libido primordial indiferenciada que poderia ser sexualizada ou dessexualizada. O conceito deixa de designar a energia sexual e passa a designar uma tensão geral, indeterminada, uma espécie de élan vital. o que para Jung soava como uma ampliação do conceito, para Freud soava como uma diluição que, além de não trazer qualquer benefício teórico, obscurecia o conceito por ele produzido (p.35).

Freud insistia em marcar uma diferenciação entre o sexual e o não-sexual e a princípio, serão as pulsões de autoconservação que ocuparão o lugar do não-sexual, porém, “o que não fica claro nestes textos é a natureza dessa energia a serviço do eu”¹⁷⁶,

¹⁷⁴ Freud faz referência a este termo no texto *Pontuações psicanalíticas sobre um caso de paranoia descrito biograficamente*, conhecido como Caso Schreber. O texto encontra-se no volume 12 da AE, p. 68 e seguintes, 2006.

¹⁷⁵ GARCIA-ROSA, L. A. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. Volume 3: Artigos de Metapsicologia, 2008

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 36.

já que, como pontua Garcia-Rosa, Freud utiliza diferentes nomenclaturas para ela, utilizando ora *Interesse* (interesse) ora *Ichinteresse* (interesse do eu). O que se mantém é o fato de se tratar de “uma energia distinta da libido, não derivada das pulsões sexuais” (p. 36).

Com o estudo da paranoia, os problemas relacionados a esta energia não sexual se acentuam. Após a publicação do caso Schreber, Jung questiona Freud se a teoria libidinal postulada até então poderia explicar também a esquizofrenia e a demência precoce (psiconeuroses narcísicas). Nestas psiconeuroses o que se observava era um abandono por parte do doente da realidade material que o cerca, ao mesmo tempo em que nota-se o recolhimento do investimento libidinal da realidade externa para o ego. Freud¹⁷⁷ pontua que na paranoia, o enfermo retira das pessoas e do mundo externo o investimento libidinal que lhes era dirigido, introjetando a libido no ego, acarretando em uma hipertrofia egóica.

(...) com o narcisismo, o Eu passa a ser objeto da libido assim como os objetos externos, e o que Freud não deixa de perceber é que essa constatação fragiliza o instrumental teórico que até então alicerçara. Com efeito, a questão que se coloca passa a ser a seguinte: com um Eu libinalmente investido, seria ainda possível manter a dualidade entre pulsões sexuais e pulsões do Eu? (SILVA, 2014, p. 30)¹⁷⁸.

Tal constatação trazia o seguinte impasse: se a libido era recolhida e investida no ego, como manter a hipótese de que a energia que habitava o ego era de natureza não-sexual?

A natureza dessa energia não-sexual, denominada genericamente interesse, permanece contudo não esclarecida. Mais do que encontrar-lhe uma determinação, importava a Freud manter esse lugar do não-sexual. Disso dependiam sua “convicção dualista” e sua vitória sobre o monismo junguiano (GARCIA-ROSA, 2008, p. 37).

¹⁷⁷ FREUD, S. *Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Demencia paranoides) descrito autobiograficamente*, AE, XII, 2006 [1911 [1910]].

¹⁷⁸ SILVA, J. L. *Narcisismo e Pulsão de morte*, Guarulhos, 2014. Dissertação de Mestrado.

É este impasse que Jung ressalta. Para este autor, o psiquismo seria habitado por uma energia única, sendo o termo libido o nome desta energia, não havendo a necessidade de defender uma dualidade pulsional. Este tese contrariava os pressupostos freudianos e Freud não podia concordar com Jung neste ponto, tendo insistido incansavelmente na concepção dualista da teoria pulsional, mesmo esbarrando em tantos obstáculos. Em meados de 1921, escreve Freud a Claparède¹⁷⁹ uma carta, que seria acrescentada como nota de rodapé em *Perturbações psicogênicas da visão*¹⁸⁰,

Pelo contrário, eu declarei e repeti com máxima clareza, em relação as neuroses de transferência que estabeleço uma distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões egóicas, e que, a minha resposta, a libido só designa a energia das primeiras, das pulsões sexuais. É Jung e não eu, quem faz equivalente a libido a força pulsional de *todas* as operações psíquicas, e quem combate a natureza sexual da libido. A descrição que você faz não se ajusta a minha concepção nem a de Jung, pois é uma mescla de ambas: de mim, toma a natureza sexual da libido e de Jung sua significação generalizada. Assim se cria na imaginação dos críticos um pansexualismo que não existe nem em minhas concepções nem nas de Jung. No que diz respeito a mim, advirto cabalmente a presença do grupo das pulsões egóicas, assim como tudo o que a elas cabe na vida anímica. Mas isso é ocultado ao público geral, que o ignora (p. 212).

Jung embora fosse considerado o ‘príncipe herdeiro’ por Freud, sempre buscou manter independência das teses freudianas. Segundo Gay¹⁸¹ (2007), Jung questionava “se a terapia analítica era realmente tão eficaz quanto declarava Freud” (p.193) e mesmo se o trauma sexual teria tanto valor no desenvolvimento da neurose. Como resposta a publicação do caso Schereber, Jung publicaria *Símbolos e Transformação*¹⁸², texto dedicado a apresentar os problemas que ele encontrava na conceituação freudiana do termo libido.

¹⁷⁹ Professor da Universidade de Genebra que havia escrito um livro sobre a teoria psicanalítica e que um dos parágrafos, Freud julgou incorreto. Aqui temos um trecho desta carta que foi acrescentada ao texto *Perturbações da visão segundo a psicanálise* pelo editor James Strachey.

¹⁸⁰ FREUD, S. *La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis*, AE, XI, 2006 [1910]

¹⁸¹ GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*, 2007.

¹⁸² SILVA, J. L. *Narcisismo e Pulsão de morte*, Guarulhos, 2014. Dissertação de Mestrado.

Para Jung, a demência precoce demonstrava que a libido não era apenas sexual, já que na esquizofrenia o desinteresse pelo mundo real não se resumia apenas ao desejo erótico, mas marcava um desinvestimento total no mundo externo, o que tornava a distinção entre sexual e não-sexual dispensável. Sua hipótese era de que Freud não conseguia distinguir corretamente a neurose da esquizofrenia, pois o argumento apresentado por Freud era insuficiente para sustentar a especificidade de cada perturbação¹⁸³. Segundo Nicéas (2013),

Estudando, por exemplo, a demência precoce, tencionou afirmar que a libido, no sentido sexual que lhe atribuíra Freud, não se distinguiria de uma dimensão generalizada da energia psíquica, o termo freudiano de libido não devendo, portanto, guardar nenhuma marca distintiva do sexual (p. 40).

Freud percebia a fragilidade de seus argumentos e tentará com a publicação de *Introdução ao narcisismo* esclarecer os problemas levantados por Jung. Para isso, ele parte do problema da introversão da libido, estabelecendo as diferenças entre a introversão libidinal na neurose e na parafrenia, o que lhe permitirá estabelecer a diferença entre a neurose e a psicose.

E [Freud] foi categórico na sustentação de sua crítica naquele momento, ajudado pelo que acabara de demonstrar sobre a retirada da libido dos objetos do mundo exterior nas neuroses e a substituição desses objetos por outros, imaginários, na fantasia. Essa particularidade da estrutura neurótica dos sujeitos vai então lhe permitir marcar uma radical diferença com relação a Jung (NICÉAS, 2013, p. 42).

As questões propostas por Jung serão respondidas às expensas de outras dificuldades que surgiram à medida que antigas questões foram sendo resolvidas. Os novos problemas acabam estrangulando ainda mais os pilares de sustentação do dualismo pulsional proposto por Freud e somados aos problemas trazidos pela neurose traumática e a compulsão à repetição culminaram na elaboração de um novo dualismo

¹⁸³ SILVA, J. L. *Narcisismo e Pulsão de morte*, Guarulhos, 2014. Dissertação de Mestrado.

pulsional. Passaremos agora ao problema do narcisismo e o que este conceito trouxe de modificações à teoria libidinal e conseqüentemente a forma de olhar a neurose e a psicose.

4.2 *O narcisismo*

Segundo Ernest Jones apud Strachey¹⁸⁴, Freud utilizou o termo narcisismo pela primeira vez em 1910 em uma das reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, ocasião em que declarou que o narcisismo consistia em “um estágio intermediário entre o autoerotismo e o amor de objeto”(p. 67). O artigo sobre o narcisismo é, segundo Strachey um dos mais pilares da evolução da teoria freudiana, abrindo caminho para as elaborações sobre o ideal do ego¹⁸⁵, além de oferecer uma resposta às divergências teóricas travadas com Adler e Jung. Este conceito, trabalhado no texto *Introdução ao narcisismo* nos interessa pois, ao solucionar as questões colocadas por Jung à respeito das neuropsicoses, Freud se vê imerso em um novo problema relacionado ao dualismo pulsional, nosso objeto de investigação¹⁸⁶.

O termo narcisismo foi introduzido na clínica médica para descrever o enamoramento por si mesmo, um processo em que o indivíduo toma o próprio corpo como objeto sexual. A princípio este movimento era entendido enquanto uma perversão que absorvia toda vida sexual da pessoa. Foi Otto Rank o primeiro a apontar que o ‘narcisismo’ estava presente em todo homem, constituindo-se enquanto uma etapa do desenvolvimento sexual normal, deslocando o narcisismo do campo da perversão. Em seguida, Freud o coloca enquanto “complemento libidinoso do egoísmo inerente à pulsão de autoconservação, a que justificadamente se atribui uma dose a todo ser

¹⁸⁴ FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, AE, XIV, 2006 [1914].

¹⁸⁵ Que seria desenvolvido em *O ego e o id* com o nome de supereu.

¹⁸⁶ FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, AE, XIV, 2006 [1914].

vivo”¹⁸⁷ (p. 72). Vemos aqui como “a clínica continua, de um modo privilegiado, permitindo a Freud construir, em sua elaboração da teoria das pulsões, um andar a mais nesse ano de 1914” (NICÉAS, 2013, p. 48).

Para Freud¹⁸⁸ o narcisismo estaria do lado da pulsão egóica enquanto um complemento libidinoso desta pulsão, o que nos traz problemas. Se o termo libido refere-se exclusivamente a energia das pulsões sexuais e se admitimos que o ego também é povoado e investido de libido, então como manter a hipótese de que as pulsões de autoconservação ou egóicas habitam o ego e são as responsáveis por barrar à satisfação das pulsões sexuais se, com a hipótese do narcisismo somos obrigados a aceitar que há componentes libidinais também no ego? Ou ainda, Se a pulsão sexual se apoia na pulsão de autoconservação, em que momento ela passaria não apenas a se apoiar mas também a se ligar a essa pulsão, libidinizando o ego? Se concordarmos com estes pressupostos então teremos que concordar que há apenas uma classe de pulsão e que as diferenças entre a pulsão sexual e a pulsão egóica são efeitos das diferentes formas de processar a energia psíquica, ou seja, fruto da diferença entre as instâncias psíquicas, o que colocaria Freud ao lado dos teóricos monistas.

Em sua nota introdutória no texto *Introdução ao Narcisismo*, Strachey afirma que “não sobra dúvida de que um dos motivos de Freud redigir este artigo foi mostrar que o conceito de narcisismo constitui uma alternativa frente à de ‘libido’ não sexual de Jung e de ‘protesto masculino’ de Adler”¹⁸⁹. Mas, além de oferecer uma resposta a estes autores na tentativa de sustentar o dualismo pulsional, Freud visa “marcar a especificidade da sexualidade, distinguindo-a das outras funções, para defender o acento que se fizera recair sobre ela no interior da vida psíquica” (LIMONGI, 1994, p. 86).

¹⁸⁷ FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, AE, XIV, 2006 [1914].

¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 72.

¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 68.

Vejam os como Freud constrói seu argumento. Vimos que tanto na neurose quanto na parafrenia, observa-se um afastamento da realidade. Ao observar seus pacientes, Freud nota que nas neuroses de transferência, mesmo havendo esse rompimento libidinal com o mundo externo, o vínculo erótico com os objetos é mantido na fantasia. Os neuróticos “substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua memória ou os mesclam com estes, por um lado e por outro, renunciaram a empreender ações motoras que lhes permitiriam conseguir alcançar seus objetivos com os objetos”¹⁹⁰. Já nas parafrenias o que se observa é diferente. Nestas, a libido retirada do mundo real não é enviada à fantasia, mas é dirigida ao ego, resultando em um ‘super-investimento’. É este ‘super-investimento’ que provoca a conduta narcisista dos parafrênicos.

O fato novo trazido por Freud é que tal conduta, a saber, retirada de libido do mundo externo e sua introversão ao ego, não é observada apenas nestas afecções psíquicas, mas pode ser observada na vida anímica das crianças e dos povos primitivos. Tal constatação leva Freud a supor que o retorno narcísico na parafrenia é secundário, havendo um narcisismo primário existente em todo ser humano. Observa-se nos primitivos e nas crianças¹⁹¹:

uma superestimação do poder de seus desejos e de seus atos psíquicos, a onipotência de pensamentos, uma fé na virtude mágica das palavras e uma técnica dirigida ao mundo exterior, a magia, que aparece como uma aplicação em decorrência da premissa de sua mania de grandeza. Suponho uma atitude totalmente análoga frente ao mundo exterior nas crianças de nosso tempo, cujo desenvolvimento nos resulta muito mais impenetrável (p. 73).

Temos assim provas da existência de um investimento originário, primário, da libido no ego que só depois é enviada aos objetos. Esta etapa do desenvolvimento libidinal permaneceu escondida em decorrência da falta de proximidade com as

¹⁹⁰ FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, AE, XIV, 2006 [1914], p. 172.

¹⁹¹ *Ibid.*

parafrenias, já que na neurose e em seus sintomas, o que fica evidenciado são os investimentos de objeto que “foram os únicas que nos saltaram a vista” (FREUD, 2006 [1914] p. 73).

Essa constatação nos lança o seguinte problema: se o ego é habitado pelas pulsões de autoconservação, sendo o ego responsável por barrar a libido, como entender que a libido investiria primeiro o ego para só em um segundo momento se dirigir aos objetos? Não teríamos que admitir que a libido também estaria presente no ego e dessa forma, que as pulsões de autoconservações são libidinais?

Freud obviamente se atentou a estes problemas. A solução encontrada por ele foi colocar em oposição dois tipos de libido: de um lado a libido objetal, que seria enviada aos objetos e de outro a libido do ego, que investiria o ego. A lógica dualista se mantém, mas agora o duelo será travado entre libido egóica *versus* libido objetal, sendo que “quanto mais gasta uma, tanto mais empobrece a outra”¹⁹². O paradigma agora é o enamoramento, no caso da libido objetal e da neurose, em que o sujeito abandona seu próprio ego em favor do objeto amado ou então a fantasia de fim de mundo dos esquizofrênicos, no caso da libido egóica, com desinvestimento do mundo em favor de percepções embasadas em si mesmo.

Chegamos aqui a um impasse. Se há libido tanto no inconsciente quanto no ego, o que ocuparia neste momento o lugar do não-sexual?

(...) se admitirmos para o ego um investimento primário como a libido, por que seguiríamos forçados a separar uma libido sexual de uma energia não sexual das pulsões egóicas? Acaso supor uma energia psíquica única não resolveria todos as dificuldades que se colocam ao separar a energia pulsional egóica e libido, libido egóica e libido de objeto? (FREUD, 2006[1914], p.74).

Embora esta questão seja direcionada aos questionamentos colocados por Jung, não podemos ignorar a dificuldade de Freud em sustentar o dualismo pulsional. Esta

¹⁹² FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, AE, XIV, 2006 [1914], p. 74.

questão lhe traz um ‘notável mal-estar’ em decorrência principalmente da dificuldade em se observar e apreender as pulsões egóicas, o que o deixa sem fundamentos para justificá-las. Contudo, para Freud, a distinção entre libido egóica e libido sexual se baseia na distinção entre pulsões sexuais e pulsões egóicas, distinção válida por permitir explicar os fenômenos observados nas neuroses de transferência.

A separação da libido em uma que é própria do ego e uma dirigida aos objetos é a inevitável prolongação de um primeiro suposto que dividiu pulsões sexuais e pulsões egóicas. Ao menos me obrigou a este último a análise das neuroses de transferência puras (histeria e neurose obsessiva) e tudo o que se fez para que sustentar estes fenômenos por outros meios fracassaram radicalmente¹⁹³ (p.75).

A opção de Freud diante da falta de uma teoria melhor que dê conta de sustentar os fenômenos neuróticos é admitir essa suposição dualista, até que outra opção apareça¹⁹⁴. Novamente Freud¹⁹⁵ utilizará a biologia para sustentar seu dualismo apontando que para esta ciência o homem é também duplo, “enquanto é fim para si mesmo e escravo dentro de uma cadeia da qual é tributário contra sua vontade ou, ao menos, sem que medeie esta” (p. 76).

Para o autor, o homem tem por um lado a sexualidade enquanto um de seus propósitos e de outro é apenas um apêndice de seu plasma germinal, que se manifesta na forma de ganho de prazer. O homem é assim, portador de uma substância, talvez imortal (os gametas), ao mesmo tempo em que é temporário em uma instituição que o transpassa (a espécie humana), sendo “a separação das pulsões sexuais com relação as pulsões egóicas não é, senão, reflexo desta função dupla do indivíduo” (p. 76). Assim,

¹⁹³ FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, AE, XIV, 2006 [1914].

¹⁹⁴ “Dada a total inexistência de uma doutrina das pulsões que de algum modo nos oriente, está permitido ou, melhor, é obrigatório adotar provisoriamente alguma suposição e submetê-lo a prova de maneira consequente até que fracasse ou se confirme” (p. 75) in: FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, AE, XIV, 2006 [1914].

¹⁹⁵ Ibid.

sua teoria libidinal ancora-se tanto em pressupostos de ordem clínica, quanto em pressupostos biológicos e por isto, deve ser mantida¹⁹⁶.

Segundo Mezan¹⁹⁷,

A biologia ensina que a função sexual não está no mesmo nível que as demais atividades orgânicas, pois transcende o indivíduo e se dirige para a perpetuação da espécie: a sexualidade pode ser encarada como uma das necessidades do indivíduo, ou este aparecer, do ângulo da espécie, como um mero apêndice somático do seu plasma germinativo (p. 162).

A teoria das pulsões e seu dualismo de base é um pressuposto que edifica a psicanálise de Freud, permitindo a ele elucidar os processos de formação do sintoma neurótico. Precisamos ter sempre em nosso horizonte que a psicanálise nasce da observação direta e da prática clínica de Freud e que, à medida que novos problemas clínicos aparecem, estes o obrigam a revisar sua teoria e seus pressupostos.

Mezan¹⁹⁸ adverte que não devemos confundir as pulsões do ego com o investimento do ego pelas pulsões sexuais, embora o conceito de narcisismo apresentado em 1914 admita uma dupla interpretação: “pulsões do ego pode ser lido como pulsões (que emanam) do ego ou como pulsões (que fazem) do ego (o seu objeto)” (p. 181). Esta ambiguidade se mostra presente na definição do que seria libido do eu e libido objetal, já que, como nos diz Laplanche e Pontalis¹⁹⁹, “segundo Freud, a libido começaria por investir-se no ego (narcisismo primário) antes de ser enviada a partir do ego, para objetos exteriores” (p. 268), o que não deixa muito claro se essa libido seria sexual e assim objetal, tomando o eu por objeto, ou se poderíamos imaginar que a partir das pulsões do eu, emanaria um outro tipo de energia que o preencheria e em um segundo momento seria enviada aos objetos.

¹⁹⁶ FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, AE, XIV, 2006 [1914].

¹⁹⁷ MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*, 2013.

¹⁹⁸ Ibid.

¹⁹⁹ LAPLANCHE e PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, 2001.

Mezan²⁰⁰ opta por interpretar que o conceito de narcisismo serve para esclarecer estas ambiguidades e marcar que “as pulsões do ego continuam a ser as de autopreservação, e sua energia, de origem não-sexual” (p. 226), diferenciando-as das pulsões sexuais. Mas, o próprio Freud²⁰¹ aponta a contradição: “Não seremos então incitados a pensar que a ‘libido do ego’ encontra no ego não apenas o seu objeto, mas a sua fonte, de tal modo que se apagaria a distinção entre libido do ego e pulsões do ego?” (p. 267).

Para Monzani²⁰², a resposta a essa questão só pode ser afirmativa:

Foi a partir da introdução do conceito de narcisismo que a distinção anterior se viu ameaçada, já que a distinção entre pulsões sexuais e pulsões do ego se encontra obscurecida na medida em que o ego é também investido libidinalmente. (...). O dualismo está evidentemente esfumando-se (...) (p. 145-146).

Conclui Monzani(1989) que seria melhor que ele tivesse assumido que sob este ponto de vista, a divisão entre pulsões sexuais e pulsões egóicas se dissolve. Porém, nos diz Freud, “dada a total inexistência de uma doutrina das pulsões que de algum modo nos oriente, está permitido ou melhor, é obrigatório adotar provisoriamente alguma suposição e submetê-la a prova de maneira consistente até que fracasse ou se comprove” (p. 75).

A separação da libido em uma que é egóica e outra dirigida aos objetos é para o autor um prolongamento da teoria pulsional que divide as pulsões em egóicas e sexuais. Como aponta Freud, a teoria pulsional e posteriormente o conceito de narcisismo o auxiliou a entender as neuroses, sendo que “todo o que se fez para embasar estes fenômenos até então, por outros meios, fracassou radicalmente”²⁰³. Tais justificativas encontradas no texto *Introdução ao narcisismo*, nos indica que o próprio Freud não

²⁰⁰ MEZAN, R. *A trama dos conceitos*, 2013.

²⁰¹ FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, AE, XIV, 2006 [1914].

²⁰² MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989.

²⁰³ FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, AE, XIV, 2006 [1914], p. 75.

estava plenamente satisfeito com as hipóteses apresentadas por ele, apesar disso, era preciso supor algo que embasasse sua posição dualista e o distanciasse das concepções monistas, principalmente as apresentadas por Jung.

Somar-se-á a este problema os enigmas trazidos pela neurose traumática e a compulsão à repetição e a dificuldade em explica-los e trata-los a luz do primeiro dualismo pulsional. Seguindo a trilha deixada pela repetição, Freud se depara com processos que estão ocorrendo no psiquismo a revelia do princípio de prazer e que o lançam em um 'mais-além' do princípio de prazer e do dualismo entre sexualidade e autoconservação. São estas questões que discutiremos a seguir.

CAPÍTULO 5: RUMO ÀS PULSÕES DE MORTE

5.1 O traumático

No capítulo anterior investigamos o narcisismo e apontamos como a introdução deste conceito trouxe vários problemas à teoria dualista das pulsões. Ao mesmo tempo em que o conceito de narcisismo permitiu a Freud rebater as acusações de Jung²⁰⁴, também o lançou em problemas ainda maiores. Ao esclarecer os sintomas das parafrenias, Freud cunha uma divisão estabelecida entre uma libido do ego derivada das pulsões egóicas e uma libido de objeto, derivada da pulsão sexual, denunciando que o ego também é investido de libido, ou seja, que também pode ser tomado enquanto objeto da pulsão sexual.

É neste momento que Freud se depara com uma dificuldade: como sustentar o dualismo pulsional que se manifesta no duelo entre o sexual e o não-sexual? Afinal, assumir que há no ego uma libido egóica, derivada da pulsão egóica, já não é confirmar que essa classe de pulsão é também sexual?

Diante de tantos problemas, restava a Freud ou concordar com os críticos que o acusavam de explicar tudo a partir da sexualidade, o que o colocaria ao lado dos teóricos monistas ou então reorganizar a teoria de modo a sustentar um dualismo ainda mais radical. Essa reorganização ocorrerá a partir de 1920 com a introdução do conceito de pulsão de morte em que o dualismo recupera seu valor e o é de forma ainda mais radical (FREUD, 2006[1920], p. 51).

É essa construção que apresentaremos neste quinto capítulo. Para isso partiremos do conceito de trauma explicitando os elementos que Freud utilizou para compor sua

²⁰⁴ Para quem a teoria da libido não oferecia possibilidades de pensar as parafrenias.

argumentação em favor da nova conceituação do pulsional, que o levou ao problema da repetição. A compulsão a repetição será investigada em seguida e por fim, apresentaremos a nova divisão pulsional. Este percurso indica que o dualismo pulsional em Freud pode ser entendido sob dois enfoques distintos. Quando estamos tratando do problema do recalque, o primeiro dualismo se mantém, porém quando entramos nos problemas referentes à repetição e ao traumático, estamos diante de eventos que se colocam para além do princípio de prazer e temos a necessidade de pensar o dualismo a partir da disputa entre a Vida e a Morte. É isto que Freud enfatiza neste trecho de *Além do princípio de prazer*:

(...) estamos autorizados a dizer que a velha fórmula segundo a qual a neurose consiste em um conflito entre pulsões egóicas e pulsões sexuais se mantém e não contém nada que hoje deva ser rejeitado. (...) A neurose de transferência, em particular, o genuíno objeto de estudo da psicanálise, segue sendo o resultado de um conflito entre o ego e o investimento libidinoso de objeto (FREUD, 2006 [1920], p. 51).

Assim, o segundo dualismo pulsional não tem por objetivo substituir ou mesmo ultrapassar a primeira divisão das pulsões. Trata-se de elucidar problemas diferentes, já que cada dualismo deve ser entendido sob um paradigma. Após estas primeiras elucidações, iremos investigar como a neurose traumática trouxe novos problemas à teoria e evidenciaram processos psíquicos que se colocam para além do objetivo de obter prazer, processos que levaram Freud a postular a distinção entre Vida e Morte.

Como dito na primeira parte deste trabalho, o aparelho psíquico tem como principal função livrar-se da estimulação, utilizando o mecanismo da fuga contra os estímulos externos ou acionando o princípio de prazer/ princípio de realidade contra os estímulos internos. Estes princípios têm como tarefa encontrar uma via de escoamento adequada, diminuindo a quantidade de excitação no interior do psiquismo e obedecem ao princípio de constância. Investigando o desprazer, Freud se deparou com o trabalho da Ligação [*Bindung*] e com a compulsão à repetição.

Já sabemos que na neurose o sujeito vivencia um prazer que não pode ser sentido como tal e por isso há o desprendimento de muito desprazer na consciência. Isso ocorre porque o que é sentido como prazeroso no inconsciente, é sentido enquanto desprazeroso na consciência e vice-versa²⁰⁵. Apesar desta aparente contradição, Freud nos avisa que estes mecanismos estão submetidos ao princípio de prazer ou a seu substituto, o princípio de realidade e mantém o objetivo de estabilizar o aparelho, escoando o excesso de excitação²⁰⁶.

Até este ponto, não encontramos nenhuma novidade, afinal este é o quadro da neurose que já explicitamos no capítulo três deste trabalho. Mas há um quadro que não responde a esta lógica, trata-se dos eventos que acompanham a neurose traumática²⁰⁷. Segundo Monzani²⁰⁸, “os fenômenos do traumatismo põem diretamente em questão a maneira pela qual o organismo e o aparelho psíquico recebem os estímulos e, sobretudo, como procuram neutralizar seus efeitos perturbadores” (p. 158).

A neurose traumática é desencadeado por um evento que foi acompanhado por risco de morte, mas que não ocasionou nenhuma lesão orgânica. Neste caso, o que se passa é justamente o contrário: não havendo nenhum ferimento orgânico, o sujeito desenvolve uma neurose e é este mecanismo que leva Freud a concluir que, se no momento do trauma o sujeito se ferisse, a ferida teria um efeito protetor contra o adoecimento neurótico²⁰⁹. Mas por que Freud sublinha que uma ferida ou lesão protegeria o sujeito do adoecimento? Quais processos estariam ocorrendo no psiquismo durante o traumatismo que poderiam ser neutralizados por uma lesão orgânica?

²⁰⁵ Tal fato se dá pelas restrições que o princípio de realidade, governado pelo ego e seus anseios, impõem a satisfação pulsional. Ver: FREUD, S. *Más allá del principio de placer*. AE, XVIII, 2006 [1920], p. 9.

²⁰⁶ *Ibid.*, p. 9.

²⁰⁷ *Ibid.*, p. 13.

²⁰⁸ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989.

²⁰⁹ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*. AE, XVIII, 2006 [1920], p. 12.

Freud relata que a neurose traumática se aproxima da histeria, mas ocasiona uma debilidade muito maior, pois o psiquismo sucumbe após o trauma, ocorrendo em seguida um processo de empobrecimento de todas as atividades psíquicas²¹⁰. Na neurose traumática, o indivíduo é arrebatado pelo evento traumático, sem ter possibilidade de se preparar para ele e o que se observa então é o eterno retorno ao momento do trauma. É esse eterno retorno o que explicitam os sonhos traumáticos, que obrigam o sujeito a retornar ao momento do acidente. Isso indica que, “se a vivência traumática os assedia enquanto dormem, isso prova a força da impressão que o provocou. O enfermo se mantém, está, por assim dizer, fixado psiquicamente ao trauma” (FREUD, 2006 [1920], p. 13).

Esse fenômeno também pode ser observado nos quadros de histeria em que o enfermo se mantém fixado ao trauma; a diferença é que, enquanto na histeria o enfermo retorna ao momento em que eram sadio, na neurose traumática o doente retorna ao evento que ocasionou o desencadeamento da enfermidade. O sonho histérico se coloca como uma forma de satisfazer a libido que, por razões da realidade e/ou do ego, não pôde ser satisfeita durante a vigília, mas ao dormir pôde, de forma alucinatória²¹¹, através da regressão.

Vemos na histeria uma tentativa de desaguar o excesso de excitação através de caminhos de satisfação já conhecidos, o que permite ao desejo chegar a seu fim. Por isso, diz Freud²¹², que na histeria os sonhos têm como função realizar o desejo e manter o sonhador dormindo. O mesmo não ocorre na neurose traumática. A neurose traumática é desencadeada por um incidente que envolveu risco de morte, mas que não provocou nenhuma lesão orgânica no indivíduo, sendo acompanhado de um grande terror, o que significa que não houve nenhuma preparação contra o perigo. Nesta, os

²¹⁰ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006 [1920], p. 13

²¹¹ Primeira forma de satisfação pulsional conhecida pelo psiquismo.

²¹² FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006 [1920], p. 13

sonhos despertam o sonhador e não o levam ao momento em que eram sádios ou momentos em que vivenciaram um prazer de grande intensidade, mas o fazem regressar ao momento exato em que sofreram o acidente, provocando grande despreendimento de desprazer, tanto para o inconsciente, quanto para a consciência²¹³.

É neste ponto que aparece algo novo: se há despreendimento de desprazer em ambos os sistemas, isso indica que ocorre no psiquismo processos que não estão submetidos ao princípio de prazer ou ao princípio de realidade. Como então podemos conciliar esta constatação com a hipótese de que há no psiquismo a tendência a manter-se o mais livre possível de estimulação? Qual seria então a função dos sonhos traumáticos? Se estes sonhos não obedecem a lógica de realizar desejos, temos um ponto de certeza: tais sonhos não são conduzidos pelo princípio de prazer²¹⁴.

Isso nos traz um segundo problema: antes pensávamos o dualismo a partir das duas classes de pulsões, que por possuírem naturezas distintas, acabam impondo modos distintos para a circulação pulsional, originando os diferentes sistemas e seus respectivos modos de processamento da energia psíquica. Agora, se estamos diante de um ‘mais-além’ do princípio de prazer, não estaríamos diante de um ‘mais-além’ do dualismo pulsional? Esta questão não é simples e não pretendemos esgotá-la neste trabalho, sendo nosso objetivo apenas marcar este problema.

Retomemos o fio da meada. Em *Além do princípio de prazer*, Freud aponta que há no psiquismo processos funcionais, que provocam a diminuição da quantidade de excitação no interior do aparelho e processos disfuncionais, que provocam aumento dessa quantidade. Esse mesmo problema foi investigado por Fechner e as conclusões

²¹³ Aqui temos um ponto importante: o prazer não aparece em nenhum sistema psíquico e é isto que intrigou Freud. Se há no psiquismo uma tendência a evitar o desprazer, como explicar a manifestação de sintomas que fogem a isto?

²¹⁴ Ou seja, não possibilitam à libido, encontrar um caminho de escoamento, de satisfação.

que este autor chega são, segundo Freud²¹⁵, muito próximas das dele. Para Fechner *apud* Freud (2006[1920]),

os impulsos conscientes sempre estão relacionados com o prazer ou o desprazer, estes últimos [prazer ou desprazer] podem ser entendidos, em termos psicofísicos, a proporções de estabilidade ou instabilidade; e sobre isso pode-se sustentar a hipótese, que desenvolvi com mais detalhes em outro lugar, segundo a qual todo movimento psicofísico que atravessa o limiar da consciência vem acompanhado de prazer na medida em que se aproxima, mais além de certa fronteira, a estabilidade plena e acompanhado de desprazer na medida em que, mais além de certa fronteira, se desvie daquela (p. 8).

Essa mesma ideia está presente nas hipóteses freudianas para quem a estabilidade diz de processos funcionais e a instabilidade de processos disfuncionais que ocorreriam no interior do aparelho psíquico. As sensações prazer/desprazer seriam sentidas pela consciência e informariam esta instância sobre o que estaria ocorrendo no psiquismo, informando assim sobre a estabilidade ou instabilidade dos impulsos. É desta suposição que Freud acaba derivando outra, a saber, que o objetivo do aparelho anímico é manter a quantidade de excitação presente em seu interior, mais baixa possível. Tais hipóteses nos indicam que, se o psiquismo tem como função escoar os excessos de estimulação, tudo que vai ao encontro disso é funcional²¹⁶. Inversamente, o que traz aumento de tensão é considerado disfuncional²¹⁷ e cada processo será acompanhado de prazer ou desprazer.

Ora, sabemos que os sonhos traumáticos provocam aumento da tensão e por isso são acompanhados de desprazer, o que nos indica que estes sonhos são disfuncionais para o aparelho e que sobre eles o princípio de prazer não possui nenhum poder. Freud supõe, a partir desta constatação, que deve haver outro princípio ou mecanismo atuando sobre eles de forma independente do princípio de prazer.

²¹⁵ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006 [1920], p. 8.

²¹⁶ Os sonhos neuróticos são um exemplo claro disso. Ao satisfazer a moção pela via da regressão, o sonho provoca o rebaixamento das tensões.

²¹⁷ É o caso dos sonhos da neurose traumática, que ao invés de escoar a energia, provoca mais tensão e desprazer ao aparelho.

Ao definir o traumático²¹⁸ enquanto um acontecimento externo que possua força suficiente para romper o escudo protetor²¹⁹ do organismo, Freud indica que durante o evento traumático, o organismo é invadido por uma quantidade de energia superior a que ele pode suportar. Quando estamos no registro da neurose, isso que invade o aparelho diz respeito a estímulos internos que são ‘descolados’, produzidos a partir dos abalos mecânicos ou físicos que o corpo se sujeitou. Se as pulsões têm sua fonte no corpo, ao falar sobre o traumatismo é disto que estamos tratando: do despertar de forças pulsionais.

O trauma e seus sintomas indicam que aquilo que o indivíduo vivencia e que lhe causa grande impacto faz com que as pulsões brotem e invadam o aparelho anímico²²⁰. “Ou seja, não é o acidente em si, o seu choque, que é diretamente traumático: o que ele faz é desencadear um afluxo pulsional, interno, esse sim traumático para o aparelho psíquico” (MONZANI, 1989, p. 172). Mas por que as moções pulsionais que invadem o aparelho não são conduzidas e processadas pelo princípio de prazer ou pelo princípio de realidade?

Freud²²¹ relata que quando o aparelho sofre um trauma externo, o que ocorre é uma grande perturbação na economia energética do organismo, pois ao detectar o rompimento do escudo protetor todos os mecanismos de defesa do organismo são acionados e dirigidos ao ponto de intrusão com o intuito de conter o excesso de estimulação. Neste momento, o princípio de prazer é abolido já que é incapaz de escoar grandes quantidades de estimulação. A tarefa que se impõe ao psiquismo é neste

²¹⁸ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006 [1920], p. 29.

²¹⁹ O escudo protetor é entendido enquanto uma barreira que limita a entrada de estimulação para o interior do organismo, protegendo as camadas mais internas e impedindo que o organismo morra. Ver Capítulo IV de *Além do Princípio de Prazer*.

²²⁰ Vemos Freud retornar ao problema da fonte. No *Além do princípio de prazer* Freud retoma algumas concepções postuladas em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, mas que foram retirados de *Pulsões e seus destinos*. Ver discussão no tópico *Propriedades da pulsão*: Fonte na parte 1 deste trabalho.

²²¹ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006 [1920], p. 29.

momento dominar o excesso de estímulos, ligando-os psiquicamente, para só depois poder conduzi-los para fora.

Um acontecimento como o trauma externo provocará, sem dúvida, uma perturbação enorme na economia {*Betrieb*} energética do organismo e colocará em ação todos os meios de defesa. Mas em um primeiro momento o princípio de prazer será abolido. Já não poderá impedir que o aparato anímico seja alagado por grandes volumes de estímulo; então, a tarefa levantada é outra: dominar o estímulo, ligar psiquicamente os volumes de estímulo que penetraram violentamente no aparelho a fim de conduzi-los, depois, e processá-los (FREUD, 2006 [1920], p. 29).

Isso nos indica que a ligação prévia do estímulo, sua dominação, é a condição para a soberania do princípio de prazer sobre os processos psíquicos, pois só depois de ligado é que os estímulos podem ser processados pelo aparelho. Quando Freud trata o traumatismo enquanto grande magnitude de estimulação que rompe as barreiras defensivas e invadem o organismo, isto indica que o indivíduo se depara com algo tão grandioso que poderia aniquilá-lo²²².

É por isso que a ferida age enquanto uma proteção ao psiquismo, pois quando o escudo protetor é invadido, despertando moções pulsionais no interior do aparelho, essa energia pode ser utilizada para bloquear os afluxos de excitação advindos da lesão física. A energia destas moções pulsionais é utilizada para neutralizar a excitação que brota no ferimento, sendo a junção de ambos o responsável pelo aparecimento da dor física.

Porém, quando não há uma lesão física, tais moções inundam o aparelho, colocando em funcionamento a compulsão à repetição e invocando o trabalho da Ligação [*Bindung*]. Do trauma físico e a forma que o aparelho utiliza para contê-lo, Freud chega ao trauma psíquico e conclui que diante deste, o mecanismo empregado é o mesmo. Diante da perfuração do escudo protetor, a ferida age enquanto uma fonte de

²²²Isso porque o princípio de prazer precisa de caminhos de escoamento e para isso ele precisa de representações. Ele não trabalha com energia em estado bruto, mas somente quando ela está previamente ligada.

onde afluem deste ponto para o interior do aparelho psíquico, excitações contínuas parecidas com as excitações internas, causando um desequilíbrio energético no aparelho. No trauma psíquico, as moções despertadas também pressionarão o aparelho de forma contínua, comportando-se da mesma forma que uma lesão orgânica. Tanto em um, quanto em outro, são mobilizadas cargas de investimento a fim de criar em torno do ponto de intrusão um contra-investimento tão forte quando o estímulo que afluí de forma contínua²²³.

Enquanto a dor corresponde a uma pequena invasão no escudo protetor, o traumatismo corresponde a uma grande ruptura nessa barreira, porém o movimento do trabalho psíquico em ambos os casos será o mesmo: enviar forças defensivas com o intuito de neutralizar o excesso de estimulação²²⁴. O que vai determinar a extensão do trauma é a quantidade de energia armazenada que o organismo dispõe para efetuar o contra-investimento, ou seja, ligar a energia excedente.

Para Freud²²⁵, um sistema com elevado investimento em si mesmo é capaz de receber novos aportes de energia livre e transformá-los em energia quiescente, ou seja, ligada. Quanto mais alta for sua energia quiescente própria, maior será também sua força para ligar novos aportes de energia o que indica que um sistema com várias representações e cadeias associativas é capaz de dissipar melhor a energia que o invade, minimizando os efeitos devastadores do aumento de excitação. Quando o aparelho não possui tantas representações, o efeito dessa invasão energética é devastador.

(...) um sistema de elevado investimento em si mesmo é capaz de receber novos aportes de energia e transformá-los em investimento quiescente, vale dizer, “ligá-lo” psiquicamente. Quanto mais alta for sua energia quiescente própria, tanto maior será também sua força de ligação; e o inverso: quanto mais baixo seu investimento, tanto menos capacitado estará o sistema para receber energia fluente e mais

²²³ FREUD, S. *Más allá del principio de placer*, AE, XVIII, 2006 [1920], p. 29

²²⁴ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*, 1989, p. 163.

²²⁵ FREUD, S. *Más allá del principio de placer* AE, XVIII, 2006 [1920], p. 30

violentas serão as consequências de uma perfuração da proteção antiestímulos (...) (FREUD, 2006 [1920], p. 30).

O psiquismo precisa estocar uma quantidade de energia para utilizá-la neste processo de neutralização dos estímulos. Essa neutralização nos remete a ligação da energia que invade o aparelho, ou seja, “a ligação da energia que flui pelo aparato anímico consiste em um transporte desde o estado de livre fluir até o estado quiescente” (FREUD, 2006 [1920], p. 31). Para Monzani (1989),

Não é difícil perceber que, de fato, a noção de traumatismo sofreu uma mudança nas mãos de Freud. De um registro puramente médico e ligado à noção de efração corporal, ela agora passa a significar todo e qualquer excesso de intensidade que atinge o aparelho psíquico independentemente de sua origem (interna ou externa). Em outros termos, as pulsões podem também ter um efeito traumático e assim o caráter traumático da sexualidade está também aberto (p. 179).

Disto concluímos que a pulsão, se não puder ser escoada provocará no indivíduo efeitos análogos aos da neurose traumática. Sendo a pulsão sexual mais difícil de educar, serão elas as que provocarão maiores dificuldades de contenção ao aparelho anímico.

Os sonhos traumáticos levaram Freud a constatar que há no psiquismo operações mais primitivas que o princípio de prazer, o que significa que:

(...) antes mesmo de se poder operar qualquer tipo de defesa ou descarga, é preciso ligar, vincular essa energia pulsional invasora. É preciso, digamos assim, domesticá-la, torná-la tratável antes de se pensar em descarregá-la ou recalá-la (defesa). É preciso que, primeiro, ela penetre no aparelho anímico, que se submeta a certas operações preliminares e primordiais para que, depois de ter sido assim elaborada e incorporada ao aparelho, possa seguir seus diferentes destinos (MONZANI, 1989, p. 180).

Uma vez estabelecida a divisão do psiquismo em sistemas, caberá ao sistema Pcs/Cs ligar as excitações advindas das moções pulsionais inconscientes que penetram neste sistema e passam a forçar descarga. Caso não possam ser descarregadas, poderão provocar uma desestruturação do psiquismo. Antes mesmo da dominância do princípio

de prazer, o aparelho psíquico funciona no sentido de ligar a energia livre. Para Garcia-Rosa²²⁶ o aparelho psíquico, enquanto “aparelho, é o efeito dessa ligação, posto que anteriormente a ela não podemos falar em nada que se assemelhe a um aparelho, uma organização, um sistema fechado” (p. 58).

Se antes, o problema se colocava em termos de uma anterioridade da pulsão de autoconservação sobre a pulsão sexual, ou ainda do princípio de prazer com relação ao princípio de realidade, agora o momento inicial do aparelho é deslocado para muito antes que tais momentos existam. Em 1920, Freud trata de um processo anterior a existência do princípio de prazer, o trabalho da Ligação [*Bindung*], processo que garante a existência destes princípios.

O conceito de Ligação [*Bindung*] não é unívoco na obra de Freud. Segundo Laplanche e Pontalis²²⁷ (2001), a Ligação [*Bindung*] é conceituada em um primeiro momento da obra freudiana como efeito da ação do ego sobre os processos inconscientes e se articula com a passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade (do processamento primário para o processamento secundário). Neste processo as moções que se sujeitavam ao processamento primário são ligadas a representações estáveis que irão compor uma via de escoamento socialmente aceitável. É o ego que impõe inibições a descarga pulsional, sendo o processo de ligação aquilo que garante o impedimento da livre descarga.

Em *Além do princípio de prazer*, a Ligação [*Bindung*] ganha esse outro estatuto, passando a ser entendida enquanto função anterior ao princípio de prazer e responsável pelo primeiro passo rumo a qualquer possibilidade de representação. Agora, temos a ligação em dois sentidos distintos: como sinônimo da passagem do processo primário para o secundário, cujo objetivo é conter a livre circulação ao longo das cadeias de

²²⁶ GARCIA-ROSA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*, 1993.

²²⁷ LAPLANCHE e PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, 2001, p. 269- 272.

representação ou como uma primeira ligação da energia pulsional a um determinado representante, o que impede a descarga maciça da excitação que levaria o organismo à morte²²⁸.

Para os autores Laplanche e Pontalis (2001), a ligação é um termo que remete a “uma operação tendente a limitar o livre escoamento das excitações, a ligar as representações entre si, a constituir e manter formas relativamente estáveis” (2001, p. 269). Será em *Além do princípio de prazer* que a Ligação [*Bindung*] será trazida ao primeiro plano da discussão.

É a propósito da repetição do traumatismo pelo sujeito, tomada como modelo da repetição das experiências desagradáveis, que Freud recorre de novo à noção de ligação. Retoma a concepção presente desde o Projeto, segundo a qual é um sistema já fortemente investido que é capaz de ligar psiquicamente um afluxo de energia (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 271).

É só porque há o processo de ligação da moção pulsional a uma representação que é possível pensar no processo de fixação da pulsão, processo descrito por Freud em *O recalque* (1915) e nomeado de recalçamento primordial. Hans²²⁹ (1999) aponta que há na palavra *Bindung*, Ligação, uma conotação semântica de aprisionamento, indicando que algo fica aprisionado ao ser ligado, sentido que se destaca nos dois enfoques que destacamos do termo.

O trauma levou Freud a postular a existência de uma função anterior ao princípio de prazer. Se antes de 1920 o dualismo pulsional é pensado a partir do princípio de prazer, a Ligação [*Bindung*] e os eventos da neurose traumática levaram Freud a recuar a discussão para um tempo anterior a capacidade de representação, da capacidade de recalçamento. É nessa anterioridade que se colocará a compulsão à repetição. Esta aparecerá na falha da Ligação [*Bindung*], ou seja, quando a Ligação não conseguir

²²⁸ LAPLANCHE e PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, 2001, p. 269- 272.

²²⁹ HANNS, L. *A teoria pulsional na clínica de Freud*, 1996.

dominar os estímulos presentes no aparelho, o que se segue é a aparecimento da compulsão à repetição, daí os sonhos traumáticos levarem o enfermo retornar ao momento do acidente.

Assim, num certo sentido, tudo está por resolver. E a operação central que nos levará ainda mais além não está na consideração da *Bindung*, mas na sua falha, isto é, quando essa operação fracassa em seus propósitos, pois é nesse vazio da *Bindung*, nessa fresta, que aparece a compulsão à repetição (MONZANI, 1989, p. 180-181).

Embora o trauma não nos permita esclarecer os problemas apresentados em relação aos problemas encontrados na primeira teoria pulsional, ele nos levará a compulsão à repetição, conceito primordial para pensarmos a nova definição de pulsão apresentada por Freud em *Além do princípio de prazer*, que servirá de sustentação para a nova teoria pulsional. Será a partir deste ponto que Freud distinguirá as pulsões de morte e de vida, momento em que o dualismo recupera seu valor e se coloca de forma ainda mais radical.

5.2- A compulsão à repetição

O trabalho da Ligação [*Bindung*] levou Freud a postular a existência de processos que ocorrem no interior do aparelho anímico a revelia do princípio de prazer. Ao ser invadido por grandes magnitudes de estimulação, o psiquismo tem como tarefa dominar a excitação, ligando-a a representações para poder descarregá-la. Enquanto o enlaçamento não ocorre, o sujeito fica aprisionado à vivência, repetindo-a, o que provoca muito desprazer ao psiquismo. É na falha da Ligação [*Bindung*] que vemos surgir o fenômeno da compulsão à repetição, fenômeno que investigaremos a seguir.

Cabas²³⁰ salienta que “a tendência a repetir, traço característico da neurose, é um fenômeno que desde cedo vinha se externando como uma manifestação problemática, um obstáculo clínico” (p. 75), sendo o texto *Recordar, repetir e elaborar* de 1914, uma tentativa de circunscrever este problema. Para o autor, ao investigar o fenômeno da repetição, Freud descobre que “o ato de lembrar não deságua em uma elaboração, como era de se esperar, mas em uma indesejada e monótona evocação reiterativa” (CABAS, 2009, p. 75).

Se Freud tinha como objetivo apontar que o rememorar levaria o paciente a elaborar o trauma, cessando a atuação repetitiva, ao se aproximar destes eventos, descobre que nem toda vivência poderia ser elaborada, ou seja, colocada em uma cadeia de pensamento consciente, e que na maioria dos casos, o que se observa é um eterno repetir. Tal conclusão levou Freud²³¹ a separar dois tipos de eventos, um ligado ao *Wiederholen* (repetir) e outro ao *Wiederholungszwang* (compulsão a repetir). Para entendermos a diferença entre ambos, seguiremos a trilha de pensamento apresentada em *Além do princípio de prazer*, buscando demonstrar como a ligação [*Bindung*] se relaciona com estes fenômenos e como estas funções levaram Freud à nova definição do pulsional.

Sabemos que o inconsciente se mostra pela via do sonho e do infantil e foi a partir dos sonhos traumáticos que Freud chegou a uma função que antecede o princípio de prazer, sendo pré-requisito para sua instauração: o trabalho da Ligação [*Bindung*]. A questão que levantamos e pretendemos responder é: quando a excitação não pode ser ligada, ou seja, quando a Ligação [*Bindung*] não puder capturar e enlaçar a energia livre, temos a manifestação da compulsão à repetição. Assim, em que medida esse conceito nos auxilia a pensar o novo dualismo pulsional proposto por Freud? Essa

²³⁰ CABAS, A. G. O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão, 2009.

²³¹ Idem.

questão nos remete a outra, a saber, qual é a relação que o princípio de prazer mantém com a compulsão à repetição?

Ora, o trauma como vimos, denuncia o fracasso da Ligação [*Bindung*] e o que se segue é um eterno retorno ao momento traumático. Freud verificou que esse retorno ao evento traumático também se manifestava nas brincadeiras infantis, nas neuroses de transferência e na vida de pessoas comuns não neuróticas, o que nos leva a supor que parece haver na vida dos indivíduos vivências que são trabalhadas pelo psiquismo da mesma forma que os acidentes traumáticos. Será que isso nos permite supor que há no psiquismo outra forma de trabalhar os conteúdos que não se submetem ao princípio de prazer? O fato é que, em todos os casos citados, há a manifestação de uma compulsão que impele o indivíduo a repetir o trauma, a repetir tudo o que lhes causou grande impacto, é o que nos diz Freud (2006[1920], p. 15) em *Além do princípio de prazer*.

Para Freud²³², o jogo infantil do *Fort-Da* aponta para o que há de mais primitivo no aparelho psíquico. Observando uma criança de cerca de um ano e meio e o jogo inventado por ela, o autor percebe que nesta ação, a criança expõe a forma como o psiquismo trabalha suas vivências mais primitivas. A criança em questão executava a seguinte ação: jogava um carretel de madeira para longe de si e ao mesmo tempo emitia um sonoro “o-o-o-o” e em seguida o resgatava emitindo o som “a-a-a-a”.

O sentido do jogo só pode ser pensado a partir da dinâmica pulsional. Sabemos que as pulsões sexuais obedecem ao processo primário e pressionam o aparelho até conseguir descarga. Tais pulsões comportam em si desejos inconscientes infantis que nem sempre são compatíveis com os ditames da realidade. Na criança pequena, o ego ainda rudimentar não possui força suficiente para barrar a satisfação destes desejos e então a criança pode se satisfazer, embora momentaneamente, pela via motora

²³² FREUD, S. Más allá del principio de placer. AE, XVIII, 2006[1920], p. 14.

(esperneio e choro) ou pela via alucinatória e regressiva. Mas, como vimos ao longo deste trabalho, as pulsões de autoconservação impõem à circulação pulsional restrições. Isso significa que durante o desenvolvimento do indivíduo, tais desejos deverão passar pelo crivo do princípio de realidade e pela consciência, que julgará se a moção poderá ou não obter satisfação.

A divisão completa dos sistemas psíquicos só se dá após o recalque secundário e enquanto este processo não é finalizado, os conteúdos do inconsciente transitam do inconsciente para a consciência sem muita dificuldade. É isso o que o jogo explicita. A criança observada por Freud está em um momento peculiar do desenvolvimento, encontra-se entre o falar e o não falar, o que nos indica que a criança sente e age. As sensações não são totalmente mediadas pela linguagem, o que nos indica que a cadeia de pensamentos consciente, está nos primórdios de sua construção, ou seja, ao invés de falar sobre o que sente, a criança coloca em ato tudo o que lhe causa desconforto²³³.

Se sabemos que cabe a consciência construir cadeias de pensamento mais estáveis, é preciso que o psiquismo construa formas de evitar o escoamento automático das moções pulsionais. Isso é realizado com a passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade, que como vimos, se dá por intermédio das pulsões de autoconservação. A criança e sua brincadeira nos revela que estamos diante deste processo de transição: é preciso que haja a ação para que a fala e a linguagem possam, pouco a pouco, se construir, permitindo que o simbólico se construa. Com a construção do simbólico, a fala passa a recobrir o ato e o indivíduo pode escoar o excesso de excitação através das cadeias de pensamento construídas por palavras, representantes psíquicos mais estáveis em que a energia não circula mais livremente, mas circula de

²³³ Conforme nota apresentada na página 43 deste trabalho.

forma controlada. A linguagem implica, portanto a existência de uma retenção energética que impede a livre descarga.

É isso que Freud²³⁴ parece salientar ao descrever a criança. Relata que esta era calma, educada, com bom caráter e costumava aceitar sem reclamar as ausências da mãe, o que o levou a supor que o jogo não podia ser entendido como um capricho ou manifestação de birra por ficar sozinho; pelo contrário, tratava de algo comum, de uma ação primitiva de moções pulsionais arcaicas, que ainda não estavam sujeitadas aos ditames da consciência e do princípio de realidade. O momento em que a criança se encontra nos remete aos primórdios do processo de simbolização onde o jogo, enquanto atuação, é construído ao mesmo tempo em que a linguagem. O jogo possibilita à criança dar intencionalidade a suas ações na medida em que esta sai da passividade e passa a agir ativamente, visando assim adquirir controle sobre a experiência. O jogo possibilita também à criança renunciar a satisfação desmedida de suas pulsões e é aqui que a linguagem passa a operar, possibilitando a entrada na cultura.

Este é um ponto que queremos ressaltar: a criança observada por Freud está em um momento peculiar de desenvolvimento e é por isso que a criança pequena nos dá pistas de algo que é anterior à linguagem e ao pensamento consciente, nos colocando diante do pulsional em seu estado mais originário. Não ocorreu a criança, arrastar o carretel atrás de si, por exemplo. Nem utilizá-lo como chupeta. O que a criança faz é atirá-lo para vê-lo desaparecer e então puxá-lo para reencontrá-lo. O sentido do jogo só se dá quando Freud liga a ação executada pela criança ao momento de desenvolvimento em que ela se encontra, a saber, o processo de separação com a mãe.

O sentido do jogo é assim revelado: através dele, a criança visa elaborar essa vivência extremamente dolorosa a ela, a partida da mãe. Para Giacóia (2014),

²³⁴ FREUD, S. Más allá del principio de placer. AE, XVIII, 2006[1920], p. 14.

Os elementos reunidos na descrição de Freud facilitam a interpretação do jogo e de sua significação. A brincadeira, sua repetição e seu sentido estão etiologicamente associados com a primeira realização da criança no mundo da cultura, que é sempre, para Freud, uma renúncia à satisfação pulsional em sua meta originária. No caso, a renúncia consistira na permissão para o afastamento da mãe, o deixa-la ir embora sem protestar, o que não podia ser feito sem intenso desprazer (p. 38).

Quando a criança atirava o carretel, fazendo-o sumir, na fantasia podia vivenciar a partida da mãe e manifestar sua revolta e é aqui que está o ganho cultural obtido pela criança: renunciar a posse exclusiva da mãe. O desprazer sentido com a ausência da mãe pode ser assim elaborado, ligado a representantes, passando ao domínio do princípio de prazer e do princípio de realidade. Há um ganho cultural por parte da criança, já que ela permite que ocorra uma limitação a sua satisfação pulsional. Para Freud²³⁵, o jogo possibilita à criança participar da cultura, fazendo-se um na civilização: “o jogo se mesclava com o grande ganho cultural da criança: sua renúncia pulsional (renúncia à satisfação pulsional) de admitir sem protestos a partida da mãe” (p. 15). Ao consentir com a ausência da mãe, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade e agora o psiquismo pode encontrar caminhos substitutivos para o escoamento da excitação pulsional.

É aqui que está o ganho de prazer. Ao encenar ativamente a ida e retorno da mãe, a criança pode controlar tanto o desprendimento de desprazer quanto a alegria do reencontro. Vemos o jogo e a repetição vivenciada pela criança, atrelados ao princípio de prazer e seu substituto, o princípio de realidade. Mas há algo que intriga Freud. Normalmente o que se via era a encenação do primeiro ato, da ida da mãe, que trazia desprazer à criança. A questão que Freud levanta é: por que a criança repetia mais vezes o que lhe era doloroso ao invés de repetir a situação em que haveria um ganho de prazer?

²³⁵ FREUD, S. Más allá del principio de placer, AE, XVIII, 2006[1920].

A ação da criança mostra algo que o sonho traumático não mostrou, a saber, que a repetição do desprazeroso ocorre não apenas diante de um acidente traumático, mas durante o desenvolvimento dos indivíduos. Parece que há no psiquismo um repetir que tem como objetivo proporcionar o apoderamento da vivência, se colocando a favor da Ligação [*Bindung*] e conseqüentemente do princípio de prazer. Repete-se para poder capturar e enlaçar o excesso de excitação, condição necessária para que o princípio de prazer (ou seu substituto, o princípio de realidade), possa processar a energia, encontrando uma via de escoamento para ela. Vemos aqui, repetição, princípio de prazer e Ligação se mesclar e podemos compreender como a compulsão à repetição e o princípio de prazer se relacionam.

Nesse processo, a finalidade é o domínio do desprazer pela repetição lúdica da vivência de sofrimento, que seria alcançada pela encenação da perda do objeto desejado. Percebe-se, assim, que a tendência a repetir o trauma estaria, de algum modo, em consonância com o princípio do prazer, pois que sua função consistiria em reproduzir as condições para uma descarga de energia acumulada no interior do aparelho, preparando-o para o controle da situação, e restaurando os canais ou vias adequadas de escoamento, perturbados e avariados pelo inesperado e transbordante afluxo de energia (GIACÓIA, 2014, p. 41).

O momento de ruptura da unidade mãe-criança coloca-se como a primeira vivência traumática do indivíduo, sendo o jogo uma possibilidade de elaborar essa vivência. A repetição lúdica permite à criança dominar a energia livre que circula no aparelho psíquico, encontrando formas de escoar o excesso de excitação. Esse processo é possível devido a passagem da passividade para a atividade, momento em que a criança ganha certo domínio sobre as moções pulsionais que circulam em seu psiquismo. O ganho cultural está exatamente nesse processo: no domínio das moções pulsionais que podem então ser usadas para fins culturais.

Tanto a neurose traumática, quanto o jogo infantil denunciam um modo de operar do aparelho psíquico: repetimos aquilo que traz grande desprazer. A passagem da

passividade à atividade nos mostra que repetir significa ganhar controle da situação, preparando o indivíduo para outras vivências traumáticas. A brincadeira infantil vista sob este prisma, coloca-se como funcional para o aparelho psíquico, pois possibilita que o princípio de prazer e o princípio de realidade se apoderem da excitação²³⁶.

(...) a estratégia consiste, então, num esforço para, por meio da repetição da mesma vivência traumática reverter a posição passiva do sujeito, transformando-a numa postura de expectativa, em intento para despotencializar o efeito surpresa, e armar-se, como que retrospectivamente, para a defesa eficaz. (...) Todo o processo, cuja lógica consistiria numa tentativa de defesa retroativa contra uma inesperada e anárquica inundação de energia livre, estaria assim a serviço do princípio de prazer (GIACÓIA, 2014, p. 42).

Mas Freud está interessado em encontrar eventos que não estejam submetidos ao princípio de prazer e passa a investigar a repetição que se manifesta durante o tratamento analítico de seus neuróticos. A hipótese de Freud é que os sintomas neuróticos são produzidos quando uma representação advinda de moções de desejo inconsciente é julgada como incompatível pelo ego e pela consciência, tendo como destino permanecer recalcada no inconsciente. O trabalho do analista consistiria em trazer a tona tais representações, preenchendo as lacunas na memória do paciente. Neste momento, acreditava-se ser possível tornar o inconsciente consciente. Este é o processo de elaboração psíquica: encontrar uma via de escoamento para o excesso de excitação despreendida por vivências traumáticas ocorridas na vida do indivíduo.

O objetivo era possibilitar que o paciente revivesse o sofrimento não mais pela via do sintoma e da repetição, mas pela via da palavra, reconstruindo a cadeia de memória e dando vazão ao excesso de excitação. Porém, “a meta proposta de tornar consciente o inconsciente não pode ser alcançada plenamente por este caminho, o paciente na maioria das vezes não se recorda de tudo o que foi recalcado, mas apenas o

²³⁶ A arte explícita de forma precisa este enlace entre prazer e desprazer, já que o atuar do artista repete, na tragédia, tudo o que causa grande impacto aos homens e que através da arte abre-se possibilidade de vivenciar o doloroso com júbilo e nisto vemos claramente a ação do princípio de prazer.

essencial” (FREUD, 2006 [1920], p. 18) e se vê forçado a repetir o recalcado ao invés de recordá-lo.

A hipótese de Freud é que as vivências que causaram maior impacto no indivíduo são repetidas, na transferência, como eventos presentes e não como fatos ocorridos em um passado distante. Isso nos indica que estas vivências não puderam ser colocadas em uma cadeia de memória, em uma linha temporal cronológica, ficando submetidas ao sistema inconsciente e por isso, obedecendo a sua lógica. Esta constatação nos remete a ideia de tempo e as diferenças existentes entre os sistemas consciente-inconsciente.

O tempo cronológico, como o conhecemos, é uma construção da consciência e não uma característica do aparelho psíquico. Para o inconsciente, seus processos e conteúdos “além de não estarem arranjados cronologicamente e serem inalteráveis pelo passar do tempo, (...) podem ser concebidos como dotados de uma temporalidade própria” (MEZAN, 2013, p. 256). A temporalidade do inconsciente é, segundo Mezan (2013), expressa pela repetição, ou seja, aquilo que não é elaborado pela consciência, permanece vivo no inconsciente, retornando sob a forma de sintoma, sonho, ato falho ou encenação. Para Freud²³⁷, “o analisando não recorda, em geral, nada do esquecido e recalcado, mas o atua (...), como ação, o repete, sem saber, mas faz” (p. 151).

Em *Repetir, recordar e elaborar* (1914), vemos a repetição como a insistência das moções de desejo inconsciente, que forçam passagem para a consciência, na tentativa de provocar a elaboração da vivência, que neste momento é entendida como a passagem do processo primário para o processo secundário. Estamos diante de uma das facetas do trabalho da Ligação [*Bindung*].

²³⁷ FREUD, S. Recordar, repetir y reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis). AE, XII, 2006 [1914].

Mas deixemos as coisas neste ponto para retomamos nossa questão: que vivências são repetidas pelo indivíduo? “Quase tudo o que a compulsão a repetição faz o paciente reviver só pode trazer desprazer ao Eu, pois coloca a luz operações de moções pulsionais reprimidas” (p. 20), ou seja, trazem a tona moções que não puderam ser satisfeitas e que agora buscam a satisfação que lhes falta, exteriorizando sua insatisfação. Segundo Freud, as vivências que não trazem nenhuma possibilidade de alcançar o prazer, nem em uma instância, nem em outra, nem no momento presente e nem no passado, só podem estar ligadas ao Complexo de Édipo e suas ramificações.

Tais vivências referem-se ao florescimento e sepultamento da vida sexual infantil²³⁸ e em sua descrição, vemos Freud²³⁹ demonstrar que o desenvolvimento pulsional repete a história da vida: nasce e morre e torna a nascer e assim sucessivamente, cumprindo seu destino. Isso nos ajuda a compreender a passagem que ele fará para a nova divisão pulsional: a briga se dará entre vida e morte, entre o que liga e o que separa. Ele também incluirá na natureza da pulsão algo que faz retornar e repetir, ao mesmo tempo em que impulsiona e faz progredir. A pulsão começa a ser pensada como aquilo que insiste e repete, obrigando o sujeito a percorrer um caminho já traçado.

Sabemos que na criança, as moções pulsionais e o desenvolvimento psicosssexual levam a frustração, pois há uma impossibilidade de viver o amor plenamente. O corpo não pode fornecer material necessário para que a criança sane suas dúvidas e chegue a

²³⁸ É interessante notar que Freud utiliza as palavras florescer (*Frühblüte*) e sepultar (*Untergang*) para tratar da vivência mais dolorosa no humano: o Édipo. Ao escolher estas palavras, ele parece indicar que o Édipo é uma vivência inerente a própria vida: algo surge, floresce e morre, como um destino a ser cumprido. O termo *Frühblüte*, em alemão remete a um conceito da biológico de floração, mas uma floração que é precoce quando comparado com a floração esperada. Ora, não é exatamente o mesmo que ocorre com a pulsão sexual que é despertada precocemente e depois precisa ser adormecida? A pulsão sexual e suas metas infantis sucumbem e são sepultadas, *Untergang*, que traduzido ao pé da letra indica algo que se perde, que sofre um golpe fatal. Esse golpe fatal não se aproxima do que sente a criança ao perceber que está em desvantagem e assim abandona a briga com o genitor para não perder o seu amor?

²³⁹ FREUD, S. Más allá del principio de placer. AE, XVIII, 2006[1920], p. 20.

conclusões satisfatórias e também não possibilitam que ela possa produzir um bebê. A perda de amor e o fracasso deixam na criança uma ferida profunda e permanente no sentimento de si, uma cicatriz narcísica, despertada pelo sentimento de ter sido trocado ou abandonado pelo genitor do sexo oposto.

Isso não pode trazer prazer, se crê então que hoje tais vivências produziriam um desprazer menor se aparecessem como recordações em sonhos ao invés de aparecerem como uma vivência nova, ou seja, se fossem apenas recordados produziriam um desprazer muito menor do que sendo revividos. Se trata portanto de ações de pulsões que estavam destinadas a conduzir a satisfação, mas que naquele momento não produziram satisfação, mas apenas trouxeram desprazer. Essa experiência se deu em vão, se repete apesar de tudo, há uma compulsão que força a isso (FREUD, 2006 [1920], p. 21).

A partir destas pontuações, podemos supor que as vivências edípicas não estão localizadas em uma linha cronológica, ou seja, a história do paciente não pode ser entendida enquanto linearidade. As repetições do paciente pela via da transferência demonstram que tais vivências não puderam ser elaboradas, não estando sob poder do princípio de realidade e do processamento secundário, mas estando a mercê do inconsciente. Se a resistência e o recalque visam proteger o ego e a consciência do despreendimento de desprazer, será que podemos supor que a repetição visa escoar o excesso de excitação existente no inconsciente?

Disto extraímos duas hipóteses: repete-se para ganhar domínio sobre a vivência ou repete-se, pois não há possibilidade de encontrar a satisfação desejada. E então vemos delinear duas possibilidades de olhar a repetição: a primeira submetida ao princípio de prazer e a segunda que aponta para um mais-além do princípio de prazer e serão as duas facetas que Freud apresentará em *Além do princípio de prazer*. Se em 1914 repete-se para elaborar (repetição ligada ao princípio de prazer), em 1920, repete-se por coação (mais-além do propósito de obter prazer):

O conteúdo repetido é marcado com o desprazer mais profundo e intenso: a situação edípica sucumbiu aos golpes da realidade, cujo

veredicto inapelável decretou a perda da afeição exclusiva para os pais ao nascer um novo irmão, a humilhação de fracassar no amor e no desejo, a perplexidade frente ao enigma da procriação e ao sentido das exigências da educação, da disciplina e da autoridade. É precisamente esse rol de desgraças que o neurótico repete na situação transferencial, o que impede supor que a repetição vise a re-produção de um momento feliz para os desígnios pulsionais (MEZAN, 2013, p. 255).

O sujeito revive, em análise, a cena como se esta fizesse parte do presente e não como remetendo ao passado. Por isso, Freud nos diz que o sujeito re-encena a mesma situação em diversos momentos da vida e então tem-se a impressão de que há algo demoníaco comandando sua vida²⁴⁰. Estando ou não submetido ao princípio de prazer, se é na falha da Ligação [*Bindung*] que vemos surgir o fenômeno da compulsão à repetição, a conclusão lógica a que chegamos é que, quando a energia das moções pulsionais não pode ser ligada, a repetição se coloca como uma possibilidade de processar os conteúdos psíquicos inconscientes, isso porque “a repetição é um dos modos pelos quais o inconsciente trabalha seus conteúdos, é um dos operadores do inconsciente, ou melhor, é um dos seus modos de funcionamento. Repetir é um dos modos de ser do psiquismo inconsciente” (MONZANI, 1989, p. 184).

Mezan²⁴¹ esclarece que o ego, ao tentar impedir o aparecimento do desprazer pela via do recalque acaba condenando o material a repetir, pois a pulsão, que não pode ser totalmente satisfeita insiste e contra a insistência não há defesa. Segundo o autor, “Daí o caráter compulsivo da repetição, e, por conseguinte, sua apresentação como “algo mais primitivo, mais elementar, mais pulsional, do que o princípio de prazer que é deslocado por ela”. A repetição está, na verdade, “mais aquém” do princípio do prazer” (p. 255).

Ao recalcar a pulsão, o ego impede que a moção passe ao domínio do processo secundário, deixando-a a mercê do inconsciente e submetido a suas leis. O ego acaba,

²⁴⁰ O demoníaco é para Freud a compulsão à repetição, que obriga o sujeito a viver uma linha circular.

²⁴¹ MEZAN, R. Freud: a trama dos conceitos, 2013.

por produzir a própria desgraça e na neurose, o que se repete é a própria pulsão impedida de se manifestar em decorrência do recalque (MEZAN, 2013, p. 258). Apesar do recalque se submeter ao princípio de prazer, ele acaba obrigando a moção a permanecer no inconsciente e neste, tais moções podem ser processadas pela via da repetição, um dos modos de ser do inconsciente e que nos denuncia algo presente na natureza da própria pulsão.

Se a consciência visa manter os conteúdos no inconsciente através das resistências, o inconsciente por sua vez, força passagem, driblando o recalque e mostrando-se através das encenações. Disto extraímos dois pontos fundamentais: o repetir quando submetido ao princípio de prazer visa possibilitar o enlaçamento da vivência, possibilitando ao indivíduo apoderar-se disto que lhe traz desprazer, porém quando a repetição não se liga a este princípio, o que vemos é sua face demoníaca e aponta para um além do objetivo de evitar desprazer. Essa diferença é marcada pela palavra escolhida por Freud: não estamos mais falando de repetição, *Wiederholen*, mas de compulsão à repetição, *Wiederholungszwang*, que traz a ideia de um imperativo²⁴².

Se concluímos que há no psiquismo outro modo de processar os conteúdos anímicos, isto nos diz que o primeiro dualismo proposto precisa ser repensado neste ponto. De um lado, temos o princípio de prazer e a repetição vinculados às duas classes de pulsões e ao duelo travado entre elas, de outro, estamos diante de eventos que não estão submetidos ao princípio de prazer, pois repete-se para além do ganho de prazer. Sob este último enfoque, a compulsão à repetição não pode ser explicada a partir do conflito entre sexualidade e autoconservação, pois não visa evitar o desprazer provocado pela satisfação das moções pulsionais sexuais e nem visa preservar o

²⁴² CABAS, A. G. O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão, 2009.

indivíduo através das limitações as pulsões sexuais e nem com a satisfação das moções pulsionais egóicas.

A repetição provoca o aumento de excitação no aparelho, acarretando algo semelhante ao trauma: o indivíduo, ao ser inundado pelo excesso de energia, fica paralisado e precisa encontrar uma via de escoamento, independente de se isto trará prazer ao psiquismo. A compulsão à repetição acaba produzindo o desprendimento de desprazer em todo o sistema, contrariando a lógica tanto do princípio de prazer quanto de seu substituto, o princípio de realidade.

Cabas (2009) ao analisar a palavra utilizada por Freud para referir-se a compulsão à repetição, aponta que ela é composta por três significações: “*Wieder*= de novo, novamente, *Holung*= buscar, mandar buscar, pescar e *Zwang*= força, pressão, obrigação” (p. 79). A pulsão traz em si “uma exigência de satisfação que não tem fim” e remete a “um imperativo de buscar de novo. A impulsão a fugar mais uma vez uma satisfação que faz falta”. Se ligarmos essa compulsão, ao reprimido, *Verdrängte*, veremos que o reprimido é aquele que persiste e insiste em se representar, é o que insiste em aparecer. Vemos assim o recalcado e a compulsão a repetir se mesclar.

Para Cabas (2009, p. 80), “Entende-se, pois a *Wiederholungszwang* determina a *Wiederkehr*. E que o imperativo pulsional é a causa da insistência inconsciente. Ou, ainda, que a repetição é a causa do retorno”. Isso nos leva diretamente à pulsão e Freud irá incluir na natureza pulsional essa insistência em repetir e buscar algo que falta. Em *Além do princípio de prazer*, o autor aponta que:

A pulsão reprimida nunca cessa de aspirar a sua satisfação plena, que consistiria na repetição de uma vivência primária de satisfação; todas as formações substitutivas e reativas, e todas as sublimações, são insuficientes para cancelar sua tensão urgente, e a diferença entre o prazer de satisfação obtido e o pretendido engendra o fator pulsionante, que não admite se agarrar a nenhuma das situações estabelecidas, mas que, nas palavras do poeta, “indomado, sempre impele para adiante” (p. 42).

O que retorna no sonho do adulto e no sintoma são traços do desejo sexual infantil reprimido, um desejo que não pode mais ser sentido como fonte de prazer, isso porque essas moções que forçam o repetir não puderam ser satisfeitas, nem no momento em que surgiram, nem no momento atual²⁴³. O Édipo (seu surgimento, nascimento e dissolução) faz parte da herança filogenética da espécie humana e, assim como o assassinato do pai da horda trouxe desprazer aos novos membros da civilização, posto que imprimiu limites a satisfação pulsional, a vivência edípica tanto condena o homem a viver este eterno retorno do mesmo, como possibilita que haja a passagem do animal para o humano.

A repetição aqui pode ser explicada a partir do princípio de prazer, assim como o jogo infantil, mas ainda assim, sobra um resto inexplicável. Freud conclui que todos estes fatos, somados aos sonhos traumáticos, nos fazem supor que há na vida anímica uma compulsão a repetição que se instaura mais além do princípio de prazer.

As exteriorizações de uma compulsão à repetição que descrevemos como típicas das primeiras atividades da vida anímica infantil, assim como as vivências da cura psicanalítica, mostram em alto grau um caráter pulsional e, quando se encontram em oposição ao princípio de prazer, um caráter demoníaco. No caso do jogo infantil advertimos que a criança repete a vivência desprazerosa, porque mediante sua atividade consegue um domínio sobre a impressão intensa, muito mais difícil de obter caso a vivenciasse de forma passiva. (...) Nada disso contradiz o princípio de prazer (...) Nos analisando, ao contrário, é claro que sua compulsão a repetir, sob transferência, os episódios do período infantil de sua vida se situa, em todos os sentidos, mais além do princípio de prazer (FREUD, 2006 [1920], p. 35-36).

Vemos aqui, como os eventos somados acabam dando contorno e força à hipótese de que há no aparelho psíquico uma compulsão à repetição, que ora se coloca ao lado do princípio de prazer e ora se coloca em franca oposição a ele. Segundo Monzani (1989) para Freud, o argumento singular parece não ter valor, só adquirindo força quando pensado em conjunto. Daí o autor elencar diferentes eventos para chegar à

²⁴³ FREUD, S. Más allá del principio de placer. AE, XVIII, 2006[1920], p. 38.

conclusão de que podemos supor a existência de uma compulsão a repetir, já que em todos os casos podemos perceber uma relação com o princípio de prazer e também uma atividade que não visa diretamente o prazer²⁴⁴.

O percurso, aparentemente estéril, atinge um resultado fundamental, já que implica assumir a hipótese, indicada pela série, de que existe algo, um domínio, em que o princípio de prazer não exerce seus direitos. Esse algo é um resíduo inexplicável que persiste nesse série (MONZANI, 1989, p. 152).

Esse resíduo nos permite afirmar que de fato há uma compulsão e que essa compulsão diz de algo presente na natureza da própria pulsão. Chegamos agora a três hipóteses de interpretação²⁴⁵: em alguns momentos parece que “a compulsão à repetição está a serviço da *Bindung* [Ligação], como é o caso da neurose traumática” (MONZANI, 1989, p.174), para outros autores será “a tentativa em ligar a pulsão de morte” (p. 174) ou ainda poderá ser entendida como relacionada “ao mais pulsional da pulsão, a seu caráter demoníaco, isto é, à pulsão de morte” (p. 175). No último capítulo deste trabalho, abordaremos a terceira interpretação e defendemos que a compulsão à repetição nos ajuda a pensar o novo dualismo proposto por Freud e sua nova definição do pulsional.

A compulsão à repetição traz como elemento novo o fato de se colocar em oposição ao princípio de prazer. Se concordamos com Monzani (1989) para quem a repetição é *um dos modos de ser do psiquismo inconsciente*, então podemos supor que “a pulsão é nela mesma repetitiva” (p. 178). A questão levantada por Monzani (1989) e também por este trabalho é: “mas repetição de quê?” (p. 178). É isto que tentaremos responder a seguir, pois tal questão nos levará a elaboração do novo dualismo pulsional proposto por Freud.

²⁴⁴ MONZANI, L. R. Freud: o movimento de um pensamento, 1989, p. 152.

²⁴⁵ Idem.

5.3 O novo dualismo pulsional

Já sabemos que as pulsões podem provocar perturbações análogas aos da neurose traumática se não forem contidas por um sistema interno de proteção. Ao se referir à pulsão, Freud nos diz que:

As fontes mais profícuas de excitação interna são as chamadas pulsões do organismo: os representantes *{Repräsentant}* de todas as forças *eficazes* que provem do interior do corpo e se transferem para o aparato anímico, é este o elemento mais importante e obscuro da investigação psicológica (2006 [1920], p. 34).

As pulsões, como já dito, obedecem ao tipo de processo livremente móvel e somente após o trabalho da Ligação [*Bindung*] é que podem ser processadas e descarregadas para fora do aparelho. Esta é a tarefa dos estratos superiores do psiquismo: ligar as excitações das pulsões que entram em operação no sistema Inconsciente, submetendo-as primeiro ao princípio de prazer para depois transformá-las em energia quiescente, colocando-as sob domínio do princípio de realidade (Cf. 2006 [1920]).

Assim, como vimos anteriormente, a compulsão à repetição pode servir ao trabalho da Ligação [*Bindung*], como é o caso dos sonhos traumáticos, ou se ligar ao princípio de prazer como é o caso da brincadeira infantil e do recalque nas neuroses de transferência, mas também mostra algo que não se relaciona ao princípio de prazer, denunciando a existência de processos que atuam no psiquismo de forma independente do propósito de evitar o desprazer. Essa face da compulsão à repetição mostrou a Freud algo que está inscrito na natureza da pulsão, revelando algo presente não apenas no homem, mas inerente à vida orgânica em geral.

Uma pulsão seria então um esforço, inerente ao organismo vivo, de reproduzir um estado anterior que o vivo precisou abandonar sobre a

influência de forças perturbadoras externas, seria um tipo de elasticidade orgânica ou, se preferir, a exteriorização da inércia na vida orgânica (2006 [1920], p. 36).

Temos agora a pulsão como expressão da inércia e não apenas como o motor que conduz o desenvolvimento do organismo. A pulsão vista deste ângulo representa a natureza conservadora e regressiva da vida e será a biologia que fornecerá elementos à hipótese de Freud:

Esta maneira de conceber a pulsão nos soa estranha, em efeito, nos habituamos a ver na pulsão o fator que esforça no sentido da mudança e do desenvolvimento e agora nos vemos obrigados a reconhecer nela a natureza conservadora do ser vivo. Por outra parte, de imediato nos vem à mente aqueles fenômenos da vida animal que parecem corroborar com o condicionamento histórico das pulsões. Certos peixes empreendem na época da desova, uma cansativa migração a fim de depositar as ovas em determinadas águas, muito distantes de sua residência habitual; muitos biólogos interpretam que não fazem senão buscar as moradas anteriores de sua espécie, que no decorrer do tempo foram trocadas por outras. O mesmo se aplica- acredita-se -aos voos migratórios das aves (FREUD, 2006 [1920], p. 36-37).

A teoria pulsional transcende, sob este enfoque, a espécie humana, colocando-se como possibilidade de pensar os processos que ocorrem no mundo orgânico como um todo. Há na pulsão algo que não é mecânico, mas histórico e pré-determinado, o que é evidenciado na forma como Freud pensa a história: há um destino, um percurso inscrito na própria pulsão, cabendo à vida percorrer este caminho já determinado. Como nos diz Monzani,

As pulsões aparecem, portanto, como algo adquirido historicamente, com tendência a restaurar esse estado anterior, e, como esse estado deve ser algo antigo, um estágio inicial- do qual a entidade viva, por algum motivo obscuro, se afastou e ao qual tenta agora retornar (1989, p. 188).

Estamos diante de outra definição do pulsional, pensada a partir dos problemas trazidos pelo traumático e pela compulsão à repetição e que evidencia processos mais antigos que o princípio de prazer, bem como independentes dele. Se as pulsões possuem

natureza conservadora e regressiva e se seu anseio é retornar a períodos anteriores que foram abandonados, Freud conclui que esse período só pode ser o retorno ao estado inorgânico que foi perturbado pelo surgimento da vida. Em suas palavras:

“Se nos é lícito admitir como experiência, sem exceção, que todo o vivo morre, regressa ao inorgânico, por razões internas, não podemos dizer outra coisa que isso: a meta de toda a vida é a morte, e retrospectivamente: o inanimado estava aqui antes do vivo” (FREUD, 2006 [1920], p. 38).

Assim, chegamos a seguinte conclusão: a pulsão quer retornar a um estado anterior, devido ao caráter regressivo, mas também quer manter as modificações que incorporou devido ao caráter conservador. O caráter conservador e regressivo da pulsão permitiu à Freud pensar de que modo a vida e a pulsão se enlaçam. Para o autor:

Em algum momento, por uma intervenção de forças que, todavia, nos resulta inteiramente inimagináveis, suscitou-se na matéria inanimada as propriedades da vida. Talvez tenha sido um processo parecido, enquanto a sua forma, aquele outro que mais tarde fez surgir à consciência em certo estrato da matéria viva. A tensão assim gerada na matéria até então inanimada esforçou-se depois por nivelar-se, e assim, nasceu a primeira pulsão, a de regressar ao inanimado (FREUD, 2006 [1920], p. 38).

Segundo Freud, no início a substância nascia e morria com facilidade, mas aos poucos foi incorporando novas modificações, o que tornou o caminho até a meta cada vez maior. A vida foi pouco a pouco, incorporando rodeios e adiando seu final. Sob este enfoque, um novo dualismo pulsional se torna necessário,

Em vez de pulsões autoconservadoras (do ego) e pulsões sexuais (já razoavelmente delineadas desde *Introdução ao narcisismo*), será melhor pensar (unindo as duas primeiras em um único grupo) em pulsões de vida, e, ainda, em pulsões de morte- aquelas visando a manutenção da vida, a ligação e a introdução de novas tensões, e essas perseguindo o objetivo contrário, o desligamento, a anulação das tensões, a recondução do orgânico ao seu estágio original de quietude gélida, mineral (MONZANI, 1989, p. 188).

A princípio, Freud irá colocar as pulsões egóicas ao lado das pulsões de morte e as pulsões sexuais ao lado das pulsões de vida. Essa primeira divisão, manteria a distinção entre sexualidade e autoconservação, porém, em suas palavras, essa divisão trará insatisfações em muitos aspectos (Cf. FREUD, 2006 [1920], p. 43). Para Freud, as pulsões egóicas teriam se originado a partir da animação da matéria inanimada e teriam como objetivo restabelecer essa condição. A esta classe de pulsão poderíamos atribuir um caráter conservador e regressivo, que obedeceria a compulsão à repetição. Mas, o mesmo não poderia ser atribuído às pulsões sexuais, cuja meta é alcançar a fusão de duas células germinativas, já que quando esta união não ocorre, a célula germinal morre, como todos os outros elementos do organismo celular. Disto, podemos extrair uma hipótese: a vida se mantém com a fusão, a união de uma célula com outra, sendo a morte o oposto desse processo.

Ao buscar elementos na biologia que refutassem sua hipótese, Freud se depara com autores que acreditam existir na vida duas forças contrárias. Foram os pressupostos de Hering que mais se aproximaram de suas hipóteses de que haveria um dualismo presente na vida orgânica em geral. Para Hering *apud* Freud(2006[1920]) há na substância viva, dois tipos de processos com orientações contrárias um processo denominado anabólico, ou assimilatório e outro catabólico, denominado desassimilatório. Serão estes mesmos processos que veremos as pulsões de vida e de morte repetirem. Se a Vida tem como objetivo a fusão, assimilação, caberá à Morte desligar, desassimilar a substância.

Segundo Freud as pulsões de vida ou sexuais ativas em cada célula tem como função neutralizar em parte suas pulsões de morte, mantendo o organismo vivo. “Assim a libido das pulsões sexuais coincide com o Eros dos poetas e filósofos, o Eros que representa tudo o que vive” (FREUD, 2006[1920], p. 49).

Porém, não era possível entender de que forma as pulsões de autoconservação poderiam estar a serviço da morte e é em *Além do princípio de prazer* que Freud revisita sua teoria libidinal, que vinha sofrendo duras críticas, principalmente após a introdução do conceito de narcisismo. Segundo o autor, a análise das neuroses de transferência o levou a estabelecer uma oposição entre pulsões sexuais, dirigidas a um objeto e outras pulsões que foram nomeadas de pulsões do Eu. Com o estudo do ego e seus processos, Freud percebeu que a libido era regularmente retirada dos objetos e dirigida ao ego através do processo de introversão. Esta constatação somada ao estudo do desenvolvimento libidinal da criança obrigou Freud a concluir que o ego era o reservatório genuíno e originário da libido, e que era a partir dele que a libido era dirigida aos objetos.

É claro que essa libido narcísica era também uma exteriorização de forças de pulsões sexuais em sentido analítico, mas era preciso identificá-las com as pulsões de autoconservação, que desde o início estariam presentes no ser vivo. Deste modo, a oposição originária entre pulsões egóicas e pulsões sexuais se tornava insuficiente. Uma parte das pulsões egóicas foi reconhecida como libidinosas, e no interior do eu atuavam- junto a outras, provavelmente- também como pulsões sexuais (FREUD, 2006[1920], p. 51).

Mesmo admitindo que tanto as pulsões sexuais quanto as pulsões de autoconservação têm natureza libidinal, Freud manteve a concepção de que a neurose de transferência é resultado do conflito travado entre as duas classes pulsionais. O novo dualismo não seria colocado como um substituto do primeiro, nem ofereceria uma nova forma de olhar a neurose e seus sintomas²⁴⁶. Foi a natureza libidinal das pulsões egóicas que permitiu a Freud distanciá-las das pulsões de morte, pois se tais pulsões possuem natureza narcísica, a conclusão que o autor chega é que elas teriam como objetivo

²⁴⁶ O segundo dualismo possibilitou a Freud pensar a cultura, o masoquismo e a agressividade sob novo enfoque. Não foi nosso objetivo apresentar as consequências do novo dualismo pulsional para a teoria freudiana, por isso não abordaremos estes tópicos.

manter as células do organismo aderidas umas às outras, mantendo a vida por mais tempo.

Assim, tanto as pulsões sexuais quanto as pulsões de autoconservação atuam impondo limites à satisfação das pulsões de morte, sendo que às pulsões de autoconservação caberia a meta de possibilitar ao organismo morrer a sua maneira, mantendo o indivíduo vivo por mais tempo, enquanto que as pulsões sexuais conservariam a vida da espécie através da fecundação. Essas duas classes de pulsões serão colocadas ao lado das pulsões de vida, em contraposição com as pulsões de morte que visam obter a descarga completa e o retorno imediato ao inorgânico.

Sempre que Freud parece se aproximar da Morte, a impressão que temos é de que o conceito lhe escapa. Vemos sua dificuldade em apresentar elementos puros que comprovem a existência dessa classe de pulsões, que se mostra apenas enquanto ponto obscuro que emperra a teoria e a impede de avançar. É por isso que vemos o autor recorrer à biologia, à filosofia, à arte e ao mito.

Da biologia, Freud separa o pressuposto de que o acréscimo de novas quantidades de estímulos produz a manutenção da vida enquanto que a nivelção das tensões químicas acarreta a morte do organismo. Disto extraímos a conclusão de que a Vida será entendida, na teoria de Freud, como movimento, sendo responsável pelos processos que provocam aumento nos níveis energéticos provocando diferenças vitais, cabendo às pulsões de morte oferecer ao aparelho formas de exaurir tais diferenças. Será a função do princípio de prazer, bem como o próprio movimento de satisfação que forneceram a Freud provas de que há no aparelho anímico pulsões de morte que agem no sentido de obter a descarga completa das excitações.

Para que essa heterogeneidade seja operante, deve naturalmente haver um ou diversos níveis ótimos. E posto que temos discernido como a tendência dominante na vida anímica, e talvez da vida nervosa em geral, a de rebaixar, manter constante, suprimir a tensão interna de estímulos (o princípio de nirvana segundo a terminologia de Barbara

Low), do qual é expressão o princípio de prazer, isso constitui um de nossos mais fortes motivos para crer na existência de pulsões de morte (FREUD, 2006[1920], p. 54).

Será, portanto, o princípio de prazer e os fenômenos não explicáveis da compulsão à repetição que ofereceram a Freud elementos que sustentam a existência de pulsões de morte que agem no interior no psiquismo. Ele concebe uma divisão pulsional ainda mais brutal: o que sempre esteve em luta é a vida e a morte, o mundo orgânico e o inorgânico e se isto é assim, deve haver uma força que impulsiona e preserva a vida e outra que obriga o sujeito a retornar para trás e “se não queremos abandonar a hipótese das pulsões de morte, tem-se De associá-las desde o começo com as pulsões de vida” (FREUD, 2006[1920], p. 55). Vida e Morte se entrelaçam e não podem ser pensadas de forma separada, pois as surgir a Vida, surge também a Morte²⁴⁷.

Há como um ritmo titubeante na vida dos organismos, um dos grupos pulsionais se lança impetuoso, para frente, para alcançar o mais rápido possível a meta final da vida, e outro, que chegado a certo lugar deste caminho, se lança para trás para voltar a refazê-lo desde certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto (FREUD, 2006 [1920], p. 40).

Para Freud, o anseio da pulsão de vida, Eros, é unir o orgânico em unidades cada vez maiores, ligando os indivíduos em comunidades cada vez maiores. Dessa ligação, resulta que o organismo preserva sua existência por mais tempo, e a espécie se preserva. Para Mezan (2013, p. 261), “a ligação se opõe à repetição, na medida em que adia o término da existência e assegura ao ser vivo uma imortalidade potencial”.

²⁴⁷ Freud irá buscar na biologia algo que fundamenta suas hipóteses. Encontra na teoria de Weismann algo que vai ao encontro de suas hipóteses: para Weismann a substância viva se divide em uma parte imortal (plasma/ células germinativas) e uma parte mortal (soma/ corpo). Tanto para Weismann como para Freud há uma dualidade na substância orgânica. Mas o ponto de convergência cessa nesta parte, pois para Weismann somente os organismos pluricelulares seriam mortais, enquanto que os organismos unicelulares seriam imortais e Freud não pode concordar com esta suposição, pois segundo sua tese, os organismos vivos sempre morrem por razões internas. Será nas teses de Maupas, Calkins e outros que ele encontrará argumentos para defender sua tese de que os organismos vivos morrem devido a processos internos. Nos diz: “Assim contradizem as teses de Weismann, para quem a morte é uma aquisição tardia dos organismos vivos” e “É provável, então, que os infusórios sejam conduzidos a uma morte natural por seu próprio processo de vida” (p. 47).

Temos, então, de um lado, a Vida e a Ligação [*Bindung*] e, de outro, a Morte e a Repetição. Aqui um problema se coloca. Vimos como a Ligação atua como precursora do princípio de prazer e como a compulsão à repetição se mescla e se distancia deste princípio, soma-se a isso o argumento freudiano de que o princípio de prazer constitui um dos mais fortes motivos para se crer na existência das pulsões de morte. Isso nos traz uma questão: como pensar o princípio de prazer e sua relação com a nova dualidade pulsional?

Nos parece que este princípio agindo ora a favor da Vida (quando se manifesta enquanto princípio de constância) e ora a favor da Morte (quando se manifesta enquanto princípio de inércia). É o papel da Ligação [*Bindung*] que nos ajudará a entender esse paradoxo.

Sabemos que para permanecer vivo, o psiquismo precisa conter a energia livre que o invade, capturando-a e ligando-a. É este trabalho realizado pela Ligação [*Bindung*] que garante a existência da vida e para realizar este processo, vimos que é necessário que o aparelho tenha a sua disposição um estoque energético que será utilizado para neutralizar o excesso de excitação, realizando um contra-investimento. Para Freud, como já citado anteriormente, quanto mais energia quiescente o aparelho possuir, maior será sua capacidade de ligar os aportes de energia livre que invadirem o aparelho.

Cabe à Ligação [*Bindung*] criar um estoque, uma reserva energética que poderá ser utilizada para defender o psiquismo da energia livre. Por outro lado é esse mesmo estoque que permite ao princípio de prazer escoar a excitação presente no psiquismo e aqui vemos que o princípio de prazer pode se submeter tanto ao princípio de constância quanto ao princípio de inércia.

Vemos assim o enlaçamento da Ligação [*Bindung*.] e do princípio de prazer com os objetivos da Vida e da Morte. Ao mesmo tempo em que a Ligação mantém a vida, já que possibilita ao psiquismo manter esse estoque energético, também é responsável pela instauração do princípio de prazer. Ora, se a pulsão busca o escoamento total e se o escoamento é possibilitado pelo princípio de prazer, então vemos a Ligação servir tanto aos propósitos da Vida quanto aos propósitos da Morte. Isso nos possibilita pensar o princípio de prazer de duas maneiras: enquanto aquele que possibilita ao aparelho lidar com o excesso de excitação, mantendo-o vivo ou enquanto aquele que visa encontrar o total escoamento da energia (como princípio de Nirvana), levando o aparelho à morte.

Monzani (1989) nos ajuda a entender esse processo. Segundo o autor, antes de 1920 o princípio de prazer era derivado do princípio de constância e o enfoque era dado ao objetivo de manter a excitação no interior do psiquismo em um nível mais constante possível. A partir de 1920, o princípio de prazer ganha outro enfoque e agora terá como função escoar toda a excitação presente no aparelho, servindo aos propósitos da inércia.

Eis aqui o que se pode denominar de “paradoxo do prazer”: de um lado ele parece ser o guardião, por excelência, da vida, na medida em que parece tender a reconduzir sistematicamente o aparelho anímico ao seu estado ideal de funcionamento. Mas, por outro lado, ele parece expressar essa tendência ao escoamento total das tensões, das excitações internas, fazendo com que o prazer supremo seja idêntico ao alcançar uma redução a zero, isto é, à morte, ao aniquilamento total da vida. Guarda-costas da vida ou laçao da morte? (MONZANI, 1989, p. 200).

O princípio de prazer atende, portanto a dois objetivos: manter a quantidade de excitação em um nível mais ou menos constante ou então buscar alcançar um estado de ausência de excitação. Segundo Monzani (1989), “o “princípio de inércia” não tem absolutamente nada a ver com a manutenção da ordem vital. Ele é, rigorosamente falando, um princípio de atividade: sua realização completa, plena e integral, desemboca na morte” (p. 203).

Montenegro salienta que a morte de que fala Freud em *Além do princípio de prazer* não se refere àquela morte negada pela humanidade, àquela que remete à finitude própria e que não pode ser inscrita no inconsciente a não ser pela negação. Antes, “a morte da pulsão de morte, por sua vez, é outra: é aquela da qual a vida ter-se-ia originado e para a qual deveria retornar, cumpre lembrar, no seu tempo devido” (MONTENEGRO, 2002, p. 257). Para a autora, “a essência da pulsão deixa de ser a sua pressão” passando agora a apresentar-se como “a restauração de um estado de quietude originária, no qual não haveria trabalho algum” (Idem, *ibid.*).

O argumento apresentado por Montenegro nos parece contraditório. A pulsão nasce como atividade, brota na matéria inanimada dando a esta vida, o que significa que ela é pura atividade. Essa atividade mantém em si, tanto o esforço em conservar as alterações impostas pelo mundo externo, quando a ‘vontade’ de retornar ao momento inicial de sua constituição, o que nos permite levantar a hipótese: voltar ao momento inicial de sua constituição, já não é retornar ao exato momento em que ela brota?

Se isto é assim e se o que Freud nos diz, de que as pulsões de vida e as pulsões de morte nascem concomitantes, não havendo uma anterioridade ou soberania de uma sobre a outra, retornar ao estado primeiro indica morrer e, conseqüentemente, renascer. É o viver e morrer que está inscrito na natureza da pulsão, é isso que a nosso ver, o dualismo pulsional proposto em 1920 visa sustentar.

Temos então, o surgimento de “dois princípios transcendentais, a Repetição e a Ligação, fundando respectivamente as pulsões de morte e as pulsões de vida” (MEZAN, 2013, p. 268). Nesse sentido é a Vida, representada pelas pulsões sexuais e de autoconservação, que traz desprazer, pois é puro movimento e perturba o reino mineral, inorgânico, representado pela Morte que visa escoar toda excitação, alcançando a

inércia e o prazer último. Embora a Vida traga desprazer, sem ela, tampouco a vivência prazerosa existiria, pois é pela evitação do desprazer que o prazer pode ser sentido²⁴⁸.

Foi a partir das observações clínicas que Freud pode perceber a existência de algo enigmático presente no psiquismo,

Essas inovações eram transposições diretas da observação para a teoria, não sofriam de fontes de erro maiores que as inevitáveis em tais casos. A afirmação do caráter regressivo das pulsões se apoia também, é certo, em material observado, a saber, nos fatos da compulsão a repetição. (...) Como quer que seja, somente foi possível levar essa ideia até o final combinando várias vezes, em sucessão, os fatos com o meramente especulativo, processo que o afasta da observação (p. 57).

É esse enigmático que quando encadeado ganha peso e como nos aponta Monzani (1989), um elemento dá força ao outro, engrossando a discussão. Pensados separadamente, nem a neurose traumática, nem a brincadeira infantil, nem as atuações das neuroses de transferência têm força suficiente para sustentar a hipótese de que há no aparelho pulsões de morte, cujo objetivo é exaurir toda energia psíquica, fazendo o organismo retornar à quietude do inorgânico. Mas quando pensados em conjunto, estes elementos podem sustentar essa hipótese.

Há ainda outro ponto que merece destaque. Ao contrário de alguns teóricos que defendem que para Freud haveria apenas pulsões de morte²⁴⁹ ou ainda que o conceito de pulsão de morte é prescindível à teoria das pulsões²⁵⁰, queremos defender que o

²⁴⁸ Precisamos lembrar que a noção de prazer em Freud é negativa. O objetivo do aparelho é evitar desprazer e não buscar o prazer.

²⁴⁹ Dentre estes destacaremos Simanke e Caropreso. Os autores apontam que “Freud reconhece, em *Além do princípio de prazer*, que esse novo dualismo pulsional aí proposto não apresenta o mesmo grau de certeza que os passos anteriores do desenvolvimento de sua teoria das pulsões. Algumas hipóteses desenvolvidas em textos posteriores parecem tornar ainda mais problemática a manutenção da dualidade que distingue as pulsões de morte e as vida e reforçar a impressão de que não há, de fato, uma oposição clara entre essas duas classes de pulsões” (2011, p. 194).

²⁵⁰ Como é o caso de Laplanche, por exemplo. Para mais detalhes ver *Vida e Morte em psicanálise*. Por ora, vamos apenas apresentar de forma resumida as elaborações do autor, retiradas de uma entrevista publicada no livro *A pulsão de morte* (1988): “Muitos leitores, após tomarem conhecimento de *Vida e morte em psicanálise*, e dizem que não admito a pulsão de morte e, com efeito, de uma certa forma, devo confessar que formulo a teoria das pulsões de uma nova maneira e em termos que prescindem à de morte” (p. 100). Para Laplanche a sexualidade seria a única pulsão verdadeira, sendo que a pulsão de morte

dualismo se mantém com a segunda teoria pulsional. Monzani (1989) nos fornece um argumento valioso para pensar este problema: ao dar importância à Morte, Freud imediatamente eleva o valor da Vida (p. 229) e é esta nossa posição: não é possível pensar na prevalência de um grupo pulsional sobre o outro, ambos precisam ser pensados juntos, enlaçados. A nova divisão pulsional visa fornecer elementos para pensar os novos problemas, bem como sustentar um dualismo ainda mais radical, sendo a Vida o lugar em que o sexual se representa e a Morte o espaço do não-sexual, da ausência de representação.

Vemos aqui que, para pensarmos os problemas levantados pela neurose traumática e pelas manifestações da compulsão à repetição, o princípio de prazer precisa ser pensado sob dois enfoques. Se o primeiro dualismo pulsional visa pensar o aparelho enquanto fruto da distinção entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, sendo o princípio de prazer consequência da circulação do sexual no aparelho, agora estamos diante de um ‘para-além’ deste princípio.

A repetição e o trauma nos levam a uma tendência presente no aparelho que é a de escoar completamente a energia psíquica, o que levaria o organismo à morte, porém, para que isso seja feito, é preciso que o aparelho tenha uma reserva energética. É essa ‘dupla’ função que vemos no princípio de prazer, na Ligação e na Repetição, que possibilita manter a Vida, ao mesmo tempo em que também abre possibilidade para a Morte.

Como nos aponta Derrida (2005, p. 188), “a única condição para poder dizer que a vida é a morte, é que a repetição e o para-além do princípio de prazer sejam originários e congênitos àquilo mesmo que transgridem” (p. 188). Vida e Morte fundam um ao outro, pois não há Vida sem Morte e vice-versa. Esse momento inicial é

deveria ser entendida enquanto a parcela da sexualidade que aparece no psiquismo sob a forma de energia livre e desligada, ganhando assim o termo ‘pulsão de morte’ que seria contraposta a energia das pulsões de vida, que engloba tanto as pulsões objetivas quanto as narcisistas.

repetido e encenado por cada organismo, bem como pelo psiquismo. Ao abandonar o inanimado, o inorgânico funda a vida e a partir deste momento, vida e morte se unem, passando a buscar a repetição do primeiro ato: morrer e tornar a renascer.

Em uma de suas últimas entrevistas, concedida a George Viereck²⁵¹, Freud ao ser questionado sobre a vida e sua curta duração, aponta que:

do mesmo modo como um pequeno elástico esticado tende a assumir a forma original, assim também toda matéria viva, consciente ou inconscientemente, busca readquirir a completude e absoluta inércia da existência inorgânica. O impulso de vida e o impulso de morte habitam lado a lado dentro de nós (FREUD in SOUZA, 1990, p. 120).

Essa parece ser a sina de tudo o que é vivo, mesmo que o homem acredite que no fundo possa vencer a morte. O que o homem não contava é que esse impulso de encontrar o Nirvana habita dentro dele. Como disse Freud, “seria possível que pudéssemos vencer a Morte, não fosse seu aliado dentro de nós” (1990, p. 121).

²⁵¹ A entrevista encontra-se em: SOUZA, Paulo César (Org). Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan, 1990.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud sempre marcou, ao longo de sua obra, que a pulsão é ao mesmo tempo, o conceito mais importante e obscuro da psicanálise. Importante, pois, à medida que Freud cunha o termo pulsões de autoconservação acaba por afastar o homem dos animais, dando-nos uma especificidade própria. As pulsões de autoconservação marcam que no humano, a biologia do corpo não se dá de forma direta, o que significa que em nós as pulsões não atuam os instintos nos animais.

A relação que o homem mantém com o próprio corpo não é uma relação direta, ela precisa ser construída e essa construção se dá a partir das representações que cada indivíduo forja. Essa construção se dá por intermédio das pulsões, que apesar de brotarem no corpo, só poderão ser sentidas pelo indivíduo ao serem representadas no psiquismo. A pulsão, em forma bruta, enquanto pura energia dispersa, não pode ser manipulada pelo psiquismo.

Esse é o paradoxo da pulsão: ser e não ser. A pulsão pode ser apreendida apenas em pedaços. O dualismo pulsional proposto por Freud nos permite apreender estes pedaços. Em sua primeira definição, o duelo travado entre autoconservação e sexualidade nos remete ao conflito travado entre o indivíduo e a espécie ou ainda entre o individual e o coletivo. A cultura se coloca como fator limitante à satisfação desmedida das pulsões sexuais e traz como consequência a neurose, mas também a possibilidade de uma comunhão entre os homens. É pela cultura que o bicho homem se faz humano.

Longe de marcar uma revolução ou uma ruptura no pensamento freudiano, o segundo dualismo se coloca como consequência dos novos problemas enfrentados por Freud. A distinção entre autoconservação e sexualidade permite explicar e tratar a

neurose e isto se mantém mesmo após a entrada do duelo entre Vida e Morte. O segundo dualismo possibilita pensar nisto que se coloca para além do princípio de prazer, para além da autoconservação e da sexualidade.

Há algo mais ocorrendo no interior do psiquismo, ou melhor, no interior da vida, que se manifesta na compulsão à repetição. É o repetir, o eterno retorno do mesmo que coloca Freud na trilha na Morte e o leva aos limites da teoria. A Morte enquanto aquilo que não possui representação age no interior da Vida de forma silenciosa, fazendo ‘barulho’ apenas quando ligada pela Vida.

O novo dualismo permite a Freud entender a dinâmica da Vida, extrapolando os limites do humano. Para sustentar tal concepção, Freud utiliza uma série de eventos que, apesar de serem explicáveis sob a lógica do princípio de prazer, também apontam para um obscuro, pontos em que a teoria patina e não pode avançar. É aqui que vemos Freud recorrer à clínica, à arte, à filosofia, bem como às próprias vivências do leitor. Como nos diz Certeau (2012, p. 110), “o texto freudiano torna-se confiável por apoiar-se no outro- o recurso ao outro (à “testemunha”) engendra sempre efeitos de crença (...) e se torna confiável em nome do outro”.

Ao tratar do obscuro, Freud explora o que se coloca fora do campo representacional, buscando circunscrever isso que escapa à consciência e para o qual não há palavra possível.

Não me fio muito na eficácia da intuição para trabalhos deste gênero; o que dela observei me pareceu ser mais a consequência de certa imparcialidade do intelecto. O problema é que raramente encontramos imparcialidade quando se trata das coisas últimas, isto é, dos maiores enigmas da ciência e da vida. Nesses casos, acredito que cada um de nós seja dominado por preferências internas profundamente arraigadas que imperceptivelmente dirigem e inspiram nossa especulação. Assim, havendo tão boas razões para a desconfiança, só nos resta adotar uma fria benevolência para com os resultados de nossos próprios esforços intelectuais (FREUD, 2006b[1920], p. 179).

Aqui Freud marca a dificuldade de expor o obscuro através das palavras e do pensamento consciente. A língua utiliza metáforas e figurações para explicar o mundo e seus objetos e nos parece que o texto *Além do princípio de prazer* busca, através de seus ‘vai e vens’ dar corpo e forma a este obscuro que não é acessível à linguagem e ao pensamento. Afinal, como falar disso que escapa, senão por rodeios e especulações?

Por fim, tomaremos emprestadas as palavras de Monzani (1989, P. 218), que resume de forma clara o que a passagem de um dualismo a outro representou para a teoria freudiana,

Em suma, mais uma vez assistimos a esse fenômeno duplo, em que a experiência clínica e um trabalho de refinamento conceitual vão provocando os ajustes necessários, as incorporações das novas descobertas (o narcisismo, por exemplo), as explicitações de certos pressupostos básicos que estiveram norteando, desde o início, as operações conceituais, e a conseqüente redistribuição do papel e da função dos conceitos em jogo. Foi preciso abandonar o par ruptura/continuidade para acompanhar um movimento de pensamento que se estrutura lentamente ante seus próprios postulados e teses, e que, ao longo do tempo, vai tendendo a um ajuste cada vez mais afinado, respeitando sempre os dados novos que a experiência clínica fornece. A chamada “reviravolta dos anos 1920” não é, de maneira alguma, a introdução de conceitos absolutamente novos e absolutamente estranhos à rede teórica da psicanálise até então. Nem é uma pura repetição do já dito, mas sim rearticulação dos conceitos em função de algumas descobertas clínicas e da emergência explícita de um pressuposto fundamental que até esse momento tinha trabalhado subterraneamente na articulação da teoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. La interpretación de los sueños [1900]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. V. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. Tres ensayos de teoría sexual [1905]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis [1910]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. XI. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente [1911 [1910]]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico [1911]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. Introducción del narcisismo [1914]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir y reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis) [1914]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. La represión [1915]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. Pulsiones y destinos de pulsión [1915]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. Lo inconsciente [1915]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. Conferencias de introducción al psicoanálisis [1917[1916]]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. XVI. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer [1920]. Tradução de José L. Etcheverry. In: _____. *Obras completas*. Vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

Demais autores:

CABAS, Antonio Godino. O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

CAROPRESO, Fátima e SIMANKE, Richard Theisen. Entre o corpo e a consciência: ensaios de interpretação da metapsicologia freudiana. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

DE CERTEAU, Michel. História e Psicanálise: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

DERRIDA, Jacques. Freud e a cena da escritura. In: A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993.

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. Introdução à metapsicologia freudiana. Volume 3: Artigos de metapsicologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GAY, Peter. Freud: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GREEN, Andre et all. A pulsão de morte. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

GIACIOA JUNIOR, Oswaldo. *Além do princípio de prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

HANNS, Luiz. A teoria pulsional na clínica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HANNS, Luiz. Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANCHE, Jean. Vida e morte em psicanálise. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

LIMONGI, Maria Isabel de Magalhães Papaterra. A pulsão e seu conceito na metapsicologia freudiana. 1994. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MEZAN, Renato. Freud: a trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MONTENEGRO, Maria Aparecida de P. Pulsão de morte e racionalidade no pensamento freudiano. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

MONZANI, Luiz Roberto. Freud: o movimento de um pensamento. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

MONZANI, Luiz Roberto. O suplemento e o excesso. In: Freud na filosofia brasileira. Orgs. Leopoldo Fulgencio, Richard Theisen Simanke. São Paulo: Escuta, 2005.

MONZANI, Luiz Roberto. As tópicas freudianas. In: Freud na filosofia brasileira. Orgs. Leopoldo Fulgencio, Richard Theisen Simanke. São Paulo: Escuta, 2005.

MONZANI, Luiz Roberto. O paradoxo do prazer em Freud. In: Freud na filosofia brasileira. Orgs. Leopoldo Fulgencio, Richard Theisen Simanke. São Paulo: Escuta, 2005.

NICÉAS, Carlos Augusto. Introdução ao narcisismo: o amor de si. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

RICOEUR, Paul. Da Interpretação: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

SILVA, José Luiz da. Narcisismo e pulsão de morte. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia)- Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

SILVEIRA, Léa. Fantasia, analogia e narcisismo: um argumento contra a tradução de “Trieb” por “instinto”. In: Cadernos de Filosofia Alemã, v. 19, n. 1, p. 189-204.

SOUZA, Paulo César (Org). Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

SORIA, Ana Carolina Soliva. Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

THÁ, Fábio. Representação e pensamento na obra freudiana: preliminares para uma abordagem cognitiva. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 2004, p. 109-128.